

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PROF^a LUCIANA VIEIRA

O LUGAR COMO REFERÊNCIA DE APRENDIZAGEM NO

ENSINO DE GEOGRAFIA

TRAJETÓRIA DOCENTE NO ESTADO DE SANTA CATARINA

PORTO ALEGRE

2018

PROF^a LUCIANA VIEIRA

**O LUGAR COMO REFERÊNCIA DE APRENDIZAGEM NO
ENSINO DE GEOGRAFIA
TRAJETÓRIA DOCENTE NO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitor: Jane Fraga Tutikian

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: André Sampaio Mexias

Vice-Diretor: Nelson Luiz Sambaqui Gruber

Vieira, Luciana

O lugar como referência de aprendizagem no ensino de geografia: trajetória docente no estado de Santa Catarina. / Luciana Vieira. - Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2018.
[186 f.].

Tese (Doutorado).- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS - BR, 2018.

Orientador(es): Nelson Rego

1. Geografia. 2. Educação. 3. Ensino. 4. Aprendizagem.
5. Lugar. I. Título.

CDU 911:37

Catálogo na Publicação

Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS

Renata Cristina Grun

CRB 10/1113

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus do Vale Av. Bento Gonçalves, 9500 - Porto Alegre - RS - Brasil

CEP: 91501-970 / Caixa Postal: 15001.

Fone: +55 51 3308-6329 Fax: +55 51 3308-6337

E-mail: bibgeo@ufrgs.br

PORTO ALEGRE

2018

AGRADECIMENTOS

GRATIDÃO, uma tese onde faço a narrativa de minha trajetória docente são muitas as pessoas que caminharam juntas ou mesmo em paralelo.

A escola é nossa segunda casa, lugar onde passamos nossa vida, na transição entre infância, adolescência e vida adulta se entrarmos na faculdade. Mas o primeiro período da Educação Básica é o que nos marca e até nos identifica na vida, por isso os professores/as deste percurso formativo merecem toda minha reverência, passei por várias escolas responsáveis pela minha formação humana integral as quais cito na Tese, e tenho certeza de que como hoje ouço falas como “minha filha não se esquece de você” eu também não me esqueço de todos/as profissionais da educação que na Educação Básica trouxeram a leitura de mundo para meu olhar. A todos/as professores/as de Santa Catarina minha gratidão e respeito.

Minha graduação em Licenciatura Plena em Geografia foi na Faculdade de Educação – FAED/UDESC, num prédio antigo de muita história, um lugar de muita aproximação, numa relação contígua com técnicos, gestão e em especial professores/as, muitos/as dos quais me auxiliam sempre que necessito no exercício da docência e que criamos a turma no geral grande vínculo de amizade. Quero nomear aqui três professoras saudando em nome delas a UDESC, minha raiz: Lúcia Ayala, Maria Paula Casagrande Marimonn e Isa de Oliveira Rocha, mulheres empoderadas que inclusive definiram minha escolha na pós-graduação pela UFRGS. Destaco a convivência com minha turma de 1996, no virtual ou no presencial seguimos nos comunicando e o que é valoroso que muitos/as atuam na Educação.

O mestrado e doutorado foram na UFRGS, um caminho confesso de superação, mas repleto de gentileza e revelação de novas amizades. Inúmeros debates, leituras, contextos e eu sempre trazendo a teoria para o diálogo com o chão da escola, minha praia, meu lugar de excelência e aprendizagens. Neste contexto acadêmico cito a Professora Dirce Suertegaray, ela sempre me faz ficar assim... deslumbrada! Sua sabedoria na condução de uma aula com seriedade e conteúdo encanta.

No Doutorado tive a oportunidade de conhecer e ser aluna da PROFESSORA Roselane Zordan Costella, assim mesmo com letras maiúsculas, seu livro “A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo” é belo, revela a identidade de nossa profissão de professores/as da Educação Básica.

Nesse processo de escolarização temos a chamada orientação, e de fato o Prof. Dr. Nelson Rego foi um guia na reflexão, com uma presença no olhar, no falar, no caminhar, nas indicações de leitura. Ele vai além do protocolo acadêmico, inspira com dialogo reflexivo de responsabilidade com a escrita. Quando a gente tem mais experiência prática do que teórica no tema de abordagem pode perder a linha de raciocínio, então ele me fez perceber a diferença entre emoção e sentimento. Nossos encontros sempre foram intensos com autonomia e liberdade de expressão, uma orientação com verdade e auspiciosa.

Se a gente contar os anos de nossa vida pra quem chega nesta máxima titulação de 46 anos de vida, 23 anos são como estudante é de fato uma imersão, com encontros e despedidas. Na profissão não é diferente porque segue paralela a formação, e foram muitas amizades, cada escola um encontro, trocas, discussões, gente que apenas passou e muitos/as que ficaram no meu cotidiano ou em meu coração. Quero aqui ressaltar alguns grupos que de maneira direta influenciaram no meu ser professora: professores/as do Ensino Médio noturno de 1999 da EEB Francisco Tolentino, em especial Bruno e Rossano que reencontrei após anos na SED/SC a gente se entendia no olhar, um cuidado com o melhor de nós para aqueles/as adolescentes, dali para o Mestrado.

Grupo da EB Dr. Ivo Silveira minha primeira escola de efetivação profissional localizada em Paulo Lopes/SC, parte maior desta tese e parte melhor de minha docência, lecionar nesta escola permite ser inteira. Os /as estudantes são cativantes, curiosos e querem aprender, de fato essa tese é para e por eles/as. Doze anos de cumplicidade com ensino de Geografia e compromisso social. Algumas colegas de trabalho viraram as meninas superpoderosas - Clarissa (Matemática) Andréia (História) Juliane (Ciências) e Fabiani (Língua Portuguesa), com elas amadureci, nas discussões, no compartilhamento de atividades, no acolher da vida pessoal, nas conversas em conselhos de classe, nas suas casas. Assim entre

papéis, livros, cachaça, cervejas, refrigerantes, cafés, risoto de arroz arbóreo, praia, lagoa, e bares e, entre contradições e coisas em comum elas são um abrigo.

Na mesma escola a querida Dona Arlene, que me recebeu no município com sua experiência e solidariedade. A professora Jade, uma mulher que já nasceu diretora, profissional da comunidade, com jeito peculiar, foram tantas histórias! Ela é pedagoga, mas sempre teve um trato digno com nós professores/as dos anos finais que admito, não tem substituta. No pessoal entrei em seu lar, numa convivência feliz e agradável com Pedro seu esposo, que sempre me recebe com a expressão que mais gosto de ouvir “oh professora!”. Prof. Claudia experiente pedagoga, nos divertimos sobre a questão do Sol com carinha feliz! Ainda na relação de pedagogas, ela que pra mim a maior de todas: Carine Borges nossa vivência no programa CAIS, me fez dar atenção à inclusão a ser mais cuidadosa e a perceber nos detalhes conquistas de aprendizagem.

Saindo do âmbito escola, mas claro sempre rodeada por ela, uma família tem destaque nesta história longa em Paulo Lopes, posso dizer que ganhei avós e irmãos/ãs extras, desde 2006 numa convivência em harmonia, de preocupação um com outro. Exemplificando alguns marcam: Seu Nelo, o cara que muito me lembra de avô materno, um coração lindo, de paz, sempre atencioso e um geógrafo do cotidiano, conhece toda Santa Catarina, e meus vizinhos para todos os momentos: Janete, Altair, Jaqueline e Aline....amo muito!

Vamos para Porto Alegre/RS, local dos estudos e onde a solidariedade predominou permitindo minha permanência na cidade para cumprir as aulas do Doutorado. Precisei muito, mas muito mesmo da acolhida na casa desses/as amigos/as gaúchos. Primeiro o Chisthian que conheci a partir da consultoria ambiental, amigo que disponibilizou espaço por um bom tempo em seu apartamento de segunda a quarta, dias das aulas. Também a Gherta geógrafa no seu apto; a Flávia Bulhões que me ofereceu abrigo na casa de sua mãe Dona Ruth, onde fiquei também em vários momentos e me apaixonei pelas conversas desta ex professora da rede pública, grandes diálogos. O Carlos Bortoli, um ser iluminado uma amizade de 18 anos que só se intensifica, o cara sabe da realidade, mora em POA/RS mais é de SC, sempre me apoiou, no profissional, pessoal e financeiro em momentos de crise, por isso não creio em meritocracia, sem oportunidades e amigos nada feito!

Agora um casal: Tânia e Igor merecem um parágrafo a parte, ela colega de turma de Doutorado que sem me conhecer sentada ao meu lado na sala de aula me ofereceu sua casa para pouso, então durante o período de quatro anos nas idas para orientação a casa deles foi meu lugar em território gaúcho.

Retomando a UDESC um reencontro com a professora Alba Batisti após 25 anos, fui sua aluna de magistério na disciplina de Didática e Prática de Ensino. Queria uma referência na Pedagogia para o quinto capítulo e para grata surpresa ela me acolhe, pensa na felicidade!!! Mesmo entre dez mil afazeres na rotina de professora universitária ela não declinou, e com cuidado fez a leitura e indicou referências, como também participou da qualificação. Recentemente conheci também a gentil Prof. Dra Rosa Militz que atua no ensino de Geografia da mesma universidade que disponibilizou acesso a biblioteca do Centro de Ciências Humanas e da Educação, além também de ser autora de livros para professores/as que aqui referencio. São detalhes que fazem a diferença na elaboração de uma Tese.

Tem aquelas amigas que surgem na caminhada da profissão que você adora consultar especialmente tratando-se de percepções infantis. Então tive a felicidade de através de papos virtuais ter a análise de duas excelentes pedagogas Siomara (Laguna/SC) e Rosane (Palhoça/SC) suas experiências pedagógicas revelaram muito sobre a aprendizagem de crianças nos anos iniciais. Acrescento em Laguna, terra de Anita duas mulheres brilhantes: Karmensita e Daise, meu respeito as suas trajetórias na educação, com elas acontecem trocas significativas, amadurecimento e encontros sociais que construíram uma amizade sólida. Sobre escolas no estado importante marcar a primeira de efetivação EEB Tenente Almachio localizada na Base Aérea em Florianópolis/SC, quando comecei o Doutorado tive o cuidado e atenção da diretora Nivalda e assessora Silene com a logística de horários, passei um ano por lá de grande experiência. Consegui após 1 ano remoção para EEB Frederico Santos em Paulo Lopes/SC estava eu de volta pra casa.

Doutorado é um caminho longo, quatro anos, e acontecem mudanças no período, profissionalmente fui conquistando espaços para além de sala de aula e neste momento a oportunidade fez a diferença e o olhar de quem acredita em você também. Assim aparece Dagmar Diana Fava que me encontrou e me proporcionou uma colocação profissional melhorando e muito minha qualidade de vida, sai

literalmente do aperto, pude entre tantas coisas ajudar minha família. A gente construiu e preserva uma amizade de irmãs, tenho muito carinho, respeito e gratidão. O lugar de indicação foi a Coordenadoria Regional da Grande Florianópolis onde além de adquirir experiência na gestão educacional e conhecimento de todas as atividades que envolvem a dinâmica de funcionamento das escolas, também fiz grandes amizades. Entre elas Kátia Lenfers que me auxiliou com as questões operacionais do computador, me presenteou com o abstract, escutas de uma doutoranda e acolhimento no novo ambiente de trabalho, somos amigas. Elizete Soares Geraldi com formação em Letras fez com desvelo a revisão gramatical desta Tese. E o que dizer da Zaira? Um sorriso que abraça minha fazedora de Emília (sim a boneca de pano do Sítio do Pica-Pau Amarelo) uma amizade de respeito!. De certa forma todos/as na Coordenadoria Regional de Educação desde 2016 acompanham os 50% do caminho. Neste curto tempo passei pela assessoria de gabinete, supervisão de políticas a quem registro aqui um abraço afetuoso para Selma e Suely e na supervisão de gestão de rede, carinhosamente conhecida por “ensino”, meu lugar de aproximação com as escolas. Nesta seara profissional tem a Secretaria de Estado da Educação que me proporcionou estar em eventos do ensino de Geografia e da Educação, destaco a convivência e aprendizagem com a galera da gerencia de políticas que me acolheram nos núcleos como NEPRE e Indígena, e agora recentemente na equipe de trabalho com a BNCC, as quais destaco Suzy e Júlia...aprendizado pra vida toda.

Profissionais das mais diversas áreas também são essenciais nesta caminhada. Prof Rosemy Nascimento, sempre valorizando talentos me convidou para avaliadora de livros didáticos, cresci muito. Prof.^a Bianca do curso extracurricular na UFSC de Francês me auxiliou na aprendizagem da leitura e então consegui executar a prova de proficiência. Dalva, amiga esportista com suas mãos certeiras fez massagens em meu corpo cansado de horas de computador. Psicóloga Thais cuida e orienta meus pensamentos, penso que todo mundo devia fazer terapia, como doutoranda é vital, neste estudo solo que é a Tese. Graziela uma amiga de fé e espiritualidade com seu dom na leitura de cartas em momentos de crise foi alento. Dentista Gláucia que fica na paciência ouvindo um pouco desse processo de escrita durante as consultas. Clenilson, mecânico e amigo sempre presente há anos na minha vida de uma simplicidade única e que em 2017 numa

situação delicada de acidente bastou uma ligação ali estava presente. A pequena grande Jô uma guerreira que preservou o asseio de minha caverna, como chamo minha casa.

Sou de família pequena mãe (Benta), pai (Francisco) e dois irmãos (Carlos e Cristiane), como toda família uma diversidade de jeitos de lidar com a vida, a mãe exemplo de trabalho de luta minha costureira da colcha de retalhos. A família não tem bem ao certo entendimento do Doutorado, mas sabem da importância de quanto tem valor na minha profissão e isso que importa, a gente não conversa muito sobre, mas todos tem certeza do quanto é significativo. Bom dos meus irmãos nasceram nove sobrinhos, pensa !!!! É uma galera, de certa forma cada um e uma contribuíram nas reflexões da Tese, porque claro foram e muitos ainda estão estudantes na educação básica, e neste percurso participo da vida escolar deles/as na escola pública. São por ordem de idade do mais velho ao mais novo: Jeffersson, Luis Carlos, Ana, Gustavo, Nicolas, Augusto Henrique, Nicololy, Vinicius, e João Pedro.

Tem um anjo, uma inspiração maior, um amor do tamanho do universo entre eles/as: **Gustavo Vieira Alcântara**, uma estrela na constelação de minha vida, minha escadaria para o paraíso, tradução de uma das músicas que ele é apaixonado “Stairway To Heaven” da banda Led Zeppelin. Um menino, adolescente que promove a paz, que me traz reflexões para a docência, um estudante com foco pensando na ciência para o bem da humanidade. Amo mais que chocolate!

No início do Doutorado aconteceu um belo e singular encontro com o amor, Regiane, foi intenso, foi lindo, mas terminou. Acredito que há de vir alguém porque a verdadeira felicidade só existe quando é compartilhada. Encerro por fim esse capítulo a parte, valorizando as pessoas dessa trajetória docente que continua, e com certeza outros/as pessoas ainda vão agregar na minha vida! Obrigada!

EPÍGRAFE

Sou feita de retalhos.
Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou
costurando na alma.
Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e
me fazem ser quem eu sou.
Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...
Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras
gentes que vão se tornando parte da gente também.
E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...
Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha
vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos
deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim
pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um
imenso bordado de "nós".

□

Cris Pizziment

RESUMO

O lugar como referência de aprendizagem no ensino de geografia trajetória docente no estado de Santa Catarina objetiva a leitura do mundo a partir do espaço vivido e cotidiano dos/das estudantes da Educação Básica, na perspectiva de marcar a identidade e pertencimento de ser e estar no mundo. O estudo é uma narrativa de minha história escolar enquanto estudante e professora, com experiências vivenciadas em diversos municípios do estado de Santa Catarina. Na trajetória docente relata o trabalho no magistério público da rede estadual de ensino e na rede municipal de Paulo Lopes/SC, percorrendo pela educação geográfica que descortina a formação dentro da profissão. Afirma que a partir da experiência geográfica do lugar dos/das estudantes envolvidos nas suas rotinas e vivências cotidianas é possível ensinar Geografia e alongar o olhar para a leitura integrada do mundo. Demonstra a diversidade de percepções do lugar trazidas nas vivências das crianças e adolescentes, bem como nos referenciais teóricos do ensino de Geografia e nos exemplos de atividades pedagógicas. A avaliação e aprendizagem geográfica compõem um enredo de condução do conceito de lugar como prelúdio ao conhecimento geográfico durante toda a narrativa. Expressa a realidade do exercício da docência considerando uma atividade de interações humanas; no reconhecimento da diversidade no espaço social escola.

Palavras – chave – Lugar. Ensino.Geografia.Educação.Aprendizagem

ABSTRACT

Locus as learning reference in Geography teaching. Teaching trajectory in Santa Catarina State. It aims the reading of the world through elementary students living places and their everyday lives, in the perspective of marking their identity of being and belonging by becoming and being in the world. This study is a narrative of the researcher's school story as a student and teacher with many experiences lived in different cities of Santa Catarina State. In her teaching carrier she tells about her work at the Educational public State system and at the Educational Public system of Paulo Lopes city passing through geographic education that reveals her vocational training. She states that from students' geographical locus experiences engaged in their everyday lives, it is possible to teach Geography and extend their view to an integrated reading of the world. She shows the variety of local world perceptions brought by children and teenagers life experiences, as well, in the Geography teaching theoretical references and by pedagogical activity examples. The evaluation and geographic learning consist of a narrative that drives the concept of locus as the prelude to geographical knowledge during all the narrative. It expresses the reality of teaching practice considering it as an activity of human interactions in the acknowledgment of the diversity in the social place-school.

Key words: Locus. Teaching. Geography. Education. Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1 – Ilustração publicitária escolar década 70 e 80.....	23
Figuras 2 – Ilustração publicitária escolar década 70.....	23
Figura 3 – Colégio Estadual Governador Celso Ramos, década de 70. Município de Blumenau/SC.....	24
Figura 4 – EEB Marcos Konder – município de Ilhota/SC.....	25
Figura 5 – Ilustração sala de aula	26
Figura 6 - Enchente município de Ilhota/SC – 1983.....	28
Figura 7 - Faculdade de Educação – FAED/UDESC	33
Figura 8 – Livro da coleção Vagalume	41
Figura 9 - Representação famílias de colonizadores – Teatro Ilhota/SC	43
Figura 10 – Representação floresta e embarcação – Teatro Ilhota/SC.....	43
Figura 11 - Representação ponte Hercílio Luz e Cristo Redentor – Teatro Ilhota/SC.	43
Figura 12 – Turma 3ª série do EM EEB Francisco Tolentino – 1999	45
Figura 13 – Quintal casa estudante da 5ª série, exposição fotográfica de atividade – EEB Anísio Vicente de Freitas – Santo Amaro da Imperatriz/SC.....	49
Figura 14 – Turma 9º ano EEB Frederico Santos no cinema.....	76
Figura 15 - Mapa conceitual Geografia	96
Figura 16 - Capa livro (AZEVEDO, 1958).	102
Figura 17 - Instituto Hampton Virginia aula de geografia 1899.....	110
Figura 18 - Brasil: Bacia do Xingu, MT	116
Figura 19 - O Verão - Diana Surpreendida por Acteão (1863) – Eugene Delacroix...	118
Figura 20 – Comunicação Câmara de Vereadores ano de 2015 – Paulo Lopes/SC..	139

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Cronologia do ensino de geografia no Brasil.....	22
QUADRO 2 - Quadro de ênfase dos conceitos científicos essenciais	97
QUADRO 2 - Evolução populacional município de Palhoça/SC	125

LISTA DE ABREVIATURAS

ACT	Admitido em Caráter Temporário
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAIS	Classe de Aprendizagem para Inserção Social
CIEA	Comissão Interestadual de Educação Ambiental
CRGF	Coordenadoria Regional da Grande Florianópolis
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC	Proposta Curricular de Santa Catarina
PIBID	Programa de Iniciação a Docência
PME	Plano Municipal de Educação
PNAIC	Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa
PNEM	Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio
SDS	Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Sustentável
SED/SC	Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	16
2 O MÉTODO NARRATIVO	20
3 TRAJETÓRIA DISCENTE – MINHA HISTÓRIA NA ESCOLA	22
3.1 ENSINO FUNDAMENTAL – 1979 a 1986.....	22
3.2 DO RIO AO MAR	28
3.3 ENSINO MÉDIO	30
3.3.1 Palhoça/SC – um lugar e muitos acontecimentos	31
3.4 CONTANDO TRAJETÓRIA NA GRADUAÇÃO.....	33
4 TRAJETÓRIA DOCENTE	38
4.1 O PRIMEIRO DIA A GENTE NUNCA ESQUECE	38
4.2 PROFESSORA HABILITADA.....	41
4.3 PROFESSORA MESTRE.....	49
4.4 TRAJETÓRIA PAULO LOPES/SC – O CONCEITO DE LUGAR É EMANCIPADO	52
4.4.1 Experiências didáticas: Semana do Meio Ambiente	54
4.4.2 Experiências didáticas: Projetos de Trabalho	56
4.4.3 Experiências didáticas: Programa CAIS	58
4.5 DA SALA DE AULA PARA DIREÇÃO	60
4.6 EFETIVAÇÃO NA REDE ESTADUAL DE ENSINO	62
4.6.1 Geografia no percurso formativo	64
4.7 EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS: ATIVIDADE 5ª SÉRIES: MEU LUGAR	65
4.7.1 Reflexões pedagógicas	70
4.8 TRANSIÇÃO: PROFESSORA DOUTORANDA	71
4.8.1 Experiência Didáticas: PNEM	72
4.8.1.1 Impressões pedagógicas	74
4.9 UMA TRAVESSIA PROPOSTA CURRICULAR 2014 – PROFESSORA FORMADORA.....	77
4.9.1 Geografia e diversidade	78
5 O LUGAR COMO IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E EXPERIÊNCIA	83
5.1 O LUGAR NO MUNDO	87

5.2 PENSANDO O CONCEITO DE LUGAR NO RECORTE ESPACIAL MUNICÍPIO	88
5.3 O CONCEITO DE LUGAR COMO REFERÊNCIA DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	91
6 ENSINAR GEOGRAFIA PARA LEITURA DO MUNDO	100
5.1 ENSINAR GEOGRAFIA POR KROPOTKIN E RECLUS.....	103
5.2 REALIDADES NO ENSINO DE GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEO	113
7 O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA.....	128
7.1 PROCESSO DE PLANEJAMENTO: A PRÁTICA DOCENTE	128
7.2 FORMAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE	131
7.3 AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA	133
7.4 DOCÊNCIA DE INTERAÇÕES HUMANAS	137
7 SÍNTESE DA TESE	141
REFERÊNCIAS	148
APÊNDICE A - Semanas do meio ambiente	153
APÊNDICE B - Projeto BR 101	154
APÊNDICE C - Programa CAIS	155
APÊNDICE D - Planejamentos ensino fundamental e ensino médio	156
APÊNDICE E - Planejamento anos iniciais	173
APÊNDICE F - Experiência didática meu lugar	177
APÊNDICE G - Experiência didática: PNEM	178
APÊNDICE H - Experiências didáticas: PAULO LOPES/SC.....	180
APÊNDICE I – Formações	182

1 APRESENTAÇÃO

Apresento, nesta tese, o lugar como referência de aprendizagem para o ensino de Geografia a partir de minha trajetória docente no estado de Santa Catarina. Desde minha origem em Blumenau/SC até fixar residência em Paulo Lopes/SC, os percursos formativos de escolarização e formação profissional tiveram relação direta com os lugares de vivência, fortemente associados ao contexto histórico, social e ambiental por mim vivenciados. Em minha história tem uma linha tênue entre as experiências de vida familiar e dos terrenos pisados com a professora que me tornei.

O ensino de Geografia se consolida em minha trajetória advinda de histórias e contextos espontâneos, quero dizer, sem que fizesse escolhas propriamente ditas. Ser professora também não foi uma escolha, porém nasceu do desejo subjacente de querer ser voz para o/a outro/a, ser presença e interlocutora do bem marcam minha existência.

Ser professora materializou esse querer, posto que posso possibilitar um diálogo mais direcionado com o coletivo. Neste contexto, a Geografia Escolar é facilitadora, porque enquanto ciência humana articula conhecimentos e permite em sala de aula expressão de um currículo integrado.

Mas retomando a história, essa Tese sempre existiu dentro de mim, por desejo de escrever a partir de como leciono, de como acontece no cotidiano o exercício da docência. Registrando minha trajetória, possibilito que o/a leitor/a retome lembranças e escreva sua própria história. O método escolhido foi o da narrativa, uma vez que me aproxima da realidade permitindo, por meio da minha história, que professores/as relembrem as suas, num exercício de se enxergar na grandiosidade desta profissão e levar a reflexão da prática docente, a fim de captar as conexões no conteúdo de Geografia para a leitura de mundo a partir do Lugar.

A concepção desta tese surgiu após um longo período distante da academia, sem vínculo formal e regular, do Mestrado em 2003 até entrada no doutorado em

2014. Foi uma escolha o mergulho no mundo do trabalho, para ampliar experiência e maturidade, em um movimento de fincar os dois pés no chão da escola. Indiscutivelmente, esse período de incubação despertou o sentido completo da docência sob o ponto de vista da formação dentro da profissão. Fator relevante foi à efetivação por meio do concurso público que em 2006 me trouxe para Paulo Lopes/SC, proporcionando uma transição que culminou na tese, constituída por 12 anos na relação com estudantes ao ensinar Geografia, no diálogo com colegas de trabalho professores/as, de argumentação metodológica, de leituras gerais da educação a partir das políticas públicas, diretrizes nacionais e propostas curriculares, neste lugar me permiti ser professora e intelectual.

Neste período, 2013, também ocorreu à efetivação na rede estadual de ensino, situação que agregou entendimento no conjunto da Educação Básica, já que no município é restrito ao ensino fundamental. Importante destacar a caminhada na docência como ACT desde 1994, embora toda essa bagagem com a efetivação tenha feito toda a diferença. Sabe quando você se assenta? Começa a pensar em percurso formativo e ensinar Geografia ao longo de toda a educação básica e não apenas no ano letivo? A permanência marca a distinção na carreira.

Então, após essa hibernação na docência, senti falta de aprofundamento teórico ou mesmo de registrar as vivências do cotidiano contemporâneo e ainda, faltava revelar situações que se apresentaram como desafios no ensinar Geografia. A rotina embriaga a gente, portanto era preciso expandir o pensamento, fazer ciência e, para tanto, escolhi o Doutorado em Ensino de Geografia.

Esta tese é uma narrativa de minha trajetória discente e docente, dialogando com o ensino de Geografia em cinco capítulos. Em trajetória discente – minha história na escola, narro meu percurso formativo como estudante na educação básica até o ingresso no ensino superior, a partir da década de 70 até meados da década de 90 no século XX. Neste espaço de tempo o/a leitor/a pode regressar ao seu tempo, em suas memórias de como se dava em cada lugar o ensino de maneira geral, visto que as marcas de uma vivência são materializadas na paisagem e no olhar de quem, como eu, fui uma nômade enquanto estudante, em virtude das muitas trocas de colégios, nomenclatura utilizada à época, quando o tempo era de pouca reflexão social e mais cumprimento das normas.

O período de estudante na graduação e mestrado coincidiu com a docência, por isso estão entrelaçados em trajetória docente, que é a maior parte da tese, e tinha que ser. Ali estão registradas experiências, andanças, passagens únicas no exercício da docência desde a década de 90 do século XX até a segunda década deste século XXI. Expressão fiel de toda minha trajetória como professora de Geografia, em todas as etapas de ensino e em várias modalidades. Uma versão original e autêntica da sala de aula, da escola e dos caminhos de vida associados à educação no geral. Um retrato que é resultado de um mosaico de ser e estar constituída no mundo como professora. Conto passagens do exercício da docência com exemplos de atividades desenvolvidas, com algumas ilustrações e questionamentos próprios de quem se tornou professora também no caminho da profissão para além da formação acadêmica. Relato também trechos que acresceram qualidade a docência em cargos fora da sala de aula, mas no contexto da educação. É um capítulo que não fica a parte por sua densidade na escrita, todavia responde com força de identidade o que sou e sustenta a tese do **lugar como referência para aprendizagem no ensino de Geografia**.

Seguindo na narrativa o lugar como identidade, pertencimento e experiência, carrega o conceito de lugar como prelúdio ao ensinar Geografia, regido pelo sentido de pertencimento, da identidade e experiência do sujeito de aprendizagem. Lugar, conceito apropriado na Geografia com significado e gênese, numa dimensão humanística e existencialista de análise do espaço geográfico. Tuan (2013) é o maestro que conduz essa abordagem do lugar na primeira parte do capítulo, já na segunda parte, Milton Santos é o autor escolhido para revelar a dinâmica social do conceito de lugar e sua inserção crítica nos livros didáticos e aulas expositivas de Geografia, e que naturalmente seus escritos me influenciaram no exercício da docência e na leitura de mundo. O município enquanto cenário dos acontecimentos do lugar ganha destaque como recorte espacial ímpar para aproximação de vivências dos estudantes e, fechando o capítulo, o conceito de lugar é trazido à tona por meio dos documentos curriculares oficiais do Brasil e do estado de Santa Catarina.

Em ensinar Geografia para a leitura do mundo, busco retratar minhas próprias contradições no caminho da docência, de um início de isolamento na prática para

uma professora integradora na busca por uma Geografia Escolar com significado. Sustento minha fala a partir de Reclus e Kropoting que já traziam, à sua época, em seus escritos, a pedagogia de Geografia na relação com os estudantes. Falo do ensinar na contemporaneidade e tudo que envolve as dinâmicas em sala de aula, sempre na perspectiva do conceito de lugar como referência para a aprendizagem no ensino de Geografia.

O exercício da docência encerra a tese, engrandecendo a profissão de professora e tudo que envolve a mesma, desde a formação ao planejamento, as questões estruturais e administrativas, baseada em fatos reais do meu cotidiano na rede municipal e estadual de ensino em Santa Catarina. A partir de experiências de sala de aula abordo a avaliação em Geografia, assunto de grande relevância para meu amadurecimento e percepção do que é de fato aprendizagem. Finalizo com ênfase no nosso compromisso e responsabilidade social no exercício da docência, e com o respeito e reconhecimento à diversidade humana na escola pública.

A síntese levanta questões e detalhes que transitam por todo o texto da tese, indagações que não se repetem na escrita, mas que partem desta para estimular reflexões sobre ser professora, como uma volta pra casa depois de uma longa e vultosa viagem.

2 O MÉTODO NARRATIVO

Uma tese é fruto de alguma inquietação humana com a vida, buscamos na ciência e nas histórias, argumentos, textos, evidências físicas e teóricas para responder as nossas próprias perguntas. Minhas perguntas nesta pesquisa foram de âmbito profissional, no exercício da docência enquanto professora no ensino de Geografia. Na busca de aprofundar um conceito tão caro para a ciência geográfica – o Lugar – percorri caminhos da vida de estudante, professora e formadora. Para contar a trajetória, e envolver o conceito nela a escolha metodológica foi à narrativa, que acolheu os objetivos da tese na revelação do lugar como referência de aprendizagem no ensino de geografia na trajetória docente no Estado de Santa Catarina.

Narrar uma história de vida envolve um vasto repertório de representações, memórias, neste sentido procurei fidelizar as ações vinculadas aos lugares por onde andei e aos acontecimentos revelados nas paisagens que se descortinaram e deram expressão na condução da docência. Pensar o lugar de fato me constituiu professora e, narrar o exercício de minha docência tem assento na escola pública, revela o trabalho na educação básica, dando voz e visibilidade aos expedientes e rotinas.

Com a oportunidade de diálogo e escuta no processo de qualificação da tese a escolha da narrativa como método acrescentou fluidez ao conteúdo do texto. Mergulhei nas memórias, tempos e espaços, mas que isso, percebi as transições, as mudanças de perspectivas no ato de ensinar, de como avaliar, reconhecer meu lugar de fala e o lugar de escuta dos/das estudantes. Foi um exercício para legitimar o ensino de Geografia com autoria e protagonismo de uma professora da Educação Básica, estudando o lugar para, dele, olhar o mundo e voltar pra casa.

A base conceitual selecionada foi à obra intitulada “Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa” (Clandinin e Connely, 2015). Estes autores têm seu trabalho fortemente influenciado por Jonh Dewey pensador da área

da educação que entende a experiência das pessoas como pessoal e social num constante processo de interação. Afirmam que “pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência (...) pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas” (Clandinin e Connely, 2015, p. 51)

Nesta perspectiva a tese foi escrita como descrita na apresentação em cinco capítulos sendo eu, professora Luciana, como protagonista e personagem na interação com a complexidade dos movimentos da educação, contexto histórico e geográfico e aprendizagens no percurso formativo da atuação docente. Com a consciência de uma narrativa de aproximação com a realidade experimentada e vivida, compartilhei cenários, memórias e práticas pedagógicas. Importante manifestar que “á medida que pensamos sobre aprendizado de uma criança, sobre a escola, ou sobre uma política em particular, há sempre uma história que está sempre mudando e sempre se encaminhando para algum outro lugar” (Clandinin e Connely, 2015, p. 31). Ao narrar minha trajetória ficou claro que agregar experiências em diversos lugares direcionou meu foco como professora para reflexão sobre ensino e aprendizagem e interações humanas. E, escrevendo também emerge a consciência da necessidade da redação de todos/as nós professores/as da educação básica de nossas histórias. A tese traduzida numa linguagem coloquial, mas com base conceitual científica demarcada conversa constantemente como o/a leitor/ra permitindo conexões demonstradas a partir dos exemplos de atividades pedagógicas e da própria reflexão da autora no processo.

A pesquisa narrativa é uma descoberta no campo educacional que se apresentou no contexto de minha trajetória no exercício da docência, como nos colocam Clandinin e Connely, 2015 “para a pesquisa narrativa é mais produtivo começar com explorações do fenômeno da experiência” e foi o caminho que percorri, explorando memórias, selecionando momentos significativos e representativos do ato de ensinar. Entendo que uma pesquisa narrativa expande o pensamento, nos traz a realidade às consequências de nossas ações no percurso formativo de nossos/as estudantes. No meu caso ao ensinar Geografia tendo o lugar como referência de aprendizagem trago a tona um conceito que por sua proximidade a realidade de vida amplia a leitura de mundo das crianças e adolescentes.

3 TRAJETÓRIA DISCENTE – MINHA HISTÓRIA NA ESCOLA

3.1 - ENSINO FUNDAMENTAL – 1979 a 1986

Escrever minha biografia escolar é retomar lembranças e atravessar caminhos que trafegam por uma educação de transições, mudanças estruturais e de legislação, como também alterações de comportamento cultural nas famílias em relação ao espaço social escola. É também percorrer na própria linha do tempo do ensino de Geografia no Brasil o reflexo em minha formação como estudante, dos currículos pensados a partir da década de 70. Por isso mostro a seguir um quadro síntese da cronologia histórica do ensino de Geografia no Brasil, onde estou inserida desde início dos meus estudos na década de 70 até adentrar na universidade na década de 90 do século XX.

Quadro 1 - Cronologia do ensino de Geografia no Brasil

Ano	Acontecimento	Contexto
1837	Implantação como disciplina escolar obrigatória (Colégio Pedro II – Rio de Janeiro)	Formação política das elites
1838	Criação do Instituto histórico e Geográfico Brasileiro	
1900 - 1905	Consolidação da disciplina em território nacional	Formação cívica e conhecimento regional Lançamento Compêndio de Geografia Elemental (de Manuel Said Ali Ida)
1934	Institucionalização universidades, curso implantado na Universidade de São Paulo – USP	Influência escola francesa
1966	Publicação obra Yves Lacoste “Geografia do Subdesenvolvimento”	Ideias da Geografia crítica
1964-1985	Unificação de História e Geografia – período militar LEI 5692/71	Estudos Sociais
1978	Obra “Por uma Geografia nova” Milton Santos	Estudar contexto social
1987	Primeiro Fala Professor – Encontro Nacional de Professores de Geografia	Brasília
Década de 90	Debates e discussões território nacional	As perspectivas da ciência para o século XXI, no processo de ensino-aprendizagem
1998	Lançamento oficial objetivos da Geografia (Parâmetros Curriculares Nacionais – MEC)	Estudantes devem conhecer e compreender as relações entre a sociedade e também a dinâmica da natureza e suas paisagens.

Fonte: Adaptado de <http://educador.brasilecola.uol.com.br> (acesso em 02/01/2017) e VLACH, Vânia Rúbia Farias. O ensino de geografia no Brasil: uma perspectiva histórica 187-218 in VESENTINI, José Wiliam. O ensino de Geografia no século XXI. 2013

Nesta linha do tempo minha presença se dá a partir da década de 70, dado que ingressei no primário (atual anos iniciais) em 1979 estando, assim, em um contexto de mudança dos paradigmas da ciência geográfica que resultou, posteriormente, em consequências na educação escolar. Claro que na época enquanto estudante não tinha essa percepção, era apenas uma criança.

Entra em cena Milton Santos com a formação sócio-espacial, pensando no espaço como instância social ativa. Suas reflexões percorrem na academia e vêm a ganhar substância somente mais tarde, na década de 80 e 90, na formação de professores, na escrita dos livros didáticos e nas práticas docentes. Digo isso porque, no meu percurso formativo. A Geografia Escolar no meu tempo ainda consistia na exaltação da ordem e progresso por meio da disciplina de Estudos Sociais, como era no primário. O nacionalismo estava materializado no estudo do território brasileiro e seus símbolos nacionais, uma verdadeira ideologia do pensamento patriótico, com ênfase na construção de uma identidade nacional (figura 1 e 2) Estudar o território brasileiro tinha a marcante presença da descrição das paisagens e riquezas ambientais como elementos de exploração industrial.

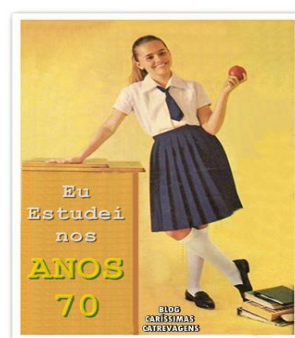
Figuras 1 – ilustração publicitária escolar década 70 e 80.



Fonte:

<http://carissimascatrevagens.blogspot.com.br/>

Figuras 2 – ilustração publicitária escolar década 70.



Fonte:

<http://carissimascatrevagens.blogspot.com.br/>

A continuidade se deu ao longo da 5ª até 8ª série do ensino fundamental onde havia as disciplinas de Organização Social e Política do Brasil – OSPB e Educação Moral e Cívica, seguindo ainda no chamado plano curricular do Magistério. Enfim, sou fruto da LEI 5692/1972 implantada no período de Ditadura Militar (1964-1985)

quando, segundo Vlach; Vesentini (2013 p. 217) “a geografia e a história foram descaracterizadas e diluídas nos chamados estudos sociais”.

Já nos encontramos, assim, em pleno domínio dos Estudos Sociais, cujo objetivo é a integração espaço-temporal e social do educando em âmbitos gradativamente mais amplos. Os seus componentes básicos são a Geografia e a História, focalizando-se na primeira a Terra e os fenômenos naturais referidos à experiência humana e, na segunda, o desenrolar dessa experiência através dos tempos. O fulcro do ensino, a começar pelo "estudo do meio", estará no aqui-e-agora do mundo em que vivemos e, particularmente, do Brasil e do seu desenvolvimento; (...) O legado de outras épocas e a experiência presente de outros povos, se de um lado devem levar à compreensão entre os indivíduos e as nações, têm que de outra parte contribuir para situar construtivamente o homem em sua circunstância. (BRASIL, 1972, p. 403)

Sob a égide da 5692/72 ingressei na Escola de Educação Básica Governador Celso Ramos – Blumenau/SC (Figura 3), um ambiente bem marcado pela religião cristã católica, uma vez que a escola tem suas origens no clero, primando por normas rígidas de disciplina, assim como foi minha educação familiar. Neste sentido lembro-me de cumprir rigorosamente as regras: uniformes impecavelmente passados e limpos, sem correria na hora do recreio e todas as tarefas realizadas já que, como dizia minha mãe, “escola é lugar de estudar”. E assim se deu minha história na cidade de Blumenau até os nove anos.

Figuras 3 – Colégio Estadual Governador Celso Ramos, década de 70. Município de Blumenau/SC -



Fonte: www.google.com.br/imagens

Ainda na região geográfica e hidrográfica do Vale do Itajaí nos mudamos para o município de Ilhota, localizado na foz do rio Itajaí Açu. Neste momento começa uma nova história de vida escolar, porque fiz novas amizades e vivenciei a alegria de ir pra escola de bicicleta com os primos. Vale lembrar que a rotina escolar foi afetada nos momentos de enchentes, mesmo com a continuidade do ano letivo. Também devo à situação causada pelas enchentes a ausência, nesta narrativa, de registros fotográficos, visto que foram levados pelas águas.

Então, no mesmo ritmo de estudos alicerçados por rígidas regras, ingressei na 4ª série do primário na Escola de Educação Básica Marcos Konder (Figura 4). Estudava numa sala com aquelas carteiras de madeira com um banco para sentar em duplas (Figura 5). A professora classificava as filas como “do avião”, “do carro” e da “carroça”, uma vez que, assim, distinguia o processo de aprendizagem naquele contexto histórico. Era competitivo, não me lembro de pensar sobre a situação, sobrevivi e, de certa maneira, essa estrutura foi moldando meu perfil de estudante, exigente nas cobranças de mim mesma. Essa condição vai se refletir na minha vida escolar até a universidade, momento em que começo a ter uma percepção na minha formação, numa perspectiva mais humana, crítica e integral.

Importante sinalizar que aqui, nesta narrativa, se materializa a influência do lugar na minha aprendizagem, já que os modos de vida, a cultura, a paisagem e os valores morais sociais estiveram presentes e marcaram toda a minha trajetória como estudante.

Figura 4 – EEB Marcos Konder – município de Ilhota/SC



Fonte: arquivo autora

Figura 5 – ilustração sala de aula -



Fonte: acervo Museu da escola catarinense <http://www1.udesc.br/>

A minha infância foi marcada como a escola sendo uma extensão do lar, e minha família tratava professores com honras e muito respeito. Era tradicional, todavia essa leitura se deu por mim apenas na atualidade. A Geografia seguia a cartilha, num estudo totalmente direcionado ao Brasil, suas regiões e muito forte nos aspectos naturais e caracterização física do território. Decorar era preciso, com perguntas do tipo: onde nasce o rio São Francisco? Nunca esqueço isso, a gente respondia: Serra da Canastra, sem nenhum contexto social implícito na explicação. Fiquei nesta escola no município de Ilhota/SC até parte do ano da 6ª série, que seria completada em 1984 no município de São José/SC, outro lugar e outra história.

Porém, antes de narrar como se deu a mudança de cidade é preciso escrever sobre ENCHENTES – episódios sequenciais em 1983 e 1984 que paralisaram a dinâmica e rotina da população em SC e, sobretudo no Vale do Itajaí, o rio ficou gigante: 16 metros acima de seu nível. Desse modo, morando no que conhecemos geomorfologicamente como planície de inundação, fomos atingidos e isso fez com que passássemos uma estada forçada no morro na casa de amigos. Aulas canceladas, cidade paralisada, eu com 11 anos, uma criança, e as cenas permaneceram na memória. Entretanto a vida tinha que seguir, então, assim que a água voltou pro seu leito, descemos e, com solidariedade e trabalho, aos poucos fomos reconstruindo e nos renovando.

Para chegar até escola era assim: seguia pelo lodo envolto nas pernas até a casa dos meus avós maternos, tomava banho e continuava. Não tenho percepção de sofrimento, isso veio mais tarde já no litoral. De certa forma voltar às aulas naquele momento para os nossos pais era visto com alívio e necessário para que eles tivessem menos preocupação. Porém não nos enganemos, pois a cobrança por disciplina, respeito aos professores e bom desempenho as águas não levaram. Nesse período escolar, no interior, a vida seguiu assim, estudar durante a semana e brincar somente no fim de semana com meus primos, porque a gente morava pertinho. Fico aqui, caro leitor, lembrando e as imagens aparecem acompanhadas de cheiros, visto que dado o tempo que as coisas ficaram submersas, formou-se um lodo de cheiro podre insuportável. A imagem das formigas tentando salvar-se é forte – empilhadas umas sobre as outras subiam e formavam uma grossa coluna num caule de qualquer planta. Perdemos tudo de material, olha a família foi guerreira, e, claro penso também nos profissionais da escola que além de suas casas tinham que recuperar a escola.

Essa dinâmica é contada assim, já que está sob a ótica de uma criança que tem como roteiro uma história sem a percepção da dor. No entanto, nos adultos a preocupação deveria ser gigante, dadas suas responsabilidades e a própria luta em prol da reconstrução. A paisagem foi muito modificada pelo excesso de rejeitos e solo carreados para os quintais das residências, aliás, no terreno da casa de meu tio, morador das margens do rio, ficaram as marcas daquele tempo. De certo modo, foi mais fácil contornar os entulhos do que retirar, assim também se foi contornando a vida. A dinâmica do município foi alterada, algumas famílias como a nossa foram embora, outras transformaram suas residências em dois andares e outras foram removidas das margens.

De todo cenário o que ficou impregnado na minha mente foi à vista da planície inundada (Figura 6), a convicção da soberania do rio. E daí pra frente também o encantamento com o Lugar – Ilhota.

Figura 6 – Enchente município de Ilhota/SC – 1983



Fonte: <https://blogdodcvitti.com>

De colonização belga, Ilhota é a terra natal de minha mãe e meus avós maternos. Sempre fui de fato apaixonada por este lugar, onde a infância foi feliz com meus primos e primas, em contato com a terra e natureza. Foi triste a despedida em 1984, porque literalmente partimos para um mundo novo. No entanto voltaremos a conversar sobre esse lugar porque houve retorno.

Estamos na década de 80, 1984, meu pai que trabalhava como motorista de malote do Banco Real (extinto) foi convidado a fazer o trajeto Florianópolis-Joinville e toda dinâmica de vida se modificou: caminhos, relações, paisagens. Vai-se o rio e vem o Mar.

3.2 - DO RIO AO MAR

Mudamos para a região classificada pelo IBGE como Grande Florianópolis, para a cidade de São José/SC. Lugar onde passei minha adolescência de descobertas e conflitos. Neste ponto, refiro-me aos estudos, porque houve uma mudança de cultura, de organização do espaço e das relações sociais. Em 1984, fui matriculada no segundo semestre na Escola Básica Nossa Senhora da Conceição, na sexta série, e no outro ano continuei na sétima série. Porém, em virtude de minha dificuldade de adaptação ao novo convívio, em especial na relação com colegas de classe, pedi para minha mãe que me transferisse de escola. Segundo minha mãe

naquela época eu sofrera “*bullying*”, mesmo não sendo reconhecido como tal ainda. Certamente são questões de comportamento que não cabem aqui, no entanto certamente acontecem no âmbito escolar e não podem ser negligenciados, pois alteram a vida escolar e social de crianças e adolescentes. Fico pensando quanto pesado não foi pra mim naquele momento ao ponto de questionar a escola, a me incomodar vindo de um percurso que até então não tinha passado por tal situação! E se não tivesse a possibilidade de ir para outra escola próxima? Enfim, coisas a pensar. Neste exemplo da vida real como professora sinto o peso e a importância de uma proposta curricular tendo a diversidade como princípio formativo, como no nosso caso em Santa Catarina. Em especial a atualização deste documento em 2014 trouxe empoderamento a minha profissão, fato a ser parte da narrativa no capítulo que trata da trajetória docente. Contudo é útil trazer aqui um fragmento para entendimento do quão é necessária à abordagem da diversidade no ambiente escolar.

Ao abordar o tema diversidade não se pode restringi-lo aos grupos considerados excluídos, caracterizados como –os diferentes – os diversos, ou seja, como aqueles que não atendem a norma ou ao padrão estabelecido a partir de uma identidade hegemônica como referência. A diferença está em todos nós! Somos pessoas únicas e em constante transformação num ambiente, também em constantes transformações. (SANTA CATARINA, 2014, p.55)

Diante da situação fui para EEB Maria José Barbosa Vieira no mesmo município. O percurso Blumenau – Ilhota e São José como estudante na educação básica marcou minha trajetória discente no ensino fundamental.

Lugares com suas dinâmicas próprias e eu envolvida , quando a gente é estudante adolescente não percebemos muitas dessas mudanças, somente na vida adulta e, claro, registrando a trajetória, que vamos amarrando histórias e dando significados. Neste período de vivência urbana, confesso que foi difícil porque as diferenças gritavam; primeiro a transição do primário para o ginásio que até hoje sinaliza uma ruptura dolorida na vida das crianças, a passagem para a adolescência, e a convivência na cidade grande me afetaram bastante, uma vez que estava acostumada com o interior e a tranquilidade da cidade pequena. Chego à conclusão que essa experiência confirma minha tese **lugar como referência de aprendizagem no ensino de Geografia**.

3.3 – ENSINO MÉDIO

Completo no Colégio Estadual Maria José Barbosa Vieira, a primeira série do 2º grau (atual Ensino Médio), entretanto, por conta da dificuldade nas Ciências Exatas e na Língua Estrangeira optei em ir para o Colégio Estadual Prof. Aníbal Nunes Pires, localizado no município de Florianópolis (continente), onde cursei magistério. Queria ser professora? Confesso que não, foi de fato uma fuga. Tinha em mim um desejo de justiça social, sem ao menos saber bem o motivo. Acredito que na adolescência temos ideias e não escolhas do que vamos fazer e ser. Na época era forte o querer cursar Direito na faculdade, tanto que foi o que tentei no primeiro vestibular.

E a Geografia? Apenas presente no plano curricular como posto no histórico escolar: 1ª série um currículo de base comum, denominado Educação Geral com Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Inglês, Geografia, História, Educação Moral e Cívica, Matemática, Física, Química, Biologia e Educação Artística. Na 2ª série foi Língua Portuguesa, Matemática, OSPB, Fundamentos de História e Filosofia, de Biologia, de Psicologia e Sociologia, Educação Física e Didática e Prática De Ensino. Na 3ª série Língua Portuguesa, História, Matemática, Biologia, Educação Física, Didática e Prática de Ensino e Estrutura e Funcionamento de Ensino do 1º Grau.

Importante registrar que já no magistério assumia uma característica de professora indagadora das regras institucionais, sempre preocupada mais com a prática docente. Acredito que o ser professora nasceu ao menos no plano intelectual antes da Geografia. Eu de fato não tinha tato com a prática de ensino dos anos iniciais, isso era certo. No entanto, curiosamente, entrei em conflito na disciplina de Didática e Prática de Ensino por conta da formalização e obrigação de planejamentos. Sempre fui muito prática, penso que as enchentes me tornaram mais sensível ao empírico. Escrevo aqui porque as lembranças vêm na contramão daquela ideia. Sustentada por convicção 25 anos depois na minha prática docente, valorizo e incentivo o planejamento de ensino, como também reencontro na UDESC a Profª Drª Alba Regina Battisti, professora da referida disciplina no magistério em

1989 e que agora é referência nesta tese na cobertura pedagógica. O tempo na narrativa desta trajetória revela fatos imprevisíveis.

3.3.1 - Palhoça/SC – um lugar e muitos acontecimentos

Deixar a região do Vale do Itajaí não foi fácil, sempre quis voltar, e voltei, porém essa é uma história também para narrativa docente. Aqui cabe dizer que como filha, segui com a família. A adaptação a São José, como já mencionada na escola, foi conturbada, todavia na vida social foi tranquila, desbravando espaço urbano como adolescente.

Em 1989, último ano do Ensino Médio, mais uma mudança que literalmente movimentou a vida em todas as dimensões humanas. Ano de conquista social – saída do aluguel para a casa própria - o lugar: bairro Caminho Novo no município de Palhoça/SC. Completamente novo, já que na época Palhoça era distante se comparar onde a gente residia. Município de bairros populares, constituído de loteamentos, onde fomos residir em uma casa de conjunto habitacional: aquelas residências padrão, onde tudo é igual, com pouca estrutura de acesso e assistência. Causou em mim, com meus 17 anos, um estranhamento gigante, o segundo posso dizer, foi complicado! Entretanto, como tudo na vida a gente se acostuma, segui construindo novas relações e consolidando vivências. Palhoça/SC foi cenário e lugar de transições, da adolescência para vida adulta, do estado de estudante para trabalhadora com carteira assinada, dos conflitos existenciais pessoais, da entrada na faculdade, do início da docência, do questionamento das crenças e identidade de gênero, da continuidade dos estudos com especialização e mestrado até efetivação como professora na escola pública. Acrescento aqui que toda essa vivência em Palhoça/SC repercutiu significativamente na trajetória docente na região e na relação com colegas de trabalho e estudantes anos mais tarde em Paulo Lopes/SC.

Uma trajetória, muitas histórias... Terminei o magistério em 1989, mas só ingressei na faculdade em 1992, por quê? Porque eu queria fazer Direito, lembra? Tentei, até cheguei a me matricular com muito esforço num curso pré- vestibular em

virtude de minha dificuldade em conteúdos das ciências exatas, porém minhas tentativas em adentrar na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC não tiveram êxito. Então num dia qualquer no ônibus, escutando música no meu walkman e em período de inscrições para vestibular, surgiu um amigo e sugeriu que eu me inscrevesse também no vestibular da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. O problema era que eu não me interessava por nenhum dos cursos oferecidos (História, Geografia, Pedagogia e Biblioteconomia). No entanto, a vontade de ingressar no universo acadêmico era tamanha que me inscrevi para Geografia. Definitivamente não foi uma escolha, mas uma opção, já que nem a Pedagogia, que seria a continuidade do magistério, moveu-me. Sendo assim prestei vestibulares para UFSC e para UDESC. Não consegui na UFSC e passei para Geografia da UDESC. Fiquei muito feliz, na época lembro que trabalhava numa clínica de radiologia e antes de ir para o trabalho fui verificar o resultado. Fiquei tão eufórica e nervosa que ao chegar ao trabalho minhas colegas tiveram que me dar chá de melissa. No retorno pra casa no ônibus da Jotur, ao som de Vento Ventania, música da banda Biquíni Cavado, anos 80, no meu walkman, comemorei o ingresso na Faculdade de Educação – FAED/UDESC no curso de Geografia. A princípio, como já comentei, seria tão somente uma passagem, no entanto permaneci no curso. Então vocês agora podem concluir o que aconteceu... Estou aqui no Doutorado em Ensino de Geografia!

3.4 - CONTANDO TRAJETÓRIA NA GRADUAÇÃO

Figura 7 - Faculdade de Educação– FAED/UEDESC



Fonte: acervo: Museu da escola catarinense <http://www1.udesc.br/>

Neste histórico e imponente prédio que atualmente é o Museu da Escola Catarinense estudei de 1992 a 1996, quatro anos e meio no curso de Licenciatura Plena em Geografia (Figura 7).

Nosso currículo era extenso, distribuído por nove fases, com quatro anos e meio de duração, que integravam disciplinas da educação, da chamada Geografia Humana e Física. A prática de ensino e estágio supervisionado era concentrada na última fase. Ter feito o mestrado foi de grande auxílio, visto que a maioria das aulas era ministrada por professores/as especialistas e não com formação na educação ou com experiência no chão da educação básica, com algumas raras exceções alguns/mas faziam associação didática do conteúdo. No conjunto de toda graduação pode-se dizer que aprendemos profundamente a Geografia, mas não como ensinar. Tínhamos o conhecimento e este era de excelência, todavia o fazer ser Geografia Escolar foi no caminho da profissão.

Quando adentramos no mundo universitário somos jovens querendo dominar o mundo e não nos aprofundamos nas teorias, penso que também não aproveitamos na totalidade os conteúdos e leituras iniciais. Em um currículo com Sociologia, Psicologia e Filosofia nas primeiras fases, realmente o entendimento dos conceitos tem suas lacunas. Aos poucos os temas da Geografia vão se agregando ao conhecimento geral. A Epistemologia foi bem aprofundada e ali já entendia a relevância das raízes dessa ciência, porém confesso ainda não estar preocupada com a didática, na verdade sempre entendi que o conhecimento seria o alicerce, suporte e elemento articulador na docência.

Parece contraditório, mas foi assim: uma formação segmentada, mais aprofundada e integrada ao seu jeito, de certa maneira não concebia a divisão entre Geografia Física e Humana, ia sempre pensando na Geografia. Quero reforçar essa percepção porque acredito que a formação foi assim e isso me proporcionou exercitar uma docência com reflexos da gênese do pensamento geográfico: ver o mundo.

Durante a graduação participei como bolsista também do CNPq, juntamente com mais três colegas do curso no projeto de pesquisa intitulado “Estudo da Evolução de Encostas em Áreas de Risco, município de Florianópolis/SC. Esta pesquisa trouxe à tona uma professora cidadã preocupada e querendo agir nas questões sociais, bem como nas políticas públicas. Eu, de fato, fixei raízes na Geografia, nesse compreender da tão falada relação sociedade e natureza. Entretanto queria mais, queria atuar num projeto que tivesse Ilhota/SC como cenário porque sempre quis escrever sobre o município de minha infância feliz e as coisas que aconteceram durante os anos de enchentes, e foi na disciplina de Geografia de Santa Catarina que a oportunidade apareceu, assim elaborei meu próximo projeto de pesquisa, também como bolsista do CNPq intitulado “O impacto das enchentes sobre a dinâmica populacional do município de Ilhota/SC: uma visão do espaço geográfico”.

Importante aqui destacar a relevância da pesquisa durante a graduação, essa experiência me fez a professora pesquisadora que sou hoje e o valor na prática docente que dou à iniciação científica dos/as estudantes. Trabalhar com a pesquisa se constituiu numa rotina didática na minha trajetória docente, o que incorporei mais

tarde foi referência primeiro ao lugar como ponto de partida e motivação para o início da investigação.

A pesquisa foi sem dúvida responsável por um desempenho acadêmico e docente melhor. Hoje levo isso na minha prática pedagógica incentivando a investigação científica por todos os mecanismos existentes. Saber pesquisar amplia a perspectiva do conhecimento, intensifica a capacidade de leitura do mundo, desperta curiosidade e interesse tão raros nos nossos estudantes de ensino médio, por exemplo. É uma ilusão pensar que a comunicação digital nas redes é suficiente para adquirir saber, a internet é muito mais comunicação social e informação, pesquisar é bem mais amplo e profundo. Pesquisar é ler livros, jornais, revistas, artigos, é dialogar.

Escuto muito professores/as falarem de falhas na formação com ausência da didática para ensinar a ensinar. No entanto, na Geografia e seu histórico no Brasil, sabemos que desde o início da sua institucionalização nas universidades não era esse o objetivo, tanto que essa necessidade foi vista em outro momento com a implantação dos cursos de Pedagogia. Lembrando que estamos na década de 90 ainda sob a égide da 5692/71, mas já com as discussões de uma nova legislação que se consolidou em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB. Na sequência, em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, onde, na Geografia, sofreram forte influência dos escritos e pensamentos de Milton Santos.

Os conhecidos PCNs já traziam no sumário, na parte concernente à “caracterização da área de Geografia”, um subtítulo “conhecimento geográfico e sua importância social”

A Geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem (...) trabalha com diferentes noções espaciais e temporais (...) com fenômenos sociais, culturais e naturais (...). A preocupação básica é abranger os modos de produzir, de existir, de perceber os diferentes lugares e territórios como fenômenos que constituem essas paisagens e interagem com a vida que os anima. (BRASIL, 1998, p.26/27)

Essas novas demandas no campo da Educação ainda não refletem integralmente no currículo do curso, nos livros didáticos, são mais temas de discussão em congressos, seminários, pesquisas, no mundo real da Geografia Escolar fica dependendo das posições políticas assumidas pelo corpo docente, Mas claro, cabe aqui pontuar que estou numa narrativa singular de uma trajetória em Santa Catarina aquém dos intensos movimentos no eixo Rio - São Paulo. Como relato inicial eu, como estudante na educação básica, não senti o período da Ditadura. As percepções de ser e estar no mundo acontece quando atuo na docência, porque é na escola, no cotidiano do ensinar que elaboramos e reinventamos o fazer geográfico e se amplia a leitura de mundo.

Ainda na graduação inicio a docência no ano de 1994, narrativa a ser feita posteriormente, mas válida de ser colocada aqui dado que este fato antecede dois anos antes da formatura e já fui para estágio com um período de vivência. O estágio como sabemos não corresponde à realidade, porque temos tempo, estudo e orientação exclusiva antes de ministrar a aula propriamente dita. Obviamente a organização do estágio mudou bastante nos currículos desde a década de 90 e se qualificou também com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID.

Em 1995, na época de Natal, ocorreu em SC outra enchente e, desta vez, a região da grande Florianópolis foi a mais atingida, com o município de Palhoça, onde residia, tendo 60% de seu território inundado. Foi tudo muito rápido: a combinação de maré alta com altos índices pluviométricos e mais obstruções nos canais de drenagem no bairro, corroboraram para o caos. Lembro que tínhamos ido para Praia de Fora, em Palhoça, na véspera dia 24/12. A casa estava limpa, decorada e abastecida para o almoço de Natal e então tudo se perdeu. Foi muito triste, com 23 anos senti não mais como criança o que meus pais sofreram na década de 80 em Ilhota/SC. Lembro-me de ter voltado bem triste para o último semestre da faculdade em 1996. Cheguei a incorporar no relatório final de pesquisa como bolsista do CNPq um relato a respeito da representação sentimental das enchentes.

Em julho de 1996 ocorreu a formatura. Foi um momento ímpar. Na verdade penso que independente do que faremos após a graduação essa é a fase que marca e fundamenta nosso profissional, posso dizer que vivi a universidade em tudo que

esse universo pode proporcionar em ensino, pesquisa e extensão. Na sequência deste mesmo ano, no segundo semestre, entrei na Especialização em Educação e Meio Ambiente, sendo que o projeto de pesquisa sobre as enchentes em Ilhota/SC serviu de base para meu ingresso no curso, onde desenvolvi a monografia intitulada “Recursos hídricos no município de Ilhota/SC: diagnóstico do uso e qualidade”. Esta ligação com a água e aquele município seguiu até o Mestrado e vai marcar minha atitude na escola em relação a acontecimentos de grandes desastres naturais em qualquer lugar e com ações efetivas em Santa Catarina, a serem narradas na trajetória docente.

Um percurso formativo marcado por quatro mudanças entre municípios, do rio ao mar, muitas escolas, cinco só no ensino fundamental e duas no ensino médio para encerrar o ciclo da Educação Básica. Todos esses lugares e paisagens e o fenômeno natural – enchente – grifam minha trajetória discente e num revezamento fazem a passagem para o próximo capítulo - a trajetória docente.

4 TRAJETÓRIA DOCENTE

4.1 – O PRIMEIRO DIA A GENTE NUNCA ESQUECE

Refletir a própria história de vida e as experiências vivenciadas e acumuladas durante o exercício profissional é um processo que leva o sujeito a repensar suas ações no presente e no passado (...) Reedição constante da identidade. (PINHEIRO e PORTUGAL & CHAIGAR, 2015, p.113)

Fazendo uma retrospectiva em minha vida profissional, lecionei por muitos territórios que foram cenários do meu exercício de docência. Antes de fixar âncora em Paulo Lopes, estive ensinando a Geografia em Palhoça, São José, Santo Amaro da Imperatriz, Ilhota, Tijucas e Florianópolis. Essa é a história que começo a revelar!

Inesquecível primeiro dia em que o giz se dissipou em minha mão na EEB Governador Ivo Silveira. Eu estava nervosa, e quem não estaria? Aqueles olhares e você ali na frente sozinha, com a responsabilidade do mundo. No entanto aquele chão era meu, já tinha tido um ensaio desta sensação no estágio, porém é sabido que este é apenas uma encenação bem organizada, pois a grande estreia é no trabalho contratado.

No primeiro encontro com a docência ocorreu uma experiência cheia de surpresas na relação com os estudantes e um tanto imatura com a gestão, pois eu ainda não tinha visão de contexto escolar em sua rotina habitual, assim como não tinha leitura das políticas públicas, já que me encontrava na condição de professora temporária, sem vínculo de trabalho efetivo, enfim, uma professora iniciante. Procurei apenas exercer o ensino da Geografia chegando no horário de minhas aulas, portanto a interação era praticamente nula com os demais colegas. Ao relatar este início penso na necessidade de um acolhimento inicial na profissão, porque o/a professor/a novato chega literalmente chegando, apresenta-se na direção, onde lhe é entregue seu horário, suas turmas e, em seguida, é encaminhado à sala dos professores. Você entra e aprende no fazer, estabelecendo referência à década de

90, quando a concepção de escola era ainda conservadora e não se tinha uma política estruturada de gestão como implantada atualmente em nosso Estado¹.

Importante ressaltar que neste período onde início a docência a educação em SC passou por uma reelaboração pedagógica para a aplicação da Proposta Curricular publicada no ano de 1991, na qual o/a professor/a era considerado como protagonista responsável para a mudança transformadora que se almejava, isto posto já na introdução do documento que segue:

¹ É uma nova forma de escolha da função de diretor na rede estadual de ensino, por meio da seleção de Gestão Escolar. O processo segue o Decreto nº 1.794, de 15 de outubro de 2013, e as alterações introduzidas pelo Decreto SC nº 243, de 1º de julho de 2015.

O referido Decreto é um instrumento legal possibilitador de mudança de paradigma de gestão nas escolas da rede estadual, valorizando a participação da comunidade escolar nos processos de planejamento e decisão, no aperfeiçoamento da gestão democrática e na transparência das ações pedagógica e administrativa.

Para isso, o Plano de Gestão Escolar é documento fundamental no sentido de planejar a priori a gestão, de submetê-lo à apreciação da comunidade em processo democrático de escolha de direção de escola.

INTRODUÇÃO

O professor, pela própria natureza de seu ofício, é um profissional que tem garantida diariamente, uma tribuna da qual pode falar a dezenas ou centenas de pessoas, sem precisar rogar permissão. Esta situação remete a alguns raciocínios: 1 — O professor precisa ter o que falar ao seu público, isto é, precisa ter domínio do conteúdo a trabalhar com os seus alunos.

2 — Precisa acreditar no que fala aos seus alunos, o que ele consegue através do aprofundamento científico do conteúdo com o qual trabalha.

3 — Necessita tomar consciência da importância de sua palavra e da necessidade de usá-la como veículo de conhecimento.

4 — Precisa saber, enfim, que a palavra é, em suas mãos, um instrumento de poder, porque impregnada da ciência e do seu potencial transformador.

Pensando nisto, a Secretaria de Estado da Educação quer pôr à disposição dos professores de Santa Catarina um instrumento de trabalho, através do documento da Proposta Curricular, que traz a síntese de um processo de estudo e discussão pedagógica em nosso Estado. Procura este documento uma abordagem da educação, nos seus aspectos filosóficos, bem como uma organização dos conteúdos e metodologias de cada disciplina (pré-escolar, 1º grau, 2º grau, educação geral e curso de magistério), abordados todos a partir de uma linha única, que preconiza uma educação transformadora, pressupondo o resgate do conteúdo científico através da escola, conteúdo este trabalhado a partir da realidade social concreta do aluno, direcionado para o entendimento crítico do funcionamento da sociedade e interdisciplinarmente abordado na perspectiva da totalidade.

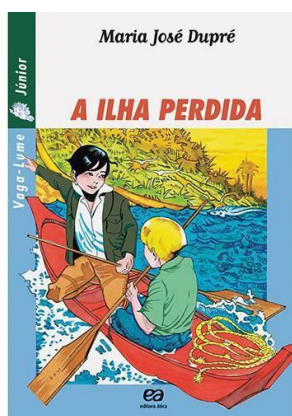
PAULO HENTZ
Coordenador de Ensino

SANTA CATARINA, 1991.

A ênfase como percebemos é na palavra, na linguagem com os/as estudantes, dando responsabilidade com cuidado na fala dos/as docentes. Prezo muito pela palavra, uma vez que por meio dela o outro nos vê como referência. A Geografia naquele contexto social envolvia a turma a refletir sobre a formação sócio-espacial do Brasil, uma Geografia cidadã na perspectiva da Constituição de 1988, que foi um período efervescente. Eu era uma jovem, começando no exercício do magistério, aprendendo a ensinar e, de certa forma, a questionar. Certamente

cometi deslizes na prática, todavia é no caminho que se aprende a profissão. Também importante mencionar o exemplo que somos como professores/as para os/as estudantes, eles/as prestam atenção não somente na palavra, sobretudo em nossas atitudes e comportamentos diante da vida. Sempre me preservei neste sentido, porque acredito que não podemos destoar do que professamos em sala e muito menos viver em contradição entre teoria e prática. Vinte e três anos depois dessa primeira experiência, uma ex-aluna daquela primeira turma me encontrou, como aluna na academia em Paulo Lopes/SC, onde é professora, pois que me reconheceu, então com certeza deixamos marcas e isso importa. Ela, a estudante me disse que ainda guardava um livro que ganhou em sorteio que realizei em sala, isso em 1994. Sobre a leitura sempre gostei, sou da época da coleção vagalume! (Figura 8) Então de certa maneira ali já estava anunciado, não seria apenas Geografia.

Figura 8 – Livro da coleção Vagalume



Fonte: www.google.com/imagens

4.2 – PROFESSORA HABILITADA

No dia 22 de julho de 1996 foi minha formatura então, no segundo semestre, tive minha primeira experiência em rede municipal no Ensino Fundamental da Escola Básica Neri Brasileiro na Praia de Fora, município de Palhoça/SC, em um ambiente que particularmente gosto muito – litoral. A praia é uma paisagem para ensinar, local de moradia para aqueles/as estudantes, porém, no verão, lugar de passagem e temporada de turistas. Foi apenas um semestre, no entanto ali já

começo a perceber que ser professora itinerante me levaria para vários recantos e, com certeza, engrandeceria o magistério.

Em 1997, inspirada em voltar às terras de minha infância, retornei como professora para Ilhota, lugar também das enchentes. Foi uma realização plena socializar os estudos e lecionar na escola em que fui estudante.

Trabalhei durante 1 ano e 2 meses no bairro Ilhotinha, em Ilhota/SC, como professora do ensino fundamental da Escola Básica Domingos José Machado, como também por um tempo menor no Ensino Médio da EEB Marcos Konder. Na escola da rede municipal deixei transparecer minha disposição em ensinar a Geografia do lugar e materializar meu relatório final do CNPq. A chance surgiu com o fato de a escola ter que se preparar para a festa de emancipação do município. Então sugeri à direção e meus/minhas colegas de profissão que a ficássemos responsáveis por resgatar e recontar a história da colonização, já que eu tinha nos meus escritos. A ideia foi aceita e envolvemos todos/as estudantes, professores e a comunidade. Não foi só um relato, foi uma reconstrução de cenários de época, que recriamos com materiais recicláveis, madeira, papelão e tinta. As casas foram feitas com madeira e papelão, a floresta montada em latas vazias de tintas, com argila e galhos de arbustos. Tudo feito com a participação dos alunos/as do pré-escolar até os maiores das séries finais, que também formaram famílias de colonizadores com ajuda de suas famílias para obter as vestimentas. Recriamos alguns pontos de passagem: a embarcação que trouxe os primeiros colonizadores; a ponte Hercílio Luz feita de bambu e cordas, o Cristo Redentor com madeira e papelão, enfim, foi produção de grandiosidade apresentada na festa aberta ao público realizada no Ginásio municipal. (Figuras 9, 10 e 11)

Figura 9 - Representação famílias de colonizadores – Teatro Ilhota/SC



Fonte: arquivo autora

Figura 10 – Representação floresta e embarcação – Teatro Ilhota/SC



Fonte: arquivo autora

Figura 11: Representação ponte Hercílio Luz e Cristo Redentor – Teatro Ilhota/SC



Fonte: arquivo autora

Foi uma passagem curta de apenas 1 ano e 2 meses, todavia, neste período, descobri que poderia usar no ensino da Geografia além do poder de expressão do teatro, a força da música. Desde então, comecei a fazer representações associando os conteúdos da Geografia às Artes e à Literatura.

A literatura dá prazer. A palavra é importante. Como se tem prazer ao sentir a harmonia de um quadro ou de uma música (...) a literatura (...) por ela os alunos podem descobrir também toda a grandeza existente nos homens, para que saibam que essa grandeza existe neles igualmente. (PONTUSCHKA, et al, 2009, p.237)

O uso das diversas linguagens foi instrumento didático constante em minhas aulas, na própria escolha dos livros didáticos dava preferência aos que continham variações de gêneros textuais. A Geografia Escolar ganha propriedades e consistência que demandam pensar um currículo integrado e um plano de ensino para além da lista de conteúdos.

Retornei no ano de 1998 para a casa de meus pais em Palhoça/SC, neste momento tive uma curta, porém importante experiência no magistério superior da UDESC, por meio de um contrato temporário. Primeiro como professora para uma turma mista de graduandos de história e geografia com a disciplina de Geohistória, mais tarde atuei no Programa Magister no município de Ibirama/SC, lecionando Ecologia Política para professores da rede pública que atuavam nas escolas sem a formação acadêmica em Geografia. Esta oportunidade acendeu possibilidades futuras para trabalhar nas universidades, em especial as públicas, com formação de professores, todavia era necessário dar continuidade à formação acadêmica. Essa tentativa de ser formadora será relatada posteriormente, porque ganha vulto após 2014.

Registro aqui que no ano de 1998 foi publicada uma nova versão da PCSC em dois cadernos: Disciplinas curriculares e temas multidisciplinares, documento que vai atualizar o planejamento de ensino. No entanto, diferente de como atuo agora, na época focava nos conteúdos das páginas 174 a 190, exclusivas da disciplina de Geografia.

Nos anos de 1998 e 1999, lecionei para o Ensino Médio (minha preferência de faixa etária) na EEB Francisco Tolentino, com uma equipe docente e direção extraordinárias e, claro, jovens adolescentes com grande vontade de querer aprender (Figura 12). Foi um período pessoal de entrega e aprofundamento no ensinar Geografia. Na verdade todos os tempos de minha docência foram e são de entrega, entretanto o encantamento surgiu por ter sido minha primeira experiência no Ensino Médio com a Geografia de pensar o mundo a partir do lugar. A perspectiva curricular neste percurso formativo aprofunda os conhecimentos do ensino fundamental, como também estabelece relações com o mundo do trabalho. Era preciso mostrar aos jovens porque aprender Geografia, neste sentido planejava aulas com significado, por exemplo, ao trabalhar na 1ª série do EM a geologia do planeta Terra associava diretamente ao uso do solo ao plano diretor das cidades, a proteção de mananciais, a extração de minerais, aos fenômenos naturais como terremotos e vulcanismo, enfim coisas reais de simples entendimento. Foi também a partir dessa minha imersão no EM que ampliei o conjunto de recursos didáticos, tais como: vídeos, documentários, mapas, matérias jornalísticas de jornais e revistas.

Quanto ao uso da internet, ainda estava engatinhando, uma vez que só fui ter um computador pessoal emprestado em 2000. Portanto, sobre o uso deste recurso escrevo mais a frente.

Importante era mostrar para aqueles jovens que tinha um mundo a ser explorado e pesquisado, sempre me preocupei também por fazê-los buscar boas fontes de pesquisa, interpretação de dados em gráficos, tabelas e quadros, fazer a leitura geográfica do mundo a partir de seu lugar.

Figura 12 – Turma 3ª série do EM EEB Francisco Tolentino - 1999



Fonte: arquivo autora

Em 1999, paralelo à escola referida anteriormente, tive a experiência de retornar como professora no mesmo curso que fui aluna – o magistério, 10 anos depois, à EEB Prof. Aníbal Nunes Pires, escola de minha formação no ensino médio. Voltar àqueles corredores com arquitetura singular foi um aprendizado de grande responsabilidade, porque colocar professoras/es no mundo tem seu valor e carga de compromisso expandida.

Durante este mesmo ano comecei a semear o sonho de ingressar no mestrado, pois na época vislumbrava neste caminho a possibilidade de conseguir uma condição financeira melhor e conquistar espaço para uma vaga no magistério superior. Tentei na UFSC, UNESP/Rio Claro, na UFPR e na UFRGS. Tive a felicidade de passar em duas seleções: UFPR e UFRGS, e, por influência e apoio das minhas professoras da UDESC, escolhi a UFRGS. No ano de 2000 iniciei o Mestrado, cujo tema continuou tendo como cenário o município de Ilhota/SC, sob a orientação da Prof. Dr^a Dirce Suertegaray. Não procurei pela área de concentração

no ensino, mas por análise ambiental, o que justifica ter adentrado no tema ambiental, com trabalhos acadêmicos sobre as enchentes e recursos hídricos em Ilhota, questões tão reais a minha existência. A dissertação então foi intitulada “Micro bacias do Ribeirão do Baú e Braço do Baú no município de Ilhota/SC: um lugar de identidade rural”

Conforme já relatei, no início da docência e no decorrer como ACT não percebia a escola como um todo e, sem efetivação, ou seja, sem permanência em um lugar, cada ano letivo era um começo com poucas perspectivas de continuidade. Embora seja importante salientar que essa descontinuidade me levou há uma diversidade de lugares e experiências que ampliaram meu olhar para o mundo, uma vez que é mais fácil lecionar conhecendo outras realidades, dado que a comparação sempre é realizada nas explicações.

A estrutura socioeconômica para quem está sempre numa linha tênue entre o querer e o poder fazer influencia no percurso formativo, já que a vontade era maior do que as condições financeiras permitiam. No entanto, como a maioria de professores/as brasileiros/as, investimos por nossa conta em nossa formação na educação básica.

O período de mestrado foi marcante naquele contexto. No começo recebi solidariedade e me concentrei unicamente nos estudos. Morei gratuitamente com pessoas que não me cobraram nada em Viamão e Porto Alegre/RS, pois o que tinha reservado dos meus salários como professora durou apenas o primeiro semestre e, como não consegui bolsa, no recesso de julho retornei para Palhoça/SC sem recursos para voltar ao Rio Grande do Sul. Todavia faltava pouco para concluir as disciplinas, porque eu sabia que tinha que fazer tudo em um ano, portanto, com ajuda de uma amiga, voltei. Por essas coisas do destino um colega do mestrado que realizava trabalhos como consultor me convidou para ajudá-lo e foi então que vivenciei outra experiência profissional: a consultoria ambiental. Em Porto Alegre/RS concluí as disciplinas, fiz a proficiência e qualifiquei o projeto. Retornei para Santa Catarina em 2001, agora com bolsa, e dei continuidade ao mestrado no desenvolvimento da dissertação. Paralelamente participei de um grande estudo pioneiro no Estado: o Plano Integrado de Recursos Hídricos da Bacia do Rio Tubarão e do Complexo Lagunar, trabalho que rendeu experiência única em viagens

por 21 municípios da região e contato direto com as mais variadas instituições, de governo e da sociedade civil e privada.

A experiência como consultora ambiental agregou à docência conceitos de outras áreas, possibilitou conexões para as explicações de conteúdos, sobretudo na referência de organização territorial, sustentabilidade ambiental, distribuição espacial e ações humanas no espaço geográfico, além de um conhecimento real dos lugares, políticas públicas, intervenções institucionais e convivência humana com as paisagens. Esse conjunto de articulações qualificou o ensino de Geografia e proporcionou mais propriedade às aulas. De fato nossas vivências, leituras e experiências acrescentam à docência pluralidade e, ensinando assim, **os/as estudantes ampliam sua leitura de mundo a partir de seu lugar.**

Finalizadas as atividades de consultoria, retomei em 2002 o caminho da docência como professora ACT na rede estadual de ensino na EEB América Dutra Machado em Florianópolis, parte continental, uma escola em que também já havia estado presente como aluna da graduação no período de estágio. Na época tínhamos na rede estadual as chamadas “classes de aceleração”, uma política pública nacional para reduzir a distorção série-idade. Esta escola está localizada numa área geográfica de vulnerabilidade social, foi na época meu primeiro contato com a denominada periferia urbana, uma realidade paralela que tem pouca visibilidade dado que na mídia só aparecem desgraças. Lecionar nestes lugares humaniza a docência, também adiciona perspectiva de vida e reflexão sobre a aprendizagem, nestes momentos questionamos o que ensinar e se percebe como a Geografia pode ser útil nesse processo onde a sobrevivência sobrepõe a aprendizagem. Não me esqueço de um dia quando a comunidade estava em conflito, naquele tempo não adentravam a escola, mas o entorno era tenso, então uma aluna se aproximou e disse “professora, se tiver problema tenho um berro em casa”. Berro é arma de fogo. Essa fala foi de uma aluna do ensino fundamental, portanto aqui um pequeno exemplo dos milhares que você professor/a pode ilustrar de situações que são uma triste estatística das violências sociais que se revelam pela voz dos/as estudantes no espaço escolar. Nestes 22 anos de docência a realidade cotidiana se descortina como diz a música de Charlie Brown Jr: “história, nossas histórias, dias de luta dias de glória”.

Em 2003, continuando as andanças como ACT, assumi as turmas do ensino fundamental e médio na EEB Anísio Vicente de Freitas, localizada no município de Santo Amaro da Imperatriz/SC. Foi um ano peculiar de finalização da dissertação de Mestrado, muitas aulas, trabalho intenso, como na verdade sempre o é. Quero registrar porque agora é possível estabelecer relação de característica similar na paisagem deste lugar com Paulo Lopes/SC e sua importância, já que ambos os municípios integram a Unidade de Conservação Parque Estadual da Serra do Tabuleiro criada em 1975 para proteger principalmente os mananciais que abastecem a região. Com a água me acompanhando e, de certa forma seguindo a rotina, dei atenção sempre à temática, a ponto de realizar atividades direcionadas a preservação do bioma Floresta Atlântica utilizando material didático produzido pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento - CASAN/SC. Mesmo não fixando docência, busquei garantir nas aulas uma inserção didática com o lugar. Naquele tempo, participei de um curso de Educação Ambiental para conservação da biodiversidade oferecido pela Fundação do Meio Ambiente – FATMA - no intuito de ter uma formação para conhecimento da dinâmica ambiental da região e poder realizar atividades pedagógicas mais próximas à realidade local.

Associada à questão da água e sustentabilidade, desenvolvi uma Geografia para Educação Ambiental. A maioria das famílias dos/as estudantes possuíam hortas ou espaço em suas casas, portanto, a partir dessa realidade falada por eles/as próprios/as, solicitei que trouxessem fotos do quintal de casa, como também, com auxílio da família, realizassem um exercício para o reaproveitamento das sobras de alimentos, materializando um pequeno espaço para a compostagem (Figura 13)

Figura 13 – Quintal casa estudante da 5ª série, exposição fotográfica de atividade – EEB Anísio Vicente de Freitas – Santo Amaro da Imperatriz/SC



Fonte: Arquivo autora

Essa perspectiva de lugar associado à identidade está em minha trajetória de vida e não apenas no percurso de escolarização. Tuan (2013) escreve que “a permanência é um elemento importante na ideia de lugar”, estar no lugar dá significado as coisas e objetos. É interessante notar que por vezes percebemos o quanto estamos enraizados no lugar quando falamos com os/as outros/as fora dele.

O ano de 2003 termina com a defesa da dissertação de mestrado fechando mais um ciclo desta trajetória.

4.3 – PROFESSORA MESTRE

No ano 2004, retorno a lecionar em escola de bairro urbano no município de São José/SC, agora na EEB Presidente Juscelino Kubitschek para turmas do Ensino Médio noturno. Uma Geografia da realidade nua e crua para uma juventude cheia de vida, porém com muitas incertezas. Lembro-me de que um dos dias era sexta-feira. Como os alunos/as eram trabalhadores/as, optei por uma Geografia de atualidades e contexto, ciente de que cada escola é um planejamento, uma perspectiva. É fato que o diagnóstico socioeconômico do lugar influencia muito na dinâmica das aulas,

pois quando se tem outras preocupações o estudo pode ser uma alternativa de mudança ou apenas uma obrigação de certificação para acessar o mercado de trabalho. Tardif e Lessard (2014) citando Doyle (1986) trazem as categorias dos eventos que se produzem em sala de aula: Imediatez, rapidez, imprevisibilidade, visibilidade e a historicidade.

“a historicidade significa que as interações entre os alunos e os professores acontecem dentro de uma trama temporal – diária, semanal, anual – dentro do qual os acontecimentos adquirem um sentido que condiciona de várias maneiras as ações seguintes” (TARDIF & LESSARD, 2014, p. 233 e 234).

Neste mesmo ano e período tive uma experiência de docência no ensino privado, algo que sempre relutei, ou melhor, sempre recusei, todavia, em consideração à indicação de um ex-professor da UDESC, aceitei e fui lecionar para o Ensino Médio em Tijucas/SC. Confesso que como cria de escola pública senti-me completamente deslocada, digo isso socialmente porque não representava meu mundo, também pedagogicamente a Geografia apostilada definitivamente não me representava. Profissionalmente cumpri e encerrei o ano letivo, foi apenas uma curta passagem que serviu para reafirmar minha presença no ensino público. Na verdade é um sentimento cultivado, uma trajetória de vida pública e vivência social que me direcionam para uma conduta de apreço e escolha no ensino público.

Em agosto de 2005 fui contratada como funcionária terceirizada para trabalhar na atual Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Sustentável, onde fiquei até setembro de 2008. Foram três anos memoráveis de muita informação, interação e conhecimento do Estado de Santa Catarina, fui responsável como secretária executiva da Comissão Interestadual de Educação Ambiental – CIEA/SC, convivendo com representantes de 27 instituições que atuam no Estado com Educação Ambiental.

No mesmo ano, à noite, lecionei no município de Palhoça/SC na Escola Básica Municipal Reinaldo Weingartner, na Educação de Jovens e Adultos. A EJA, com suas especificidades, exigiu que apresentasse a esses alunos/as uma Geografia para a vida, lembro bem de uma senhora dizendo “quero aprender a ler para pegar o ônibus”, sabe aquelas pessoas que encontramos no ponto de ônibus e

dizem “moça, qual ônibus esta vindo? Deixei meus óculos em casa!”. Na verdade a vergonha faz com que criem mecanismos de defesa, entretanto, não era só a leitura porque também era preciso saber se deslocar, pra onde ir e o mais importante, como ir. Muitos/as daqueles/as senhores/ras só conheciam o seu próprio bairro, desse modo, explorei uma Geografia dos lugares utilizando como principal recurso pedagógico os mapas. Era gratificante observar o mundo se revelando. Quando lecionamos para um mundo de conhecimento paralelo ao nosso, distante das formalidades e sistematizações, percebemos a grandeza do compromisso social que temos ao ser professor/a e o tamanho da responsabilidade. A geografia deste cotidiano é um alicerce de conhecimento necessário nesta modalidade de ensino. De acordo com Santos (2009, p.315): “Impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de revisitando o lugar no mundo atual, encontrar seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano”.

Nesta mesma modalidade de ensino - Educação de Jovens e Adultos- voltei ao litoral, na praia dos Ingleses, norte da ilha de Santa Catarina. Busquei uma Geografia interdisciplinar, com planejamento integrado com os demais colegas, conhecimento básico, porém essencial para quem objetivava fazer uma leitura com mais conteúdo do mundo. A utilização de mapas e gráficos foram recursos essenciais para a aprendizagem, era necessário alfabetizar cartograficamente aqueles sujeitos para entendimento dos códigos e funções simbólicas para que todos/as pudessem se situar espacialmente no seu lugar e na leitura de mundo. Mas não bastava apenas visualizar, era preciso elaborar.

O aluno conhece o espaço concreto onde mora, estuda e circula para viver sua rotina diária. O conhecimento que ele tem desse espaço é empírico, o espaço sensório-motor, perceptivo e intuitivo. Para ele entender a Geografia do espaço de sua vida, deve tomá-lo como um objeto de estudo, desvendá-lo e sistematizá-lo. A elaboração de mapas e gráficos proporciona a vivência da sistematização e o aluno avança nos níveis de compreensão da Geografia do espaço que conhece, elaborando uma segunda leitura. (PASSINI, 2012, p.29)

No final de 2005 realizei concurso público para a Prefeitura Municipal de Paulo Lopes/SC como professora de Geografia. Em 2006 começou uma nova história que será o fulcro desta tese de Doutorado.

4.4 - TRAJETÓRIA PAULO LOPES/SC – O CONCEITO DE LUGAR É EMANCIPADO

Em 2006 continuei com o emprego na SDS, mas comecei uma nova fase na minha vida como professora EFETIVA, assim com letras maiúsculas porque este fato transformou meu eu docente. Para começar usei este vínculo e rede de contatos para promover várias atividades e captação de materiais.

Embora envolvida em uma rotina de jornada dupla, sempre tentei associar o ensino com a pesquisa, assim como conhecer as instituições de governo, seu funcionamento e inserção real na vida das pessoas. Identifiquei a existência de materiais didáticos institucionais aos quais recolhi e levei para escola onde pude organizar o armário do meio ambiente. Aliás, esse contato direto com as instituições de governo que integravam a CIEA/SC me deu a oportunidade ímpar de fazer com que as crianças e adolescentes manipulassem informações oficiais de forma lúdica a partir das cartilhas. Importante dizer que dado o distanciamento da capital em relação aos municípios do interior o acesso às informações é limitado. Santa Catarina, assim como a maioria dos Estados brasileiros, tem sua capital localizada no litoral e, mesmo com a expansão dos meios de comunicação, a distância geográfica restringe aproximações e atualizações.

Em 2018 completam 12 anos do que posso garantir ser o percurso mais intenso e cheio de significados no exercício da docência, aprendizagem constante e que consolida minha carreira na educação básica. Nesse período consigo espriar meu ser docente, numa junção de Geografia com a Educação, usar todo o espaço escola no ensinar e nas relações, com certeza meu ponto de mutação para lembrar-me de Frijot Capra.

Uma “estrangeira” num universo tão singular que só a vivência pode explicar, mas vou tentar aqui dar ao/a leitor/a por meio das palavras uma possibilidade de sentir por minha experiência a Geografia que trago comigo. Desde a chegada ao município completamente desconhecido as impressões do lugar influenciaram no meu caminhar, embora já tivesse experimentado trabalhar em município de pequeno porte, com menos de 10.000 habitantes, Paulo Lopes se revela intrigante e

desafiador, e como professora efetiva um mundo de possibilidades se abriu na docência, assim como denunciaram movimentos que restringiram inserções, entretanto não impediram a ação intelectual de mudança mesmo entendendo que muitos temas seriam silenciados. Voltarei a este assunto no transcorrer da narrativa.

Idealizadora, uma vontade gigante de compartilhar conhecimentos de quem via o mundo fora da redoma, digo isso porque a comunidade de Paulo Lopes tem uma identidade forte com seu lugar, porém muito enraizada em matriz religiosa e no modelo de família tradicional nos padrões que resguardam como dizem “a moral e bons costumes”. De um lado com relação à escola como patrimônio e extensão da casa funcionam bem. De outro, as tensões estão relacionadas com as abordagens de leitura de mundo que “os de fora” possam trazer.

A Escola Básica Dr. Ivo Silveira situada num bairro distante a 15 km do centro do município tem suas peculiaridades. Primeiro, para muitos moradores o bairro Penha é um município a parte (risos), assim, quando cheguei à primeira reunião com todos/as os/as professores/as da rede já tive que fazer a Geografia valer. No quadro escreviam nome dos bairros e não do município e, claro, as crianças iam incorporando como natural e colocando em seus endereços nas cartas. Os adultos faziam o mesmo nos livros de ata das igrejas e associações. Portanto, expliquei o problema com argumento geográfico e foi corrigido, embora as “ilhas de resistência” entre bairros, ou melhor, comunidades, continuassem.

Dessa forma, o conhecimento geográfico romperia com uma prática cultural de fragmentação do espaço exposta no quadro no início das atividades escolares. Quando da oportunidade de uma reunião coletiva da rede, chamei a atenção da necessidade de mudança para melhor entendimento geográfico das crianças sobre a localização. Após a abordagem, as professoras de fato expuseram a confusão, por exemplo, quando do ensinar sobre envio de cartas dado que os/as estudantes escreviam o nome do bairro como se fosse município, esclareceram que essa prática já tinha causado problemas logísticos no recebimento e envio de correspondências e produtos. Também os documentos e formulários preenchidos nas igrejas e comércio tinham esse direcionamento. Então, coisas que nos centros urbanos não teriam relevância, no interior toma dimensões. Essa consistência de

estar em seu lugar como se o mundo fosse apenas o seu mundo é forte, e eu aprendi.

4.4.1 - Experiências didáticas: Semana do meio ambiente

A Geografia apresentada por meio do conhecimento com professora efetiva trouxe reflexões, rupturas e complexidade. Lembro-me muito fortemente de uma atividade simples com as turmas de 5ª série para as quais solicitei que mostrassem através de um desenho a diferença pra eles/as de riqueza e pobreza. Para minha surpresa desenharam como representação da pobreza o seu lugar e, como representação da riqueza, a cidade. A partir daquele instante descobri que tinha muita Geografia para ensinar, mas que sozinha não seria possível. Desse modo, com eles/as e juntando os colegas das demais áreas, nasceu a Semana do Meio Ambiente. Percebi neste momento a possibilidade de valorização do lugar, que na verdade precisava de visibilidade. A paisagem que eu enxergava como uma estrangeira pra eles/as não passava de um cenário cotidiano e com suas rotinas estabelecidas. Esta visualização gerava conflitos entre os próprios estudantes dependendo do lugar de moradia. A cidade era vista como única possibilidade de conforto, bem-estar familiar e condição financeira. Neste momento foi constatada a necessidade de aprofundar o debate e principalmente entender os motivos das angústias geradas pelo fato de residir nos bairros rurais, como o fato de algumas comunidades terem como normal e perpetuarem o hábito da caça e aprisionamento de aves em gaiolas. Também era preciso gerar o conhecimento sobre a inserção do município na Unidade de Conservação Parque Estadual da Serra do Tabuleiro – PEST.

A leitura de mundo quando se está imerso nele pode deixar escapar o que mais lhe torna singular – as diferenças. Os/as estudantes mesmo inseridos e na prática atuando na paisagem e sua dinâmica, não percebiam a importância e função do lugar no contexto, e cabe ao/a professora/or de Geografia oportunizar olhares, abrir a lente para o mundo. Era necessário levar o estudante a perceber que a “paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão”, que une todos os elementos” (DARDEL, 2011, p.30)

Na organização da primeira semana do meio ambiente eles trouxeram seu lugar para a escola, com a paisagem esculpida, desenhada, cantada, coletada, enfim, suas impressões e, mais que isso com esse exercício de busca dos elementos que o lugar e a paisagem apresentam, enxergaram de verdade seu espaço vivido, e tudo foi exposto e expresso de várias formas durante a semana. Desde brinquedos antigos, pinturas, sementes de árvores nativas, canções, artesanato, um mundo dentro de seu mundo. As famílias participaram ativamente desde momento de valorização de sua cultura, de sua paisagem e de seu lugar. A partir dessa leitura dinâmica e expositiva do lugar a Geografia ficou mais clara, estudantes começaram a perceber seu lugar no mundo a pequenos passos, entendendo a função do campo e da cidade, que não era “só mato” seu lugar.

As semanas do Meio Ambiente foram se consolidando como espaço do olhar, do lugar para a região e desta para o mundo. Em sete edições falamos de lugar, consciência ambiental, de paz, saúde, economia agrária local, dos biomas (floresta Atlântica e Amazônia) e de água, envolvendo da educação infantil aos anos finais do ensino fundamental (APÊNDICE A). O objetivo da Semana do Meio Ambiente era identificar práticas ambientais sustentáveis e socialmente viáveis nas rotinas cotidianas, que revelassem atitudes possíveis e transformadoras no meio ambiente, tanto no campo como na cidade e foi essencial para que os/as estudantes começassem a valorizar seu lugar.

As Semanas do Meio Ambiente também revelaram um diálogo compartilhado entre todas as turmas da escola, desde a Educação Infantil, passando pelas séries iniciais e finais. Todos/as os/as professores/as das disciplinas das séries finais redimensionaram o conteúdo para o tema central da semana e as atividades desenvolvidas foram apresentadas de diferentes maneiras (produção textual, literária, artística, musical, exposições, experiências, multimídia).

Esse tempo de intensa entrega ampliou minha perspectiva de ensino e olhar aos estudantes para além da Geografia, porém, com certeza, a partir dela. Aquela abordagem de formação integral do sujeito ganhou visibilidade e ressaltou ainda mais sua diversidade, pois se revelaram talentos e práticas que alteraram minha compreensão de avaliação do processo de ensino aprendizagem. Nem tudo cabe no papel de forma escrita.

Essa experiência didática, somada ao mesmo tempo de criação do Programa Classe de Aprendizagem para Inserção Social – CAIS, que escreverei a frente; e ainda a todas as metodologias aplicadas na concepção dos planejamentos e aulas completaram-me como professora e foram delineando a passagem e mudanças na docência municipal.

4.4.2 - Experiências didáticas: Projetos de trabalho

Ainda em 2006, primeiro ano de efetivação, o município fez uma parceria com uma universidade privada da região Sul do Estado e nos instigou a organizar nossas aulas a partir de projetos de trabalho. Com as séries iniciais conseguiram acomodar a ideia em toda a rede, no entanto, nas séries finais decidimos participar como projeto piloto em uma única turma que foi a 8ª série, em virtude das demandas externas, da organização curricular e da disposição dos profissionais ser bem diferente que das séries iniciais. Decidida à forma, o tema escolhido foi à duplicação da BR 101, sendo que o município é cortado por essa rodovia e naquele ano passava por várias obras que modificaram a paisagem local bem como todo o processo interferiu diretamente na dinâmica e rotinas dos habitantes. Na escola essa interferência foi densa, principalmente quando ocorriam as detonações de rochas, o horário das aulas e transporte escolar era modificado conforme cronograma das obras, Geografia viva!

As disciplinas que aceitaram se envolver no projeto foram: Geografia, Matemática, Língua Portuguesa, História e Ciências. Foi minha primeira experiência em pensar junto no ensino regular conteúdos e atividades integradas, como também uma oportunidade de conhecer melhor a comunidade do bairro Penha e sua interação com o meio e o que aquela gigantesca obra provocaria. Uma coisa é certa: ganhariam em segurança. Quando iniciei na escola, eu vinha do município vizinho Palhoça/SC, portanto durante um ano fazia o trecho de 40 km sem duplicação e, quando chegava ao destino, como a escola está ao lado esquerdo no sentido norte-sul, era preciso atravessar num trevo bem perigoso. A travessia da BR 101 era algo

constante e rotineiro para nossos/as estudantes, ainda é, porém agora com a segurança das passagens de pedestres.

Vivenciamos no coletivo uma experiência ímpar e inovadora no âmbito do processo educacional de ensino formal e regular. Mesmo inseridos numa estrutura física e curricular tradicional viabilizamos alternativas de aprendizagem que deram respostas na avaliação. O projeto de trabalho foi para todo corpo docente envolvido uma nova possibilidade, um novo olhar, uma perspectiva inovadora de ensino.

Como toda nova proposta, existe não uma resistência, e sim certo cuidado pois entendemos que estamos nos referindo a pessoas e não objetos e pessoas são diferentes, cada qual com suas convicções, formação acadêmica e visão de mundo. Neste contexto são manifestadas vontades, desejos, interesses, vaidades, enfim uma gama de sensações características da própria natureza humana. Nestas condições mesmo com planejamento e organização, as incertezas são comuns, contudo essa primeira experiência mobilizou o grupo.

Nova consciência começa a surgir: O homem, confrontado de todos os lados as incertezas, é levado em nova aventura. É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado. É por isso que a educação do futuro deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento. (MORIN, 2000, p. 84)

Os limites impostos são reais e devem ser considerados no planejamento, com objetivo que a proposta para que se torne mais viável sua implantação e operacionalização. Entendo que é preciso qualificar o trabalho docente, oferecendo mecanismos concretos que viabilizem a execução integral de projetos similares, potencializando a criatividade de professores/ras e estudantes. Apresento no apêndice B algumas imagens que marcaram as etapas do projeto.

4.4.3 - Experiências didáticas: Programa CAIS



Olhar esse logotipo trás tantas recordações, que confesso comportaria outra tese. Mas vou registrar a experiência com o programa Classe de Aprendizagem para Inserção Social - CAIS, seu histórico e a intervenção do ensino de Geografia no contexto do mesmo.

Na escola Dr. Ivo Silveira recebemos estudantes de todas as comunidades urbanas e rurais. Quando cheguei, logo observei o descompasso de muitos estudantes com relação à série que frequentavam muito aquém de sua idade e que por esse motivo, muitos/as que já haviam evadido. Com o firme propósito de mudar esta realidade, iniciei um diálogo com a direção e o grupo de professores para criação de um programa que pudesse resolver o problema de distorção série idade. A partir daí, iniciei a pesquisa pela legislação para sustentar a criação de uma turma específica. Após muito estudo, incansáveis diálogos, prospecção de várias possibilidades e também algumas resistências, surgiu o CAIS em 2007.

Este programa teve como objetivo: Criar uma proposta educativa centrada na valorização da diversidade e na elevação da autoestima, com vistas à formação de cidadãos com senso claro de identidade, valor, responsabilidade pessoal e social. Todo programa foi pensado na perspectiva de melhorar a qualidade de vida a partir de outros conhecimentos, aquém dos sistematizados; propunha um trabalho com abordagem nos Direitos Humanos; forte apelo à identificação dos/das estudantes com seu lugar e para superação da evasão escolar.

Então na prática selecionamos estudantes em idade avançada para a série que frequentavam e ainda buscamos na comunidade aqueles/as que haviam

evadido e formamos uma turma. Com currículo específico similar a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, e oferecimento de atividades e cursos extracurriculares estruturaram o programa para garantir a certificação no ensino fundamental.

Foi uma reconstrução primeira de autoestima, identidade escolar e perspectiva de vida. Pensamento este internalizado por todo grupo docente. No conjunto o programa auxiliou em mudanças na forma de avaliação, pelo motivo de me levar a perceber a aprendizagem para além das notas ou conceitos. Ensinei Geografia no CAIS a partir dos saberes de vida e conhecimento do lugar de cada um/uma estudante. A geografia no contexto do CAIS privilegiou o lugar e a partir dele ampliou a leitura para o Estado de Santa Catarina e Brasil. O uso de mapas temáticos foi alicerce de alfabetização cartográfica.

Eles/as demonstravam interesse em conhecer lugares de sua trajetória familiar. Neste sentido, o mapa foi muito presente no desenvolvimento das atividades, aliás, muitos/as nunca tinham manuseado um mapa, não tinham sequer noção de distâncias ou das regiões do próprio Estado, o chamado básico estava distante de suas realidades. A Geografia, juntamente com a História, para o CAIS teve um cunho mais social, de inserção ao lugar e ao trabalho. Eu me envolvi em cada sonho, valorizando em especial a identidade e o pertencimento ao lugar, como também ampliando olhares para outros territórios que dessem a eles/as possibilidades reais na vida e mercado de trabalho, sem que fossem completamente estranhos as suas vivências. Os/as estudantes do programa já tinham estigma de vulnerabilidade social, dado dinâmicas reais que marcavam sua existência.

Explicando melhor para quem não conhece a realidade do município de Paulo Lopes/SC, onde foi organizado o programa, as oportunidades de emprego são circunscritas ao comércio ou prestação de serviços e bem pontuais no setor secundário. Neste contexto, a extensa maioria de jovens migra para a região da Grande Florianópolis. Muitos deles para dar continuidade aos estudos em nível técnico ou universitário, outros, para trabalhar. Assim, no ensino de Geografia, seja no âmbito do programa ou no ensino regular dependendo do lugar em que estivermos o reconhecimento dos sujeitos de seu lugar de vivência é premissa básica no processo de ensino aprendizagem. Como afirma ANDREIS, 2012

“Imbricado de historicidade, o cotidiano e o lugar são vividos na grande escala de vivências, e é esse espaço que se impõe como fundamental nas escolhas de cada sujeito e de seus grupos”.

Neste período continuando com vínculo na SDS, também usei da rede de contatos para possibilitar as primeiras turmas do programa acesso a cursos na região da Grande Florianópolis, bem como mobilizamos pessoas da comunidade com talentos no artesanato e outros fazeres para contribuir de alguma maneira na renda familiar. Desde 2007 o Programa CAIS qualificou para o trabalho, deu certificação no ensino fundamental e promoveu inserção social de muitos/as jovens, além de regularizar a faixa etária nas turmas de 6º ao 9º ano. No apêndice C posto algumas fotos representativas que ilustram um pouco desta história.

4.5 - DA SALA DE AULA PARA DIREÇÃO

Resolvi deixar a SDS em 2008 e participei de um processo seletivo no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, onde fui trabalhar como Analista de Formação Profissional Jr. Fiquei por apenas três meses por não me identificar com o cargo. Em agosto de 2009 recebi do Secretário de Educação do Município o convite para assumir a direção da Escola Básica Dr. Ivo Silveira, escola em que sou efetiva na disciplina de Geografia. Aceitei e permaneci no cargo até outubro de 2012.

Em 2009, acredito que, dado todo o meu envolvimento desde a chegada em 2006 com o CAIS e a Semana do Meio Ambiente, assim como o trabalho desenvolvido no exercício da docência voltado para o coletivo da escola, fui convidada para assumir a direção na escola em que atuava. A escola Básica Dr. Ivo é a maior da rede municipal de ensino, com aproximadamente 400 alunos/as da educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. Digo acredito, porque as posições políticas partidárias têm um peso majoritário na indicação de cargos e eu, sem filiação a nenhum partido, fui convidada. Foram três anos intensos em todos os sentidos.

Falar em gestão escolar como primeira experiência foi um acontecimento, exercer a alteridade com todos os seus significados. Foi a partir deste cargo que

consolidei o ver a escola por inteiro e no contexto de suas gentes, de seus administradores públicos, do corpo docente, dos funcionários e dos/as estudantes. Não era mais somente a Geografia, foi um período onde visualizei expectativas, interesses, emoções, frustrações, intencionalidades e muito trabalho.

Atuar na gestão em comunidade pequena do interior é mais que conduzir administrativamente a unidade escolar, porque a comunidade é presente e com hábitos tão enraizados que, por muitas vezes, não percebem a autonomia de uma instituição pública de formação, já que querem imprimir na aprendizagem e rotinas escolares seus costumes e crenças. Por outro lado, uma comunidade atuante e presente, apoiando a escola em todos os eventos e atividades promovidas. A festa junina é um referencial, chegamos a utilizar outro espaço físico em virtude da quantidade de famílias que apreciam, lembrando que, por ser lócus comunitário, as festas de escola e igrejas são muito bem frequentadas. O comércio local a partir de doações viabiliza esses eventos.

Neste sentido o fato de eu ter fixado residência no município de Paulo Lopes/SC desde 2007 me proveu de elementos para atuar de maneira cordial, mas com legalidade, para profissionalizar o atendimento, saindo do mero assistencialismo e nepotismo. Essencial neste processo foi reconhecer a dinâmica local, a geopolítica envolvida para uma atuação de cautela, todavia pautada na responsabilização do coletivo, na transparência e legalidade das ações. Em comunidades pequenas a relação com o poder está arraigada às bandeiras partidárias, cultura religiosa, bem como na valorização de famílias tradicionais. Deste modo, no ambiente escolar, essa composição se revela sendo que uma fala característica nos Conselhos de Classe é “esse é filho de fulano, da família do ciclano”, uma marca singular de identidade dos/as estudantes.

Essa experiência encerra-se em outubro de 2012 por questões políticas partidárias, pois fui cobrada para transferência de título, já que ainda votava em Palhoça/SC. Fazia sentido, uma vez que desde 2007 residia no município, sendo pertinente e justo exercer a cidadania lá. O problema foi a cobrança por vínculo partidário e ações que viessem a favorecer candidatos da sigla. Neste momento minha ética e o entendimento do que é ser servidora pública se puseram a frente,

sendo assim declinei do cargo de direção e retornei ao espaço de excelência e razão de minha formação – a sala de aula.

Também durante este intenso período de gestão, o município recebeu o programa Pró Jovem Campo Saberes da Terra do Ministério da Educação – MEC em parceria com a Secretaria do Estado da Educação por meio do Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA. Foi uma experiência completamente nova e diferenciada nesta trajetória o atendimento ao público de agricultura familiar, com um currículo organizado por temas: sistema de produção e processo de trabalho agrícola; desenvolvimento sustentável e solidário; economia solidária; cidadania, organização social e política pública; agricultura familiar, etnia, cultura e identidade. Com uma equipe que no nosso núcleo era formada por uma pedagoga, produtora de agrícola do município e uma engenheira agrônoma eu, licenciada em Geografia, ensinei, entretanto minha aprendizagem foi maior. Em nossa profissão conhecer o mundo do outro está presente na atividade cotidiana e, neste caso, vivenciar práticas, técnicas e realidades do campo alastra saberes e me faz compreender quão larga é a Geografia. Preciso dizer que esta foi a primeira experiência com contato direto de vivência com o trabalho no campo. Mesmo tendo atuado em município com atividades rurais e ter alunos/as filhos/as de agricultores, pescadores/as, não tinha tido a experiência de estar nas propriedades e conhecer a rotina.

4.6 - EFETIVAÇÃO NA REDE ESTADUAL DE ENSINO

Depois de anos como ACT na rede estadual, após concurso público em 2012, assumi em fevereiro de 2013 a efetivação na região da Grande Florianópolis na EEB Tenente Almachio, localizada na Base Aérea, no bairro Tapera em Florianópolis. A escola ficava distante 70 km de minha casa, assumi uma carga horária de 10h com turmas do Ensino Médio no período noturno. Esse trajeto via BR 101, via Expressa (BR 282), Baía Sul de Florianópolis, está em um grande contorno tendo como cenário o Oceano Atlântico. Uma Geografia revelada pelas janelas do carro e ônibus.

Destaque neste início foi uma completa reformulação dos planejamentos de ensino pensados no percurso formativo, por conta da efetivação. Insisto na indicação da efetivação como vetor de qualidade na profissão, porque todos/as sabe-se que enquanto ACT entra-se nas escolas com combinações já estabelecidas, às vezes no andar do ano letivo, daí é seguir o que está posto com pouco espaço para o protagonismo. Meu primeiro notebook comprado foi nesta época, queria usar tudo que a tecnologia disponibiliza em termos de racionalização do tempo e recursos didáticos. Saliento um diferencial que marcou uma experiência nova: trabalhar com sala ambiente. Na sala ambiente a locomoção era dos/as estudantes e a sala era da Geografia, o que possibilitava uma organização do material em uso fixo no local, especialmente a disponibilidade de mapas expostos continuamente.

Na escola de posse no período noturno eu era a única titular, sem contato com professores do dia, elaborei um planejamento com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN+Ensino Médio (1999); e nas Orientações Curriculares Nacionais Vol. 3 - Ciências Humanas e suas Tecnologias (2006). Quando da atualização, agreguei conceitos da Proposta Curricular de Santa Catarina (2014). Os planejamentos tanto para o Ensino Fundamental com do Ensino Médio (Apêndice D), a cada entrada de ano letivo passam por revisão e para além de ser minha bússola para o desenvolvimento dos conteúdos, são instrumentos que utilizo para escolha de livros didáticos. Com certeza, com a reforma do Ensino Médio e a homologação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, o planejamento sofrerá alterações, mas assumo a iniciativa de manter os fundamentos de nossa PCSC que tem assento histórico na rede estadual de ensino por quase três décadas. Trarei um pouco do texto destes documentos em capítulo a parte.

Esses planejamentos, agora ampliados, continuaram a servir para atividade de docência também como ACT, porque com apenas 10h de efetivação continuei assumindo aulas temporárias. A EBB Nicolina Tancredo Neves no município de Palhoça/SC, EM noturno, foi meu lócus de ação paralela, como substituição restringe um pouco a ação, mas o fato de reorganizar a docência foi uma experiência engrandecedora. É preciso descrever que passo a melhorar significativamente as avaliações no ensino médio tendo a pesquisa, leitura e

interpretação de mapas como metodologias condutoras do processo. Triste mas necessário relatar que neste tempo foi a primeira vez que precisei registrar um Boletim de Ocorrência contra agressão verbal de um estudante, foi à situação mais delicada e emocionalmente impactante na minha carreira até então. Segui os procedimentos legais, mas eu queria nunca ter que passar por isso, é constrangedor, uma violência gratuita desgastante, uma ferida que cicatriza, porém revela uma sociedade em crise de percepção. Com certeza muitos/as colegas viveram essa situação em algum momento.

4.6.1 – Geografia no percurso formativo

Lembrando que paralelo a tudo isso, no período matutino, minha inserção profissional era na escola do município. Esclareço que a Geografia está sempre em mim e, neste período, mais especificamente no ano de 2012, aconteceram muitas reformulações nos planejamentos da rede municipal. Como titular na Geografia, prontifiquei-me para, junto com as pedagogas, fazer a revisão dos planos de ensino para os anos iniciais do 1º ao 5º ano (Apêndice E). Foi um trabalho coletivo, apresentei para as professoras uma proposta de objetivo geral, objetivos de aprendizagem e conteúdos para cada ano e as pedagogas construíram as metodologias, recursos e avaliação. Essa aproximação com os anos iniciais começou com minha efetivação no município. Em virtude da singularidade de ser na rede a única professora titular, sempre estive à disposição das “meninas”, como me refiro às pedagogas, muitas vezes colaborando com suas aulas, seja literalmente trabalhando algum tema, ou fazendo indicações de materiais, ajudando na escolha de livros didáticos. Penso que essa troca é válida e no meu caso, que recebo estudantes apenas no sexto ano, conhecer antes eles/as e também o trabalho pedagógico aplicado é ferramenta de entendimento do percurso formativo, já que “compreender o percurso formativo como um continuum que se dá ao longo da vida escolar, tanto quanto ao longo de sua vida, significa considerar a singularidade dos tempos e dos modos de aprender dos diferentes sujeitos”. (SANTA CATARINA, 2014, p.31)

4.7 – EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS: ATIVIDADE 5ª SÉRIES: MEU LUGAR

As pessoas veem estrelas de maneiras diferentes. Para aqueles que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para os sábios, elas são problemas. Para o empresário, era ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém nunca as teve (Saint-Exupéry, 2009, p.85).

Novo ano letivo, 2013 marcou o início da jornada geográfica no ensino em busca do Doutorado, na certeza de pensar teoricamente a partir do tempo de docência, passei a refletir e escrever essa narrativa que estou apresentando para defender a tese do **lugar como referência da aprendizagem no ensino de Geografia**. Neste sentido, reforço minha prática pedagógica na abordagem deste conceito iniciando como uma experiência didática que passo a relatar a partir de agora.

Sabemos todos/as nós professores/as de Geografia que os livros didáticos para o atual 6º ano trazem como conteúdo inicial os conceitos de espaço geográfico, lugar e paisagem. Como o livro é concebido no âmbito nacional, naturalmente as ilustrações não traduzem nosso lugar, apenas exemplificam. Cabe a nós a tarefa de trazer o conceito à realidade. Pensando assim, resolvi diferente de outros anos que apenas trabalhava com comparações adentrar no lugar Paulo Lopes/SC.

Começamos a atividade pedagógica numa aventura geográfica de imagens de seu próprio lugar de paisagens locais. Imagens que, juntamente com uma professora pedagoga, fiz com máquina fotográfica num fim de semana. Para isso, peguei o carro e fui pelas estradas por onde o ônibus escolar circula todos os dias. Levei à aula e eles/as se reconheceram naquela paisagem. Foi um momento de alegria, as mãozinhas se levantavam numa sintonia eletrizante, querendo localizar de onde era aquela foto. Foram além dos elementos visíveis, dizendo quem mora, a família, o que era o que tem perto. Foi uma festa, se não cuidasse a aula ficaria nesta tentativa de descoberta que se revelava a cada fala. Levantavam hipóteses, verdadeiros cientistas juvenis, foi muita energia! Assim estabeleciam associações diretas com o cotidiano, para além das formas, as relações sociais ainda que desconectadas eram reveladas num simples exercício de olhar e

perceber que aquela foto era dali, do seu lugar. Quando da mesma tentativa no livro didático, numa atividade válida de descrição para percepção de detalhes e elementos diferentes do lugar que habitam a empolgação não era a mesma.

Nosso olhar para as paisagens que nos cercam que compõem nossos lugares é único e de diferentes significados e valorização. Deste modo, observar, descrever e comparar se conjugam nesta aquarela de vida, por meio de sons, cores e formas. O ensino de Geografia a partir dos conceitos de lugar nos revela um mosaico encantado com dimensões mágicas do olhar do/a estudante sobre seu espaço vivido. Suas percepções, o que enxergam o que perguntam, onde mergulham com suas curiosidades existenciais desafiam nosso conhecimento e transcendem o conceito. Ser, reconhecer é mais belo, ver suas estrelas, embora estejam lá sempre, no coletivo é mais divertido.

Esta introdução tão verdadeira quanto poética refere-se à atividade desenvolvida com alunos/as de três turmas de 5ª série, no ano de 2013, na Escola Básica Dr. Ivo Silveira no município de Paulo Lopes/SC, para compreensão dos conceitos de lugar e paisagem.

Para ir além das ilustrações exemplificadas no livro didático, fotos do município e mídias, solicitei às crianças que fizessem três fotos do lugar onde moravam: uma de sua casa ampliada com terreno e vizinhança, uma da mesma forma da primeira, mas com eles na frente (para identificação) e outra de vista panorâmica de cima com grande zoom da paisagem. Como já estavam motivado/as pela atividade anterior, se empolgaram.

Para a realização, indiquei todos os caminhos metodológicos possíveis, com utilização de qualquer equipamento disponível (máquinas fotográficas e celulares) seus ou emprestados. É importante destacar que, para além do urbano, no interior, o ter estes instrumentos não é tão comum. Falo de crianças que habitam um município pequeno de 7.300 habitantes com características do campo, com 59% de seu território inserido em Unidade de Conservação – o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro - PEST. A segunda parte foi ir a campo – seu lugar - fazer a foto com o auxílio dos pais/mães, vizinhos, amigos, parentes, colegas de classe e até demais professores da escola ou sozinhos. Feitas as fotos, era

preciso encaminhar para a professora sistematizar e novamente dei dicas de formas de envio: disponibilizei um *e-mail* que anotaram em seus cadernos, um computador para que trouxessem o “*pendrive*” ou cartões de memória e os cabos “*usb*” das máquinas. Enfim, todos de sua maneira e condições realizaram a atividade. Minha tarefa foi sistematizar as fotos para a apresentação que foi realizada com cada turma, utilizando um projetor multimídia no espaço de sala de aula. Eram três turmas: 501, 502 e 503, cujos estudantes tiveram o compromisso de apresentar seu lugar aos seus colegas, ação esta que se consolidou como terceira etapa.

No decorrer da preparação desta atividade, enquanto da organização para a apresentação, trabalhei com livro didático por meio da leitura dos textos e interpretação descritiva das ilustrações apresentadas. Para a visualização de outros lugares, utilizei o atlas de SC, do qual as crianças escolheram paisagens para a reprodução em desenho, sendo que neste momento muitos comentaram sobre os lugares que viam na televisão ou que já tinham visitado e ainda como lugares de origem.

Os/as estudantes, após objetivo explicado e metodologia organizada e explicada, foram a campo realizar a atividade proposta com muita disposição e solidariedade, um exercício de alteridade. Todo o processo os envolveu com a família, com a comunidade e com a escola, durante um período de três semanas até a apresentação em público para sua turma. Ressalto a importância da transparência e da explicação de como fazer e porque fazer, assim atingimos os objetivos de aprendizagem. Os/as estudantes somente foram a campo após anotarem em seus cadernos os procedimentos e possibilidades de execução da tarefa, como já relatado na metodologia, esta conduta pedagógica foi essencial para lhes dar segurança na execução da atividade.

O fechamento do tema foi às apresentações e a reprodução em desenho de seu lugar, que revelou o resultado desta odisséia no espaço vivido, visto que as crianças desenvolveram a capacidade de trabalhar com detalhes e suas formas, refletindo significados aos seus lugares, ou parafraseando o Pequeno Príncipe, **às suas estrelas.**

Após as apresentações, as crianças quiseram socializar com as demais turmas, revelando o quanto foi gratificante pra eles. O mais impressionante aconteceu quando solicitei que desenhassem seu local de moradia, pois apareceram níveis de detalhes, fidelidade à paisagem, às cores e formas. Nesta atividade as crianças se apropriaram de um conhecimento, ou melhor, concretizaram o conjunto de percepções que estava internalizado em sua visão ou leitura do seu lugar no mundo.

O lugar próximo é oferecido como leitura inicial, pois o entendimento do contexto do aluno, de como ele se vê, como se reconhece neste lugar, como reconhece os outros, é o primeiro passo para que compreenda outros elementos identitários, em diferentes escalas geográficas. (Costella; Shaffer, 2012, p. 65)

Dar sentido às atividades pedagógicas desenvolvidas, significado à aprendizagem é um objetivo da educação escolar. No ensino de Geografia podemos explorar muitos percursos, caminhos e trilhas com criatividade e simplicidade. Deixar as crianças e jovens livres, mas com responsabilidade, dá sentido à docência, anima nossa cansada e restrita possibilidade de ir além, diante da realidade estrutural e humana que tão bem nós professores/as conhecemos. Trago no exemplo relatado anteriormente uma oportunidade não única, todavia concreta de desenvolver no ensino de Geografia uma das categorias de análise do espaço geográfico que nos é tão cara – o LUGAR – e, em consequência, a paisagem. Considerando o local de moradia e convivência das crianças é possível explorar outros saberes de sua existência e relações com o município, estado, país e o mundo, porque eles/as já sabem que se pode olhar para outras dimensões, mesmo não circulando por outros territórios. Valorizando seu lugar, darão importância ao mesmo no contexto de outras realidades, sem meras comparações julgadoras de mérito, se é bom ou ruim, porém com a consciência de que todo lugar tem sua relevância social, ambiental e econômica nos cenários geográficos. A leitura de mundo começa a ser feita, conhecendo bem as características de seu espaço vivido, então se revela o encanto da Geografia para a abordagem de seu objeto de estudo – o ESPAÇO GEOGRÁFICO. Selecionei algumas fotos no

apêndice F, para exemplificar a atividade e seu potencial didático no trabalho com os conceitos lugar e paisagem tidos como categorias de análise do objeto de estudo da Geografia – o espaço geográfico. As fotos representam comunidades diferentes dos espaços vividos dos/das estudantes de 5ª séries do ano de 2013 da Escola Básica Dr. Ivo Silveira.

Os/as estudantes após a dinâmica se aproximaram para além da amizade, conversavam entre si sobre como se encontraram para realizar a atividade, como executaram quem os ajudou. Esse momento de escuta de suas condutas diante da proposta confirma que é possível explorar horizontes de um ensinar com a realidade.

A partir desta atividade pedagógica percebi uma interação social e de respeito aos diversos lugares de moradia por parte dos/as estudantes, sobretudo a ampliação do conhecimento sobre o lugar e a paisagem local para além de sua percepção individual que, como já relatado, descaracterizava a função social do lugar, generalizava os elementos constituintes da paisagem e resumia a análise nos adjetivos bom ou ruim.

Os/as estudantes conheceram de fato seu lugar e essencialmente passaram a valorizar seu espaço vivido, com suas características, diferenças, igualdades, conflitos e contradições. A identidade do lugar, permeada de significados para a vida dos/as estudantes, foi reconhecida e revelada nas falas das apresentações e nas fotos registradas. Aquela dicotomia inicial de comunidade X município não foi totalmente desconstruída porque é cultural, porém houve a evidência de mudanças de olhares e percepção da dimensão territorial, no qual estão inseridos/as. Deste modo, puderam observar semelhanças entre os elementos constantes nas fotos apresentadas que marcam o município como um todo, como também elementos presentes em demais lugares nas diversas escalas local, regional e nacional.

A leitura do mundo a partir do lugar realmente foi possível a partir do recorte espacial do município nas suas diferentes comunidades, principalmente onde habitavam os/as estudantes que realizaram as atividades propostas. Por meio do ensino da Geografia, foi dada a possibilidade e a oportunidade aos estudantes das 5ª séries de ver seu **LUGAR**, suas **estrelas**.

4.7.1 – Reflexões pedagógicas

Outras demandas sempre estarão surgindo, seja revelada pelos/as estudantes no cotidiano das aulas, por acervos antigos, pelas mídias ou programas e políticas públicas. Temos entendimento que é esta a dinâmica, a vida escolar é assim, intensa e se apresenta na realidade sem legenda ou manual de instrução. Confesso que me causa desconforto em ouvir a frase “não fui formada/o pra isso”, soa como corriqueira, entretanto esclareço que independente de profissão, já que nunca teremos todas as respostas, sempre teremos que ampliar a teoria para atuar na prática, pois as situações envolvendo a educação são diárias e diversas e, dependendo do lugar, ímpares. Eu apenas ensino o que conheço, o mais é transferência de informação.

Esta reflexão é para dizer que no caminho da docência o/a profissional vai se qualificando o que, como professores/as, precisa ser uma constante, pois não posso anular o conhecimento do/a estudante porque “não fui formada pra isso”! Quando da promulgação da Lei 11.645 no ano de 2008, estava oficializada a obrigatoriedade de inclusão no currículo nacional da “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. A partir de então, foi preciso redimensionar planejamentos de ensino. Admitindo certa superficialidade no trato das temáticas para melhorar as aulas de Geografia, em especial nas turmas de 6ª série onde se trabalha o território brasileiro, me inscrevi num curso de extensão na modalidade à distância pela UDESC sobre a “História dos Índios no Brasil”. Foi uma busca por conhecimento, porque até então minha abordagem sobre o tema era rasa, uma vez que ficava muito vinculada ao livro didático e o mapa no atlas. Eu sabia que não era só isso que poderia oferecer como professora de Geografia. Neste sentido, para além do projeto desenvolvido com as turmas durante o curso, as aulas em toda a educação básica ganharam robustez.

Narrei aqui algumas experiências didáticas, que considero de referência e influência nesta trajetória docente no âmbito da rede municipal, porque demandam novos fazeres pedagógicos, influenciando diretamente nos planos de ensino, no diálogo com os demais colegas, na escolha do livro didático e, conseqüentemente,

na formação humana integral dos sujeitos de aprendizagem tendo a diversidade como princípio formativo.

4.8 - TRANSIÇÃO: PROFESSORA DOUTORANDA

Conforme narrei, 2013 foi um ano de construção do projeto de Doutorado e marcado pela efetivação no Estado. Ano movimentado que teve seu ápice em janeiro de 2014 com o resultado positivo da seletiva, tornando-me doutoranda em Ensino de Geografia na UFRGS. Depois de uma luta judicial consegui licença remunerada no município e, no Estado, continuei dando aulas, afinal eram 10h. Como tantas narrativas suas, meus/minhas colegas de profissão, passei a ter uma rotina de viagens, estudos e trabalho. Tanto quanto no Mestrado, contei com a solidariedade de amigos/as, ficando sem custos em apartamentos e casas de segunda a quarta, em Porto Alegre/RS, para cumprir os créditos. Saía da aula quarta-feira, ao meio dia, seguindo viagem direta, a fim de lecionar às 18h30min na escola da Base Aérea em Florianópolis. Assim aconteceu por um semestre até que surgiu a oportunidade de remoção para a rede estadual em Paulo Lopes/SC. Em 30 de julho de 2014 iniciei uma nova jornada, ampliada, no lugar que engrandeceu minha docência, pois estava na EEB Frederico Santos com muitos de meus pares da rede municipal. Relato um bastidor interessante, visto que alguns colegas precisaram deixar turmas, para que eu pudesse assumir aulas, fazendo a gentileza de liberar uma turma em cada turno, ou seja, tinha dia e período que eu ia para dar uma aula. Fiquei com uma turma de 6º ano, 9º ano do ensino fundamental e de 1ª série do Ensino Médio. Na educação temos muitas questões a resolver, entre outras coisas temos consciência das disputas e conflitos, pois é um campo complexo. E este foi um semestre atípico, com doutorado, aulas intercaladas em Paulo Lopes e nas quintas e sextas-feiras aulas no noturno em Florianópolis.

O ano 2015 começou e a distribuição de turmas melhorou, pois fiquei responsável por cinco turmas da 1ª série. Cabe sublinhar aqui a Geografia do Ensino Médio, que no currículo contempla conteúdos gerais numa escala mundial.

4.8.1 - Experiências didáticas: PNEM

Apresento uma das atividades desenvolvidas no EM da EEB Frederico Santos. Trago esse exemplo por corroborar com essa nova fase da docência associada aos programas de governo, neste caso específico do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio - PNEM.

A partir da perspectiva da formação humana integral, organizamos a Semana de Cidadania Ambiental, um trabalho coletivo no planejamento e socialização, entretanto, por conta das rotinas diárias conhecidas nas escolas, o desenvolvimento aconteceu por componente curricular, mais especificamente Artes, Biologia, Física, Geografia, História e Sociologia.

A experiência desenvolvida em Geografia se deu a partir da Carta da Terra.

A Carta da Terra é resultado de uma década de diálogo intercultural, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados. O projeto da Carta da Terra começou como uma iniciativa das Nações Unidas, mas se desenvolveu e finalizou como uma iniciativa global da sociedade civil. Em 2000 a Comissão da Carta da Terra, uma entidade internacional independente, concluiu e divulgou o documento como a carta dos povos. (www.cartadaterrabrasil.org)

A introdução deste documento complexo, porém direto em seus princípios, foi realizada a partir do audiovisual “A Carta da Terra: valores e princípios para um futuro sustentável” para todas as turmas da primeira série do ensino médio. O objetivo foi trazer o texto de forma mais leve e associado a imagens cotidianas de lugares do mundo revelando a atualidade de seus valores e princípios.

A segunda etapa foi apresentar o texto em cópias que foram entregues individualmente aos/as estudantes, contei ao entregar o contexto histórico e geográfico de elaboração do mesmo. A metodologia de trabalho com o documento deste ponto em diante foi a seguinte:

- divisão das turmas em grupos – para que não houvesse repetição do conteúdo da Carta da Terra, o procedimento foi relacionar a forma do próprio documento, que é dividido em quatro princípios essenciais e, estes, subdivididos em 16 princípios associados;
- divisão entre as cinco turmas – 101, 102, 103, 104 e 105 do documento, sendo que a turma 105 ficou com os princípios norteadores: I. RESPEITAR E CUIDAR DA

COMUNIDADE DE VIDA, II. INTEGRIDADE ECOLÓGICA, III. JUSTIÇA SOCIAL E ECONÔMICA e IV. DEMOCRACIA, NÃO VIOLÊNCIA E PAZ e as demais turmas citadas com quatro ações propostas a partir dos mesmos, fechando as 16 ações.

As atividades desenvolvidas e relatadas a seguir por etapas foram todas registradas com fotos inseridas na rede social da própria escola EEB Frederico Santos para o acompanhamento e o aprofundamento dos temas, em virtude do endereço de acesso aos/as estudantes, bem como o endereço da página social da Carta da Terra BR. Vale ressaltar esse momento de inserção e cuidado com a divulgação nas redes sociais, novo instrumento que se alia ao fazer pedagógico do/da professor/a. Realizada a distribuição dos grupos, passamos as fases de execução:

- montagem das frases – cada grupo recebeu um envelope, jornais e revistas para recorte das palavras e letras para montagem das frases dos princípios a serem coladas num gigante mapa do mundo (2,5m x 3m).
- elaboração do mapa do mundo com divisão dos continentes – utilizamos papel pardo dividido em duas partes que juntamos com fita adesiva, sendo esta utilizada como linha do Equador para referência de localização dos contornos dos continentes. Esta ideia partiu da própria aluna que reproduziu o mapa a partir de outro mapa escolar.

As atividades de montagem das frases e construção do mapa aconteceram simultaneamente:

- colagem dos princípios no mapa – cada grupo colou sua frase aleatoriamente no interior dos continentes.
- inserção de elementos universais – levei para sala material impresso pesquisado na internet, com símbolos de paz (símbolo em mandarim e o pombo), amor (coração com a palavra amor em várias línguas), diversidade (coração com pessoas das diversas etnias) e solidariedade (bonecos de mãos dadas), que os/as estudantes da turma 101 recortaram, coloriram e colaram no mapa. Também a imagem de Malala Yousafzai de 17 anos (Nobel da Paz em 2014), associada aos princípios da Carta da Terra para mostrar que a luta pela educação é global, e também para que os/as estudantes soubessem que o acesso à educação não é igual nos diferentes países do mundo, onde existem jovens de sua idade envolvidos em causas sociais de relevante importância que superam o supérfluo mundo de consumo.

- fixação do mapa na parede da escola – fixamos em uma parede, já que a intenção era de socialização e repasse das mensagens a toda comunidade escolar.
- pintura dos oceanos – essa etapa se deu a pedido dos/as estudantes das turmas 102, 103 e 104 que pintaram os oceanos para dar visibilidade aos continentes e os princípios da Carta da Terra.
- preservação do mapa – para garantir maior tempo de exposição e permanência, envolvemos o mapa com plástico adquirido em parceria com a indústria local.
- produção de vídeos – sugeri para as turmas que livremente produzissem um vídeo simples e curto com sua frase, com eles/as sendo os/as personagens, tendo como paisagem um ambiente do município. Como a atividade era externa e fora do horário de aulas, a ideia não teve muita adesão, mesmo assim foram socializadas três produções.

Em se tratando de juventude e por estabelecerem uma relação de proximidade com suas famílias ou ainda por terem pouca autonomia, percebi a necessidade de coordenação, pois a presença de um responsável é essencial.

- debate em sala de aula – antes da socialização fizemos a leitura do documento e debatemos os princípios ali colocados numa associação com a vida cotidiana e lugar de vivência.

- Momento de socialização – todos os trabalhos desenvolvidos no decorrer da Semana de Cidadania Ambiental foram apresentados pelos professores do programa e estudantes na quadra de esportes da escola para todas as turmas do ensino médio. (Apêndice G)

4.8.1.1 - Impressões pedagógicas

Foi realmente um trabalho coletivo de muitas mãos, um total de 100 estudantes envolvidos/as diretamente, totalizando 10 aulas de Geografia desde a apresentação do documento até a socialização da atividade.

Ficamos imersos num compromisso de dar visibilidade aos valores essenciais da humanidade, fazendo Geografia na relação do ser humano com a natureza, mas integrando elementos, conhecimentos dos demais componentes curriculares, expresso nas falas dos/as próprios/as estudantes. Mesmo sendo um tema de abrangência mundial nos diálogos com estudantes articulamos os princípios da

Carta da Terra com a realidade entendendo que “viabilizamos a compreensão do lugar como categoria de análise geográfica fundamental, pois nele concretizamos a organização espacial, resultado da relação entre natureza e sociedade, mediada pela ciência e pela técnica” (BRASIL, 2014, p.39)

Ao desenvolver uma atividade desta dimensão, percebi enquanto docente o tempo e ritmo próprio desta juventude que é muito distante da nossa geração. Participam do seu jeito, entretanto trabalham sempre que incentivados e motivados, principalmente quando a atividade é apresentada com um planejamento bem elaborado e os objetivos definidos, embora vinculado a uma provável avaliação.

É com certeza pela experiência de sala de aula, que se delineia um caminho longo para que essa juventude perceba o significado da aprendizagem. Aliado a isso, há a necessidade urgente de reestruturação nos espaços físicos da escola, formação de gestores atentos às diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio e, no caso de nosso estado de Santa Catarina, a Atualização da Proposta Curricular 2014, além da valorização dos/as profissionais do magistério público. A proposta de trabalho na formação por meio do PNEM foi o grande incentivo para desenvolver esta atividade e, como expressa nos cadernos de formação, é inovadora e possível. Certamente, paralela às referidas mudanças necessárias e urgentes, podemos exercer com maior qualidade nosso trabalho, para não ser um voo solitário de abnegados/as docentes do território brasileiro.

No Estado, minhas experiências desde a lotação têm sido maior no Ensino Médio. Dar a eles/elas a oportunidade de enxergar o mundo a partir de seu lugar é ensinar Geografia, mas também é a metodologia para a iniciação científica. No meu caso e de muitos/as colegas da década de 70, era inevitável querer retomar o passado com a típica frase “mas no meu tempo”. No começo até me apropriei deste discurso, porém com auxílio de muitas leituras, diversas formações e vários exemplos na rotina de trabalho docente, o enredo adquiriu substância dentro da própria profissão. Incorporei novos métodos, recursos tecnológicos, todavia não abri mão do clássico. Exemplificando ensinei aos adolescentes e jovens a pesquisar em livros, explorar o espaço – biblioteca, bem como consultar na internet, porque sabemos que muitos/as apenas colocam o termo no “Google” e copiam a primeira informação que aparece, o tal “copia e cola” Então o planejamento de qualquer trabalho requer anteceder possíveis fontes para a

realização da pesquisa como livros didáticos (aqueles que sobram da escolha), livros da biblioteca e indicação de páginas de instituições de pesquisa consolidadas como a do IBGE. Feito isso, mediamos numa perspectiva sóciointeracionista e damos autonomia com responsabilidade aos estudantes. Também neste entendimento explico noções básicas de regras da ABNT como primeiro contato, para além de referenciar as fontes, garantir ética na produção do conhecimento.

Neste caminho de uma Geografia voltada para a pesquisa, explorei com as turmas de 2ª série temas mundiais da humanidade vinculados aos acontecimentos atuais, explorando a partir de charges, recortes de jornais e revistas, documentários e mapas temáticos o interesse, participação e interpretação com força na fala e escrita. Dinâmica similar foi desenvolvida com a turma de 9º ano, dado que os conteúdos para este nível de ensino também têm abordagem de espaços mundiais. Em função da faixa etária, o cinema foi um recurso que atingiu o objetivo de conhecer outros continentes e a diversidade da paisagem a partir de uma história real, o ser humano no extremo de suas limitações frente às adversidades.

Figura 14 – Turma 9º ano EEB Frederico Santos no cinema



Fonte: Arquivo autora

Em 2015 ampliei o ensinar Geografia no sentido de mostrar que a ciência, especialmente nesta fase de final do Ensino Fundamental e entrada no EM, não é mera descrição dos lugares ou tão somente de localização, é um conhecimento que dialoga e interage com as demais ciências. É interessante entender que saber Geografia mobiliza sujeitos na defesa dos Direitos Humanos, na compreensão da geopolítica, no reconhecimento da diversidade e no entendimento da dimensão espacial.

Este amadurecimento intelectual de leitura de mundo e com foco em um ensino para a aprendizagem tem relação próxima com minha participação no grupo de produção da atualização da PCSC em 2014, o próprio PNEM, a trajetória no ensino fundamental na EB Ivo Silveira e o envolvimento nas discussões de currículo. Ampliando o acervo das experiências didáticas no apêndice H posto algumas fotos representativas do período da docência entre 2006 e 2013 em Paulo Lopes/SC em especial na Escola Básica Dr. Ivo Silveira.

4.9 – UMA TRAVESSIA: PROPOSTA CURRICULAR 2014 – PROFESSORA FORMADORA

A experiência no percurso da docência me levou a participar como integrante do grupo de produção da atualização da Proposta Curricular de SC, representando a Geografia na Área de Ciências Humanas. No entanto, para além da Geografia, a escrita deste documento empoderou e marcou identidades ao eleger como fios condutores a formação integral, o percurso formativo e a diversidade. A Geografia agora pensada a partir das Ciências Humanas e articulada às demais áreas das Linguagens, Ciências da Natureza e Matemática. Neste sentido a Geografia ficou maior e, trabalhar o planejamento de ensino a partir dos seus conceitos de lugar, paisagem, região e território, assumiu uma dimensão e perspectiva plural de contexto na busca pela integração curricular. O conceito de lugar continua tendo lócus privilegiado “o espaço vivido é o lugar, onde os seres humanos se reconhecem, constituem identidades, atuam como cidadãos e a partir do cotidiano fazem a leitura do mundo”. (SANTA CATARINA, 2014, p. 143)

Como professora no Ensino Médio naquela época, os diálogos e escritas durante o período de construção da PCSC sustentaram uma prática mais transparente e alicerçada em princípios de alteridade, consciência política, valorização da diferença, sustentabilidade, pluralidade de ideias e concepções pedagógicas de aprendizagem. Neste mesmo período, soma-se a experiência do PNEM, aqui já demonstrada, que nos coloca a frente de um processo de repensar práticas de maneira articulada para a juventude. As aulas assumiram a abrangência da humanidade, aos conteúdos foi agregado significado, realidade e contemporaneidade nas escolhas metodológicas.

A partir da incorporação de todos os textos em minha prática pedagógica, comecei a socializar e compartilhar com gestores/as e professores/as em reuniões, encontros, seminários, formações com anos iniciais, finais e no ensino superior os fios condutores da PCSC. As falas foram ganhando força e sustentação teórica, ficando bem alicerçadas no chão da escola. Houve um amadurecimento com conhecimento de causa, movimentos, dinâmicas, bastidores, processos que envolvem o espaço social – escola. Neste contexto viajo pelo Estado levando na bagagem a Geografia, porque está em mim assim como o sangue que percorre as veias. O conceito de lugar se expande porque parto sempre da compreensão do espaço vivido para um fazer pedagógico com significado e origem. (Apêndice I)

Acrescento nesta trajetória o trabalho realizado no Plano Nacional do Livro Didático em 2015 como avaliadora da Geografia dos livros dos Anos Iniciais. A partir dos critérios sugeridos pelo MEC e legislação vigente, fizemos um parecer das coleções apresentadas pelas editoras, um trabalho de análise com profundidade que ampliou minha abordagem para a escolha de livros didáticos, auxiliando também meus/minhas colegas, já que fui treinada para uma análise apurada dos conteúdos impressos.

4.9.1 - Geografia e diversidade

Na trajetória de vida e escolar tive que conviver com demandas de minha vida pessoal, por conta de minha identidade de gênero. Trazer isso para o contexto do ensino de Geografia parece descolado para o que se pretende nesta tese, todavia é meu lugar íntimo que conduziu o ser professora no caminho do respeito à

diversidade. Confesso que me apropriei do conhecimento da temática e também conquistei empoderamento de fala após minha participação na construção do texto da proposta curricular de 2014. A partir da Geografia Escolar consegui levar de forma espacializada os assuntos relacionados às questões de gênero e todas as diversidades. No âmbito do Ensino Médio, dados os temas, essa inserção aconteceu naturalmente, já que a diferença foi princípio formativo no currículo.

Houve uma situação que senti que poderia expressar de forma mais direta o respeito a todos/as sujeitos da diversidade. Alicerçada pela formação e leituras, diante da situação apresentada, aliar docência à consciência humana e diálogo com a família, vamos aos fatos.

Ao realizar no contra turno atividade do PNEM, soube por uma aluna do EM que, quando ela perguntou pela Prof^a Luciana, foi recebida com a seguinte resposta “aquela que se veste como homem?”. Sabendo do acontecido, solicitei à direção que chamasse a família para conversar, já que eram menores. A princípio a gestão quis abafar o ocorrido, no entanto eu, segura pelo trabalho da PCSC, afirmei que era necessário e urgente tratar da temática na escola. Depois de sensibilizar a direção tive a oportunidade de conversar com a família dos meninos e ambos pediram desculpas. É claro que eu esperava por reações diversas, todavia houve acolhida e compreensão. A situação foi importante para perceber que com conhecimento, confiança no trabalho e participação da família é possível fortalecer a escola sem ter que ficar justificando nossas práticas pedagógicas. Também é preciso acolher a família por meio de um diálogo e não de conflito. Como professores/as de escola pública a diversidade está colocada e devemos reconhecer e acolher, uma vez que a seletividade empobrece as relações.

Com todas essas experiências e vivências narradas nesta tese, seja na trajetória discente como na docente a desconstrução foi progressiva, porque somos educados/as desde que viemos ao mundo e, dependendo o que a família define como boa educação, você pode se tornar uma pessoa de preconceitos, naturalizar atos e palavras, manter discursos seletivos e de vínculo religioso. Com todo esse percurso afirmo que melhorei como ser humano e mais ainda como professora.

No mesmo período, primeiro semestre de 2015, estávamos construindo em conjunto, rede municipal e estadual, o Plano Municipal de Educação – PME. A partir de várias audiências públicas assim como ocorreu em âmbito nacional e estadual, o

plano foi levado ao legislativo para apreciação e votação. Nada diferente do que aconteceu em todas as câmaras de vereadores/as, houve intervenção direta de grupos religiosos que não participaram da escrita do documento, mas que estavam presentes na sessão plenária para retirada do termo “gênero”. Aquela noite de 24 de junho de 2015 foi tensa e posso afirmar definitiva para minha continuidade como moradora e profissional em Paulo Lopes/SC. Apresentei um documento para a Câmara com as considerações para a permanência do termo estudos de gênero no PME, fiz fala na tribuna explicando o cunho pedagógico, porém a decisão já estava acertada e os artigos que continham o termo foram retirados. Estava sozinha frente a mais de 100 pessoas abduzidas por líderes religiosos, sem consciência política e cidadã dos fatos, sem leitura do documento. Neste contexto uma decisão a ser tomada, frente aquela distorção do trabalho docente, decidi permanecer e trazer conhecimento, esclarecimento, porque a ignorância foi o motivo da retificação do plano em detrimento de toda uma construção coletiva. O esforço então foi para instrumentalizar todos/as os/as profissionais da rede de ensino na temática sobre estudos de gênero, o que aconteceu no ano letivo de 2017 em parceria com o Programa de Extensão Formação Continuada de Professores/as para Educação Básica da UDESC. Foram quatro encontros que versaram sobre “gênero, sexualidade e práticas docentes”. Com certeza a temática gera conflitos, resistências e pré-conceitos dada à vivência e formação familiar e religiosa de cada indivíduo, é uma questão de humanidade que independente de localização geográfica e cultura gera discussão. Na escola pública nos cabe o “reconhecimento da diversidade de identidades e de saberes como condição político-pedagógico para o desenvolvimento da Educação Básica” (SANTA CATARINA, 2014, p.27)

Em 11 de abril de 2016 inicia-se uma etapa na gestão técnica do ensino público, saí da sala de aula na rede estadual e fui à disposição para a Coordenadoria Regional de Educação da Grande Florianópolis. Não vou esquecer-me da última noite no “Fred” quando, ao final da aula comuniquei meu afastamento, e eles/as me aplaudiram. A ficha demorou a cair para usar uma expressão de minha geração, já estava afastada do município e agora do Estado. Foi uma escolha de fato financeira, porque definitivamente a sala de aula é meu lugar. Por outro lado, permitiu uma intervenção mais próxima da realidade, sugestões de medidas de aproximação entre escolas e gerências. Para o/a leitor/ra de outros estados

entenderem, a organização da rede estadual, funciona assim: temos como mantenedora e órgão central a Secretaria de Estado de Educação, e descentralizadas pelo território catarinense 35 gerências regionais de educação e a Coordenadoria Regional da Grande Florianópolis. Estas unidades descentralizadas têm a responsabilidade de mediação entre as escolas e SED/SC.

Este trabalho incorpora conhecimento ampliado de políticas públicas educacionais, da legislação, de programas em todos os níveis e modalidades de ensino e também de percepção de intencionalidades que não atendem as demandas do serviço público. As experiências somatizam na carreira e dilatam a capacidade de fala, com argumento e conhecimento.

Desde abril de 2016 integrando a equipe da CRGF já acrescentei muito conhecimento que com certeza vai agregar no exercício da docência, nas oportunidades de formação oferecidas e aprofundamento nos estudos, destaco aqui o envolvimento direto em todo percurso da construção da Base Nacional Comum Curricular. Envolvimento este que se deu como professora em 2015/2016 e depois como leitora crítica e coordenadora no Seminário Estadual, já atuando na secretaria, do componente curricular Geografia. Pela Supervisão de Políticas e Planejamento Educacional tive a oportunidade de integrar dois núcleos de estudo do estado: o Núcleo de Educação, Prevenção, Atenção e Atendimento as Violências na Escola – NEPRE e o Núcleo de Educação Indígena – NEI. Entendendo as políticas e possibilidades de atuação no ambiente escolar, assimilando culturas e tendo um cenário de mundos que não vivencio cresce o respeito e valorização da diversidade, bem como me sustenta de conhecimentos para poder ser elo de comunicação e mediadora nas escolas. Em 2018 até o mês de junho compus a equipe de Supervisão de Gestão de Rede, atuando na integração de programas, modalidades e projetos, mais próxima do chão da escola, cenário real onde tudo acontece e a diversidade se expressa. Também 2018 marca meu retorno, ao meu lugar de excelência – a sala de aula – em fevereiro na rede municipal e em agosto na rede estadual Paulo Lopes/SC.

Voltando pra casa no sentido literal de minha docência, como aqui descrita dado que a rede municipal deu origem à transformação e descobertas na profissão e, onde os/as estudantes forneceram elementos para um repensar metodológico no ensino de Geografia. Do início em Palhoça, passando por Florianópolis e São José

até chegar a Paulo Lopes/SC contei aqui um pouco desta trajetória, que agora retomo como professora no ensino fundamental, acrescida da bagagem do Doutorado.

Seguimos na tese agora referenciando o conceito de lugar, marcando identidade e sentido de pertencimento e como condutor de nossas experiências geográficas.

5 O LUGAR COMO IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E EXPERIÊNCIA.

Em artigo intitulado “O lugar na Geografia humanista”, o autor Werther Holzer conta um pouco sobre a valorização do conceito de lugar pela Geografia desde o início do século XX. Cita vários autores responsáveis pela condução do conceito ao longo da história moderna da ciência. Escreve que o conceito durante 50 anos ficou vinculado ao significado locacional e cita o geógrafo Carl Sauer como o primeiro a dar outro sentido ao lugar numa perspectiva cultural. As obras do geógrafo Yi-Fy Tuan têm ênfase especial nesta escrita e dão ao lugar o fundamento que escolhemos para esta tese.

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado." (TUAN, 1979: 387 apud HOLZER , 1999, p 70

Na obra deste autor, “espaço e lugar a perspectiva da experiência”, o tema central é saber como o ser humano experiência e entende o mundo. Ele discorre sobre o conceito de lugar sob vários ângulos, desde o primeiro contato da criança com o mundo, quando explora a experiência vivenciada, a permanência, até como o lugar é percebido à medida que crescermos como humanos na relação com os ambientes e pessoas. O que impressiona é o nível de detalhes na exploração do conceito desde a infância à vida adulta. A cultura é percebida como referência de relação humana com o mundo, como o seu lugar. A partir da leitura vai se consolidando o significado do conceito como sentimento de pertencimento, dependendo do valor a que lhe é atribuído. Neste sentido, é possível estabelecer uma relação próxima com a citação no que se refere à perspectiva das pessoas relacionada às suas experiências e aspirações. Tuan, no livro, vai exemplificando tudo que escreve a partir de histórias reais das pessoas, ou seja, de suas trajetórias. Neste sentido vou recordando a minha passagem pelos municípios de Santa Catarina: Blumenau, Ilhota, São José e Palhoça até fixar residência em Paulo Lopes. Cada lugar marcou de maneira significativa minha vida, deixando lembranças da

infância, da adolescência e da vida adulta. De estudante à professora, como afirma o autor, “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos”. (TUAN, 2013, p 47)

Remetendo esse entendimento para a docência, momento em que se marca a identidade, construindo significado por meio de nossa passagem. A ciência da Geografia é lembrada a partir do trabalho desenvolvido sobre o nosso legítimo lugar, com sua espacialidade, construções, relações e natureza. Segundo Holzer, 1999 “Proponho que se defina o lugar sempre como um centro de significados e, por extensão, um forte elemento de comunicação, de linguagem, mas que nunca seja reduzido a um símbolo despido de sua essência espacial”.

O lugar é um pequeno mundo das relações de comunidade, onde a vida acontece por demanda espontânea, nos deslocamos com propósitos reais imbricados numa convivência de aproximação. A partir de nosso local de residência estabelecemos conexões com o externo, visualizamos paisagens, atualmente, na modernidade, auxiliados pelas tantas tecnologias. Ao abrir a porta de casa e seguirmos a pé ou por qualquer meio de transporte as coisas acontecem, planejadas ou não. Cada movimento desde o acordar já nos conecta a um emaranhado de pequenos mundos, constituído das coisas que está em nossa residência, da origem dos alimentos consumidos, da roupa que vestimos. Se fôssemos cartografar o que mentalmente espacializamos ou as ações realizadas no decorrer de um dia, o mapa traçaria uma rede em escala local, regional e mundial. Pensar em detalhes do lugar a partir de nossa rotina na condução de uma aula permite espacializar nossa vida e encontrar pontos de convergência com a rotina dos/das demais colegas. As referências podem mudar dependendo do território e a paisagem que me encontro, mas é a partir do lugar que faço a leitura do mundo. De acordo com TUAN, 2013 “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”.

Os alunos/as para os quais lecionei no campo ou na cidade mudam sua perspectiva de lugar, conforme a organização espacial. Cidades mais populosas, bairro ou até mesmo a rua ganham força. No interior a comunidade tem expressão, entretanto a população tem na mente o espaço geográfico do município, o interessante é a dimensão de distância que colocam como se tudo fosse muito longe. Lecionando num bairro distante 12 km do centro ainda não me acostumei

quando os/as alunos/as dizem: “professora, hoje eu vou lá a Paulo Lopes!”, como se fosse à outra galáxia. Esse costume está relacionado ao fato do deslocamento dos bairros para o município passar pela BR 101, pois produz uma sensação de viagem mesmo, ou ainda por aquela importância que centro tem como local de prestação de serviços, comércio e sede da prefeitura. Como Tuan, 2013, afirma, podemos criar o lugar onde os encontros entre as pessoas acontecem. Neste caso a escola passa a ser um lugar onde, para além da aprendizagem, as pessoas socializam, dialogam sobre questões banais do cotidiano, sobre os eventos sociais, compartilhando acontecimentos que numa cidade grande seriam notícia para apenas um conjunto de lugares ou até mesmo de uma rua, passando, pela escola, a ser sabido por todo o município, de fato o lugar perde sentido na ausência de significado. Quando nos mudamos, ao chegar ao novo ambiente é preciso um tempo para acessar a cultura local, já que ainda guardamos saudades ou lembranças, sejam boas ou ruins, do endereço anterior, pois cortar o cordão umbilical necessita de tempo. Conforme a música que elegi, juntamente com uma amiga professora de História quando nos efetivamos em Paulo Lopes/SC, “Eu me sinto um estrangeiro, passageiro de algum trem, que não passa por aqui”².

Também na perspectiva de Tuan, (2013 p.219), “o lugar é um mundo de significados organizados”, este conceito está ligado ao tempo porque, pensando na narrativa de minha história, os lugares foram tomando importância na medida de minha passagem, seja ela de duradoura ou curta vivência. De certa forma, como no poema de Cris Pizzimenti “sou feita de retalhos, pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha (...) em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior”.

O autor vai dissertando sobre as mais variadas possibilidades de se entender o lugar e como este se manifesta para cada ser humano desde o seu nascer, onde o lugar pode ser o colo dos pais, até a vida moderna de um executivo, onde os lugares são superficiais. Deste modo, cabe a pergunta: “quanto tempo demora em conhecer um lugar”? Será que a máxima de La Blache se encaixa nessa abordagem? A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens? De fato sentir o lugar leva tempo, por outro lado sempre conservamos pessoas, objetos e paisagens na memória que, ao serem vistos novamente, nos reportam às lembranças daquele

² Trecho música A Revolta dos Dandis I – (Engenheiros do Havá)

lugar com menor ou maior intensidade. No entanto, o cenário é criado mentalmente e a partir dele expressamos voluntariamente um sorriso, um silêncio ou uma tristeza. Neste contexto poderia mudar o título do poema para – **sou feita de lugares!** Tuan (2013, p.225) nos lembra de que “Viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas”.

O ciclo da vida humana importa na obra do autor e aqui enfatizo como é realmente a relação de estudantes ainda crianças e de estudantes adolescentes com a memória dos lugares, uma vez que são experiências diferentes ao longo do tempo. Na aula de Geografia, por exemplo, no sexto ano, trabalhamos com o conceito de lugar, a expressão das crianças estava muito vinculada às proximidades, a sua casa e ao bairro e nas relações de vizinhança. Quando retomamos este conceito no primeiro ano do ensino médio, os lugares são vistos como perspectiva de caminhada, de formação, visto que já estão descolados de sua origem, e os que querem permanecer os enxergam como possibilidade de retorno, embora primeiro precisem explorar outros lugares. O adulto estabelece um elo com o lugar pela “necessidade de adquirir um sentido do eu e da identidade” (TUAN, 2013, p.227).

O lugar como memória precisa ser revisitado na Geografia entendendo que fotos antigas têm significado importante para as famílias dos/das alunos/as. A história contada a partir das imagens, ao lado de como se apresentam os lugares hoje, faz mais sentido para a aprendizagem, dá mais autenticidade ao ensinar, porque os lugares carecem de continuidade. Conclui-se que crianças e adolescentes tendem no seu percurso formativo escolar, pessoal e social, a criar o seu lugar e, a partir dele, situar-se no tempo e espaço “alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos” (TUAN, 2013, p.217)

Completando a leitura da obra: Espaço e lugar a perspectiva da experiência e, confrontando com a narrativa de minha trajetória docente, posso afirmar que o município de Ilhota/SC é meu lugar de referência pessoal e, Paulo Lopes/SC, meu lugar de significado na docência. Certamente inimaginável na carreira profissional.

Após algum tempo, conhecemos alguns referenciais e os caminhos que os ligam. Eventualmente o que foi uma cidade estranha e desconhecida se torna um lugar familiar. O espaço abstrato, carente de significado exceto pela estranheza, torna-se um lugar concreto, cheio de significado. (TUAN, 2013 p. 243)

5.1 - O LUGAR NO MUNDO

Na obra *A natureza do Espaço* de Milton Santos, há um texto intitulado - *O lugar e o Cotidiano* – que faz inúmeras referências a escritores de outras ciências sobre o conceito de lugar, em caráter não individualizado, porém na ligação do local com o global. Essa interação e mediação declara a força do lugar na sua condição de contexto histórico, nas coexistências materializadas nos espaços geográficos, nas relações sociais de trabalho e produção e, sobretudo, na dimensão espacial do cotidiano:

Os lugares [...] podem ser vistos como um intermédio entre o mundo e o Indivíduo [...] cada lugar é a sua maneira o mundo [...] Impõem ao mesmo tempo a necessidade de, revisitando o lugar, no mundo atual encontrar seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada através da consideração do cotidiano (SANTOS, 2009, p.314-315).

É fato que nos movimentamos no espaço o tempo todo, pois a mobilidade é constante, seja no entorno de onde moramos, no deslocamento para nossas atividades de estudo, profissionais, recreativas e sociais, ou mesmo na permanência há um movimento de comunicação através da linguagem. Esses movimentos podem acontecer durante todo o ciclo da vida humana num mesmo lugar, entretanto com outros significados, ou nas mudanças que as circunstâncias da vida nos apresentam. Neste sentido podemos levar o lugar na memória ou recomeçar e compor novos aprendizados. Santos (2009) faz referência aos/às migrantes que partem para novas experiências de vida, salientando que o tempo e as necessidades vão lhes roubando da memória a rotina anterior e os obriga a uma nova descoberta.

O lugar se defronta com o mundo, mesmo nos mais recônditos lugares esse elo é real e se materializa pelo cotidiano, a partir dos objetos, da comunicação, da circulação de pessoas e produtos. Segundo Oliveira (2012, p.31) “lugar é um

microcosmo, é onde cada um de nós se relaciona com o mundo e o mundo se relaciona conosco”. Neste contexto, de certa maneira, acontece uma disputa territorial, resistência, diferentes intencionalidades, nem sempre as demandas de um mundo globalizado em especial na economia são anseios locais, muito pelo contrário, podem provocar rupturas e instabilidade na dinâmica dos lugares. Por outro lado, revertendo essa ordem global para o contexto da educação, pode ser uma ótima oportunidade de consolidação e compartilhamento das práticas, ou criar momento de reflexão sobre como pensamos a educação, por exemplo, num município com restrições de oportunidades para os jovens após a conclusão de seu percurso formativo na educação básica, entendendo que “o mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares” (SANTOS, 2009, p.337)

Esse cotidiano que se revela no espaço escolar precisa ser ouvido, valorizado e contado ao mundo, podemos conhecer um lugar pelas paisagens, todavia a vida se apresenta somente por meio da afetividade revelada de seus moradores, e as crianças traduzem muito bem seu lugar, é mágico, mas absurdamente real. Para fechar, no entanto sem finalizar: “a leitura do lugar em sala de aula não é conteúdo, mas vivência” (COSTELLA; SCHAFFER, 2012, p. 54).

5.2 - PENSANDO O CONCEITO DE LUGAR NO RECORTE ESPACIAL MUNICÍPIO

O município, do latim “*municipium*”, antiga designação romana, é uma entidade da divisão administrativa estatal. Como unidade político-administrativa, o município brasileiro tem origem no modelo da República Romana. Para Meirelles (1957, p.70),

Município é a circunscrição do território do Estado, no qual cidadãos, associados pelas relações comuns de localidade, de trabalho e de tradições, vivem sob uma organização livre e autônoma, para fins de economia, administração e cultura.

No caso do Brasil, como prevê a Constituição de 1988, o município passa a ser considerado como terceiro ente da federação. Numa abordagem simplificada o município seria o conjunto das áreas urbanas, suburbanas e rurais pertencentes ao controle de uma cidade, que é a sede da administração municipal.

Este recorte espacial é responsável por expressar o lugar de conflito e harmonia, do cidadão querer viver em comunidade. Entender este complexo uno e múltiplo, requer estudo mais aprofundado e especialmente diferenciado da pluralidade dos municípios. A verdade é que “no lugar se encontram funções e formas herdeiras de processos e estruturas sociais do presente e também residuais do passado, definindo tempos diferenciados para cada lugar” (Ferreira, 1996, p. 277). Deste modo é preciso reconhecer no município sua historicidade; natureza e coexistência de tempos materializados no território e na cultura local, valorizando saberes e fazeres do cotidiano.

O município, como território revelador de coexistências, consolida-se como local de excelência para seus moradores, que neste lugar buscam sua identidade como cidadãos. Conforme Santos & Silveira (2001, p. 281), refletindo sobre o espaço urbano, concluem que “as cidades constituem uma ponte entre o global e o local, em vista das crescentes necessidades de intermediação e da demanda também crescente das relações”. Certamente, o município enquanto lugar de diálogo e conflito imprime no território as interfaces da globalização, bem como, por vezes, seus/suas habitantes por meio do reconhecimento de sua identidade, procuram fazer prevalecer sua cultura, a força das relações sociais já estabelecidas, independentemente de demandas externas ou de interesses políticos. No entanto esta estratégia não revelada, mas evidente, explicita uma fragilidade, na medida em que reconhecemos

Os sistemas de cidades constituem uma espécie de geometria variável, levando em conta a maneira como as diferentes aglomerações participam do jogo entre o local e global. É dessa forma que as cidades pequenas e médias acabam beneficiadas ou, ao contrário, são feridas ou mortas em virtude da resistência desigual dos seus produtos e de suas empresas face ao movimento de globalização. SANTOS; SILVEIRA, 2001, p.281).

Os condicionantes da nova ordem mundial sob a ótica capitalista, pouco cedem às resistências locais, e ainda marginalizam lugares que não atendem às suas intencionalidades econômicas. No entanto é possível com bases sólidas e planejamento alicerçado no ritmo social culturalmente constituído e preservado, materializado no patrimônio construído por gerações passadas; filtrar as influências do processo, pois “o lugar sofre determinações homogeneizantes que lhes são estranhas é, ao mesmo tempo, capaz de resistir a elas, manter a diferença e nela engendrar processos de mudança” (FERREIRA, 1996, p. 277). É preciso a população instruída pela escolarização conhecer bem as externalidades e seus efeitos, podendo criar mecanismos de proteção para o seu lugar, seu município. Convém ressaltar o valor do **lugar como referência de aprendizagem no ensino de Geografia**. Nem sempre o que é tendência ou de uso comum, serve à realidade, segundo Ferreira (1996, p.278):

(...) é também no lugar que o mundo da globalização é contrariado, pois é nele que as diferenças se mantêm que o real triunfa, que o interno resiste ante as imposições desagregadoras das forças hegemônicas e, no limite, se potencializam as tensões entre a globalidade e a localidade.

O município é uma unidade administrativa com território demarcado, tem sua divisão em bairros e comunidades, conjuntos de características sociais, econômicas ou ambientais fornecem um padrão apresentado pelas instituições que o município agrega: exemplo as associações de municípios, as microrregiões do IBGE e áreas de preservação, são alguns modos de se apresentar oficialmente ao mundo. No entanto o que o qualifica é sua população, seus moradores que marcam pela identidade histórica com o lugar suas vivências, costumes, uma rotina entrelaçada com suas práticas sociais. No interior a comunidade ganha mais peso e força que a unidade administrativa, tanto que às vezes ganha autonomia e se emancipa tornando-se outro município. No estado de Santa Catarina já somos 295 municípios.

Deste modo o olhar do/da docente em Geografia precisa reconhecer no município a dinâmica da natureza, sua história; cultura e as marcas dos processos de produção de seus habitantes como também a coexistência de tempos

materializados na paisagem e na cultura local, valorizando saberes e fazeres do cotidiano.

As dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações (OLIVEIRA, 2012, p.15).

5.3 - O CONCEITO DE LUGAR COMO REFERÊNCIA DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.

No desenvolvimento da tese fizemos um recorte pelo conceito lugar para o ensino de Geografia, como referência de aprendizagem para leitura do mundo.

No estado de Santa Catarina nosso documento referência para estudo e planejamento é a Proposta Curricular com mais de duas décadas de existência dentro de uma concepção teórica histórica cultural, vem antes da LDB com forte influência da escola soviética. Em 1991 é publicada sua primeira versão, bastante conteudista e vinculada ao mundo do trabalho. A Geografia estava concebida com forte marcação para atividade industrial e conteúdos que partiam desta temática para leitura do espaço geográfico:

A Geografia que propomos seja ensinada deriva de uma concepção científica em que o espaço geográfico é produzido e organizado pelo homem. Conceber a Geografia como o estudo da organização do espaço pelas comunidades humanas, significa estudar as relações que os homens desenvolvem no e com o meio: pressupõe o conhecimento de como os homens em suas relações com outros homens se apropriam da natureza, pensam, produzem e organizam o espaço ao longo dos tempos. Implica, ainda, em irmos para além da simples descrição e enumeração dos elementos visíveis e perspectíveis da paisagem até penetrarmos no significado das diferentes configurações espaciais em toda a sua complexidade. E se objetivamos levar o aluno a pensar o espaço em toda a sua complexidade, a pulverização do conhecimento através da rígida separação entre homem e meio, sociedade e natureza deve, necessariamente, desaparecer.

(SANTA CATARINA, 1991, p.30)

A ênfase está toda na organização do espaço partindo da produção industrial deixando à margem a natureza. Tudo numa ótica de produção e mundo do trabalho, onde a ênfase não está no conceito. Então a distribuição ficou desta maneira: 5ª e 6ª séries com a organização e produção do espaço brasileiro; 7ª séries processo de produção e transformação do mundo contemporâneo, nas 8ª séries processo de industrialização e transformações na relação cidade e campo bem como a urbanização da humanidade. No nomeado a época 2º grau os temas da 1ª e 2ª série estavam relacionados ao estudo do Brasil no contexto internacional como nação subdesenvolvida e industrializada e na 3ª série o estudo do mundo contemporâneo. Uma Geografia com vistas à leitura do espaço geográfico socialmente produzido. O conceito de lugar aparece nas séries iniciais com referência ao cotidiano e paisagens dos lugares.

A Geografia exposta no documento da Proposta Curricular de 1998, tem assento na Geografia Crítica, e identifica a mesma como ciência social, que amplifica o objetivo de ensino:

A Geografia a ser ensinada hoje é uma ciência que estuda aquilo que é marcado pelo território, que expressa o espaço como resultado de lutas, das disputas, do jogo de interesses e de poder

dos povos, das sociedades e dos homens (SANTA CATARINA, 1998, p.176)

Como a PCSC tem em seu fundamento teórico na abordagem histórico cultural, o mundo do trabalho é tema de análise para todas as disciplinas e áreas do conhecimento. No caso da Geografia vem vinculado ao processo de globalização. No entanto, nesta nova versão o conceito de LUGAR ganha visibilidade como categoria de análise no entendimento do mundo, numa condição de sítio das consequências advindas das relações de produção estabelecidas no cenário mundial.

O lugar no/do mundo globalizado é atingido por redes articuladas que intervêm na sua história. Cada lugar se organiza em função de uma cultura, uma tradição, suas línguas e seus hábitos. Essa com o processo global. No entanto, o local é a escala de produção e reprodução da vida e precisa ser analisado sobre a tríade: habitante, identidade e lugar. (...) Na medida em que se entende significativo estudar o lugar, é fundamental compreender que ele é do mundo ou o mundo se expressa nele (...) (SANTA CATARINA, 1998, p. 177)

Dá relevo ao olhar espacial como modo de interpretação da realidade, foca no espaço construído e na natureza apropriada. Enaltece o local como sendo escala de produção e reprodução da vida, mas anexo ao espaço mundial. Entende como análise geográfica, a que considera a dimensão da natureza na produção do espaço e a interação entre Geografia Física e Humana. Prescreve a descrição como método de estudo, porém se apreendida na totalidade, por fim os pressupostos teóricos apontam para o necessário uso da linguagem cartográfica, com uso de mapas sendo um dos instrumentos fundamentais para análise geográfica.

No mesmo ano da publicação da PCSC em 1998, o Ministério da Educação publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, com objetivo “de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras” (BRASIL, 1998). O documento proposto para o ensino fundamental de 5ª a 8ª séries em Geografia faz alusão ao conceito de lugar como categoria.

(...) a categoria de lugar, assim como a de paisagem estão sendo recuperadas pela nova Geografia, em uma nova dimensão. O lugar deixou de ser simplesmente o espaço em que ocorrem interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas que constroem juntamente com a

materialidade dos lugares, e com as quais também interagem. (BRASIL, 1998, p.19)

O documento, também traz uma síntese histórica das correntes do pensamento geográfico passando pela Geografia Tradicional, Crítica e a Nova Geografia de abordagem relacional:

Uma Geografia que não seja apenas centrada na descrição empírica das paisagens, tampouco pautada exclusivamente pela explicação política e econômica do mundo; que trabalhe tanto as relações socioculturais da paisagem como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte, investigando as múltiplas interações entre eles estabelecidas na constituição dos lugares e territórios. (BRASIL, 1998, p.24)

Os PCN estabelecem uma organização do ensino fundamental por ciclos onde as séries iniciais são o 1º e 2º e as séries finais o 4º e 5º e concebe quatro eixos para planejamento de ensino. A Geografia tem por objetivo “estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem.”. (BRASIL,1998, p.26) Neste contexto o documento define o espaço como objeto central de estudo e disserta sobre todas as categorias de análise do espaço geográfico, território, paisagem e lugar contanto um pouco de sua historicidade na ciência geográfica, o conceito de lugar aparece sempre associado a outros, mas tido como prelúdio.

É fundamental que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos ao longo do terceiro e quarto ciclos e que esse estudo permita compreender como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço (...). A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho a ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais. (BRASIL, 1998, p.30)

Também no âmbito nacional são publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio no ano 2000, a Geografia insere-se na parte IV na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias que tem como objetivo para os/as

estudantes “construir competências que permitam a análise do real, revelando às causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade.” (BRASIL, 2000, p.30). Considerando que, a Geografia naquele momento assume a interdisciplinaridade no texto há várias evidências para o diálogo com demais ciências mesmo aquelas que não estão contempladas no currículo da educação básica como a Economia. Amplia-se a abordagem para escalas que não somente espacializem os fenômenos, mas que busquem identidade territorial, que reconheçam as contradições, conflitos econômicos, sociais e culturais, que expressem sua responsabilidade no lugar-mundo na perspectiva de um cidadão com consciência capaz de desenvolver as competências cognitivas, sócio-afetivas e psicomotoras. Os PCN entendem que “ao se identificar com seu lugar no mundo, ou seja, o espaço de sua vida cotidiana, o aluno pode estabelecer comparações, perceber impasses, contradições e desafios do nível local ao global” (BRASIL, 2000, p.31)

Este documento para EM trata de conceitos chaves e não mais categorias, dedicando parágrafos específicos para cada na parte que vai identificar o que e como ensinar, trago aqui o recorte sobre o conceito de lugar.

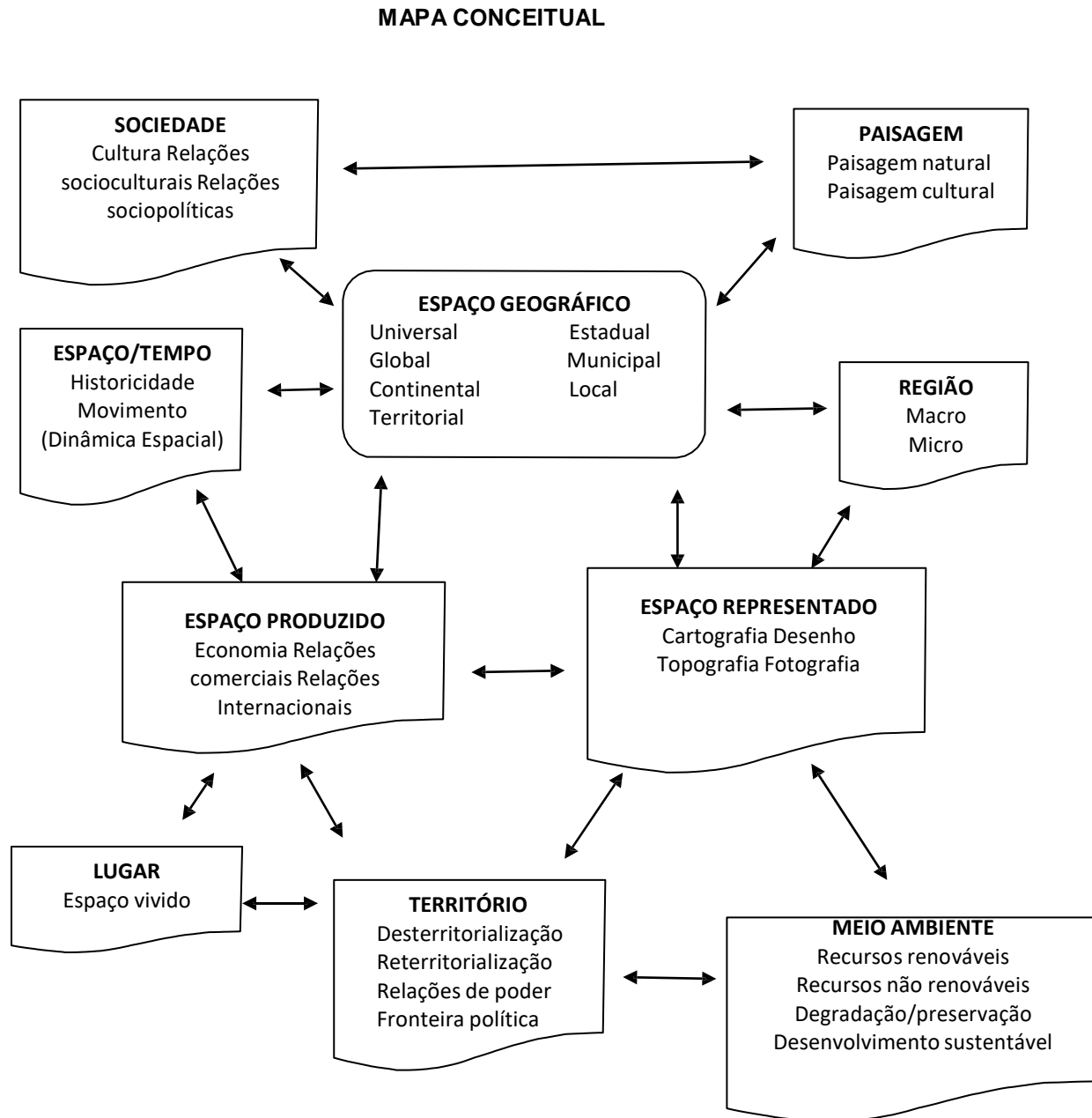
O conceito de lugar guarda uma dimensão prático-sensível que a análise vai aos poucos revelando. Lugar é a porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e cria identidade. Ele possui densidade técnica, comunicacional, informacional e normativa. Guarda em si o movimento da vida, enquanto dimensão do tempo passado e presente. É nele que se dá a cidadania, o quadro das mediações se torna claro e a relação sujeito-objeto direta. É no lugar que ocorrem as relações de consenso e conflito, dominação e resistência. É a base da reprodução da vida, da tríade cidadão-identidade-lugar, da reflexão sobre o cotidiano, onde o banal e o familiar revelam as transformações do mundo e servem de referência para identificá-las e explicá-las. (BRASIL, 2000, p.33)

A Geografia foi pensada neste documento para o desenvolvimento de competências e habilidades de representação e comunicação, investigação e compreensão e contextualização sociocultural.

A Secretaria da Educação e do Desporto de Santa Catarina no mesmo ano de 2000 e 2001 para atender as Diretrizes Nacionais publicou cadernos de organização

da prática escolar na Educação Básica que seguiram as orientações do texto produzindo um mapa conceitual para cada disciplina, segue o mapa para Geografia. (Figura 15)

Figura 15: Mapa conceitual Geografia.



Fonte: Adaptado de SANTA CATARINA, 2001, p.80.

Também integra esse caderno um quadro dos conceitos considerados essenciais onde o conceito de Lugar apresenta maior intensidade em todas as séries iniciais e na 5ª e 6ª série das séries finais. (Quadro 2)

Quadro 2: Quadro de ênfase dos conceitos científicos essenciais

CONCEITO	ENSINO FUNDAMENTAL								ENSINO MÉDIO					
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
Espaço Geográfico														
1.1 Espaço produzido														
1.2 Espaço representado														
1.3 Espaço/Tempo														
Paisagem														
Território														
Lugar														
Sociedade														
Relações sociais														
Meio ambiente														
LEGENDA	Menor intensidade				Média intensidade				Maior intensidade					

Fonte: adaptado de SANTA CATARINA, 2001, p.81.

Em 2002 é editado as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – os PCN + Ensino Médio. O conceito de lugar é tratado como concepção norteadora, assim como os demais conceitos estruturantes da ciência geográfica, sendo o lugar definido como “Porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e cria identidade” (BRASIL, 2002, p.56). O documento também apresenta um quadro conceitual que posiciona os conceitos no contexto geral da disciplina:

No ano de 2006 são publicadas as Orientações Curriculares para o Ensino Médio em nível nacional que não se distancia do anterior, em fundamentação teórica e metodológica. Num quadro intitulado conceitos estruturantes e articulações o conceito de Lugar está assim disposto “• Manifestação das identidades dos grupos sociais e das pessoas. • Noção e sentimento de pertencimento a certos territórios e •

Concretização das relações sociais vertical e horizontalmente” (BRASIL, 2006, p.53). No geral os PCN se mostram mais completos nas abordagens teóricas, metodológicas e didáticas. O conceito de lugar impera no ensino fundamental o que se justifica dada peculiaridade de conteúdos para esse ciclo de escolarização. No Ensino Médio o conceito de Território prevalece então se seguirmos as diretrizes, orientações e parâmetros curriculares nacionais o conceito de lugar precede a leitura de mundo.

No ano de 2014 acontece a atualização da Proposta Curricular do estado de Santa Catarina. O referencial teórico permanece com abordagem histórico-social, tendo no/a professor/a a responsabilidade de mediação no processo de ensino aprendizagem. O que difere esta versão das escritas desde a década de 90 são seus fios condutores: perspectiva de **Formação Integral** referenciada numa concepção multidimensional do sujeito; concepção de **Percurso Formativo** visando superar o etapismo escolar e a razão fragmentária na organização curricular e atenção à concepção de **Diversidade** no reconhecimento das diferentes configurações identitárias e das modalidades da educação. A temática proposta visa socializar o documento e levar ao conhecimento de seus fios condutores para corpo docente, assim como profissionais e estudantes que atuam no campo da educação. No que tange a formação integral, importa ressaltar a emancipação do ser humano diante da perspectiva histórico-cultural. Essa abordagem, busca de um sujeito autônomo na educação como o horizonte na formação integral, e no exercício da cidadania, ou seja, um sujeito ativo e crítico, que permita não somente seu desenvolvimento humano, mas que também participe na transformação da sociedade. Com relação ao percurso formativo é preciso entender o mesmo como processo constitutivo e constituinte da formação humana, como uma continuidade que se realiza ao longo da vida escolar. No aspecto da Diversidade na PCSC entendida como princípio formativo e elemento fundante da atualização curricular, a busca é de que profissionais da educação identifiquem e reconheçam como posto no documento (2014, p.54) que “seres humanos são diversos em suas experiências de vida históricas e culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos nas suas formas de perceber o mundo”. Contudo, o desafio educacional abrange demandas da/na formação integral, a (re) configuração da escola e percurso formativo que assegure a especificidade e aprendizagem do sujeito. Neste

sentido, a PCSC indica possibilidades de estruturar um planejamento integrado com princípios e as dimensões pedagógicas da Diversidade.

O documento também é atualizado para atender as demandas das novas legislações nacionais para a educação e principalmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica. Os componentes curriculares agora estão dispostos nas áreas de conhecimento: Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza e Matemática, desta forma diferente de 1998 que havia capítulos para cada disciplina com indicação de conteúdos, nessa atual versão sugere-se que o Projeto Político Pedagógico e os planejamentos de ensino partam dos fios condutores e dos conceitos estruturantes das ciências.

A Geografia como componente curricular da área de Ciências Humanas privilegia a apropriação de conceitos: lugar, paisagem, região, território e natureza que expressão a dinâmica e complexidade do espaço geográfico. Considera-se que “o espaço vivido é o lugar, onde os seres humanos se reconhecem, constituem identidades, atuam como cidadãos e a partir do cotidiano fazem a leitura do mundo” (SANTA CATARINA, 2014, p.143)

O conceito de lugar se amplia para dele compreender o espaço geográfico na escala local, regional e mundial, neste sentido partiremos desta construção coletiva e contemporânea para o desenvolvimento de nossa proposta do ensino em Geografia.

É exatamente nesta proposição que na minha trajetória docente concebo a tese de que ensinar Geografia pressupõe como premissa o conhecimento do lugar, no contexto das vivências e pertencimento, **o lugar como referência de aprendizagem**. O exercício de integrar o grupo de produção deste documento acrescentou conhecimentos para minha docência no ensino de Geografia na educação básica, despontando para uma educação escolar geográfica que considere a diversidade no olhar e ensinar, esse com certeza foi o grande marco significativo na atualização da proposta curricular em 2014, o reconhecimento e valorização da diversidade.

Agora faço a transposição do conceito de lugar para o exercício de ensinar a Geografia no capítulo que segue.

6 ENSINAR GEOGRAFIA PARA LEITURA DO MUNDO

Depois que Dona Benta concluiu a história do mundo contada à moda dela, os meninos pediram mais.

- Mais o que? – perguntou a boa avó.
- Poderei contar muitas histórias assim
- História da Física, história da Química, história da Geologia, história da Geografia...

- Conte a história da Geografia – pediu Pedrinho, que andava sonhando com as viagens pelos países estrangeiros.

E Dona Benta contou a Geografia. (LOBATO, 2000, p. 7)

Em nossa prática pedagógica, na elaboração do planejamento de ensino, na definição de metodologia, nos objetivos de aprendizagem, triagem de livros didáticos, seleção de material impresso, mapas ou mídias para as aulas; estamos sempre fazendo escolhas, assentadas em alguma corrente do pensamento geográfico ou de referências teóricas de autores nos quais nos identificamos. Está no inconsciente, que é reflexo de nossa formação acadêmica e, certamente, das leituras que fazemos do mundo. Em meu período ainda em atuação na docência em Geografia, me identifiquei com alguns autores/as que nesta tese trago para o diálogo. Com certeza você, colega de trabalho da educação, vai reconhecer ou se lembrar de suas referências.

Minhas andanças por muitos lugares, municípios, escolas, modalidades de ensino, ou seja, minha trajetória na vida e a experiência na docência direcionaram a escolha em escrever uma tese voltada para o ensino de Geografia em Santa Catarina, elegendo o conceito de lugar como referência para o ensino de Geografia Escolar. Segundo Santos (2009, p.314) “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”, dessa maneira, como narrado na minha trajetória discente e docente, os lugares foram meu mundo e a sala de aula é meu lugar.

Para ensinar é preciso conhecer, ter leitura, experiência e vivência, apropriar-se dos conceitos. Apresentar o conceito de lugar me fez questionar a ausência, na nossa formação e no exercício da docência, do diálogo com os autores da ciência, visto que vimos os mesmos no início do curso quando estudamos a epistemologia, no entanto o contato é rompido, porque ainda não temos amadurecimento para estabelecer as relações dos textos acadêmicos com o fazer didático. É na prática

cotidiana, nas oportunidades de formação continuada, nas leituras de livros voltados à educação geográfica que vamos dando conta da aproximação.

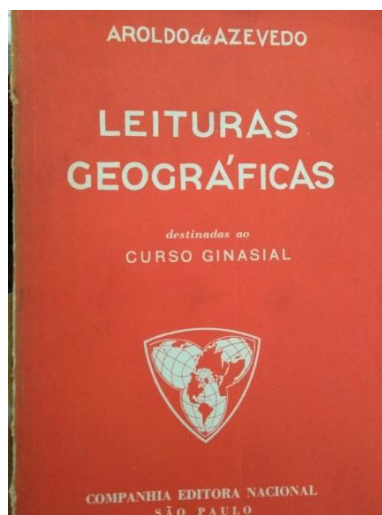
A universidade, ao longo do tempo e de acordo com os programas, cria e amplia espaços de diálogos com a escola, o problema está na nossa disponibilidade de se fazer presente nos cursos, palestras, seminários, encontros e oficinas, por questões administrativas e estruturais das secretarias estaduais e municipais de educação. No meu percurso sempre procurei comparecer para não me faltar qualificação, por vezes assumindo faltas. É fato que muitos colegas de profissão seguem assim, pois a presença maior nos encontros de ensino ainda, em sua maioria, é de profissionais em formação com vínculo institucional com a universidade. Uma alternativa seria anualmente as universidades oferecerem uma formação para professores/as em especial da rede pública, em parceria com estado e municípios, com certificação e liberação de ponto. Com certeza teríamos qualidade, visto que é comum, principalmente as prefeituras, ficarem reféns de serviços privados de consultoria que, na maioria das vezes, desconhecem a dinâmica local.

Pensar em Geografia é pensar em Educação e pensar em Educação é pensar na formação inicial e continuada, e são esses detalhes da vida real que influenciam diretamente no nosso exercício da docência. É necessário e providencial o diálogo entre as universidades e a educação básica, potencializando tempos e espaços para reflexões e atualização.

O ensino de Geografia no Brasil numa perspectiva histórica é descrito no livro organizado por Vesentini (2013) e por Vlach (2013, p.187-218). Nesta obra, que conta a contribuição de autores de compêndios e livros didáticos, apresenta professores formadores como os primeiros escritos da Geografia do Brasil. É nítida a influência das publicações aplicadas no Colégio Pedro II, fundado em 1837 em todo território nacional. Autores como Manuel Said Ali Ida (1861-1953), Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980) e Everardo Adolpho Backheuser (1879-1951), influenciados pela escola alemã. Aroldo Edgard de Azevedo (1910-1974), ligado a institucionalização universitária da ciência geográfica em 1936, influenciado pela escola francesa e que dominou por décadas a escrita dos livros didáticos que influenciaram o ensino de Geografia no Brasil até a década de 70 com a emergência

da Geografia Crítica. Exemplifico aqui apenas umas dessas publicações que, já na introdução, indica sua utilização e o como o autor concebe a ciência geográfica. (Figura 16)

Figura 16: Capa livro (AZEVEDO, 1958).



Fonte: www.google.com/imagens

(...) poderão os prezados colegas do magistério dispor de material abundante e selecionado para a utilização em suas aulas, ao mesmo tempo que os alunos encontrarão novos elementos para ampliar sua cultura (...) Trata-se de uma pequenina antologia geográfica, organizada com objetivo de elevar sempre o nível do ensino secundário. Esperamos que possa ser útil e sirva para aumentar o número daqueles que admiram essa fascinante ciência da Terra e do Homem, que é a Geografia. (AZEVEDO, 1958, p.5)

A partir da década de 70, inicia-se um movimento plural, intenso e complexo de transição de uma Geografia Tradicional para uma Geografia Crítica. Esse movimento se dá na academia, mas com efervescência na Geografia Escolar. Antes de adentrarmos neste período, que fará parte de minha trajetória discente e docente, vou discorrer sobre o pensamento de dois autores que em época anterior pensaram na educação geográfica.

A produção geográfica até os anos 70, afirma-se – embora admitindo exceções: **Reclus, Kropotkin** e outros -, sempre tivera uma pretensão à neutralidade e costumava deixar de lado os problemas sociais (e até mesmo os ambientais, na medida em que, em grande parte, eles são sociais), alegando que “não eram geográficos”. (VESENTINI, 2013, p.223)

6.1 – ENSINAR GEOGRAFIA POR KROPOTKIN E RECLUS

A geografia poderia ser atrativa para os alunos se ela buscasse compreender a ação dos homens, antes mesmo de estudar os fenômenos da terra ou do mar. Crianças interessam-se por aventuras e histórias de povos e costumes distantes. (RECLUS (1903) KROPOTKIN (1885) apud Terra Livre, 2014 p.11)

Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921) e Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905), o primeiro um geógrafo, escritor e ativista político russo, um dos principais pensadores políticos do anarquismo no fim do século XIX, já escrevia sobre a necessidade de uma profunda reforma na educação geográfica, para fazer as crianças perceberem quanto importante o conhecimento geográfico. O segundo também geógrafo e anarquista francês. Basicamente o capítulo dialoga com a leitura que realizamos do livro “Escritos sobre Educação e Geografia”, que traz um compêndio de escritos sobre o ensino de Geografia de 1885, 1903, 1905. Resguardado o contexto histórico, as demandas do como ensinar Geografia a época, se aproximam do ensinar contemporâneo.

Kropotkin, em 1885, já deixava implícito o sentido de humanidade a ser ensinado na Geografia, para além da nacionalidade, sentido que hoje é tão caro às nações e povos, também já falava em respeito às diferenças. No artigo intitulado “O que a geografia deveria ser” (KROPOTKIN, 1989 apud Terra livre, 2014,) os objetivos da Geografia eram: despertar nos alunos o gosto pelas ciências naturais, dissipar preconceitos, assim como criar outros sentimentos mais dignos da humanidade. Aqui cabe uma pausa, o autor já contestava o currículo escolar, tão raro nas discussões atuais sobre educação, discutia a necessidade de uma educação científica. Sabemos que nos processos de sistematização da educação no Brasil o currículo foi modificado, avaliado, questionado, enfim sempre em busca de atender a demanda do mercado de um país em desenvolvimento. As reformas são muitas e complexas em todos os níveis de ensino, e que, sob o meu ponto de vista, caminham na contramão da realidade estrutural que permanece com o mesmo modelo há anos, salvo exceções. Nossa legislação se atualiza, porém na prática não cria condições para alterar a essência pedagógica. A luta dos profissionais da

educação por condições de trabalho e material didático de qualidade e que seja funcional parece eterna. Recentemente, no ano letivo de 2015, mais uma proposta foi lançada para nossa consulta e análise: a Base Nacional Comum Curricular.

Continuando na linha de Kropotkin, ele já mencionava no estudo científico a prática diária da criança. Isso não parece tão moderno ou contemporâneo? Ele também clamava por estudo dos povos, suas culturas pra aprimorar conhecimentos dos territórios, das vivências, por meio de relatos de viajantes e expedições considerando mais importante para o entendimento da Geografia. Aliás, aqui se apresenta algo novo em relação a minha docência e talvez a de muitos colegas, já que normalmente partimos das características dos lugares para o conhecimento geral. Percebe-se uma nova metodologia pensada no século XIX, mas que pode servir no atual século XXI. Sobre isso me veio à memória o pedido que fiz a uma colega professora de Língua Portuguesa que foi correr no Chile para que legendasse suas fotos do trajeto da corrida para uma apresentação aos alunos do primeiro ano do ensino médio, para os quais lecionei em 2013.

Para Kropotkin a Geografia tem quatro grandes ramos de conhecimento que vão muito além da grafia e se encontram na logia: “deve ser em primeiro lugar um estudo das leis a que estão submetidas às modificações da superfície terrestre” (KROPOTKIN, 1885 apud Terra Livre 2014 p.50 e 51). O autor exemplifica com estudo da formação dos continentes. Em segundo lugar, a geografia tem de estudar as consequências da distribuição dos continentes e dos oceanos, das altitudes e depressões, das reentrâncias e das grandes massas de água sobre o clima. Em terceiro lugar estudar as condições geográficas da distribuição da fauna e flora. O que o autor colocou como sendo o quarto grande ramo do conhecimento insiro o texto na íntegra, porque considero a relação sociedade e natureza, guardado o contexto histórico, considera-se nas abordagens em aulas neste tempo.

E resta agora o quarto grande ramo do conhecimento geográfico, aquele que aborda as distintas famílias humanas existentes sobre a superfície da terra. A distribuição das famílias humanas; suas características distintivas e as modificações experimentadas por essas características em climas diversos; a distribuição geográfica de raças, crenças, costumes e formas de propriedade e sua estreita dependência das condições geográficas; a adaptação do homem à natureza que o rodeia e a mútua dependência entre ambos; as correntes migratórias, na medida em que dependem de causas geológicas; as aspirações e sonhos das distintas raças, na medida

em que são influenciadas pelos fenômenos da natureza; as leis de distribuições das populações humanas em cada país, que se manifestam na persistência de populações nos mesmos lugares desde a Idade da Pedra até nossos dias; o surgimento das cidades e as condições de seu desenvolvimento; a subdivisão geográfica de territórios em bacias fabris naturais, que não resistem apesar dos obstáculos representados pelas fronteiras políticas: tudo isto constitui uma ampla série de problemas que recentemente tem aumentado entre nós. (KROPOTKIN, 1885 apud Terra Livre 2014 p.54 e 55).

Então seguindo esta ordem de abordagem dos temas a seres estudados nas aulas de Geografia segundo este autor, me vem à memória a linha de composição dos livros didáticos que seguem esta lógica até hoje, mudando apenas a referência do território a ser estudado. Muitos colegas professores e professoras sabem e trabalharam com publicações que são atualizadas conforme as diretrizes nacionais, propostas curriculares estaduais e planos municipais que nos orientam no planejamento anual, portanto o que escrevo aqui é bem conhecido por nós docentes em sala de aula. Existe uma divisão clássica no ensino que começa nos anos iniciais com os recortes espaciais bem definidos a partir dos conceitos, iniciando com lugar, quando se trabalha o bairro. No entanto, na educação infantil, parte-se para o estudo do corpo, do pertencimento social, a casa como espaço, a sala de aula. Depois se desenvolvem as atividades e conhecimento para o município (cidade e campo). O Estado, no caso de Santa Catarina, inicia estudos nos 4º e 5º ano e depois se associam com os demais conteúdos dos anos iniciais. Avaliando livros para a escolha do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, percebe-se uma divisão já consolidada na maioria dos livros, sendo assim: 6º ano inicia-se com a cartografia, depois todo o estudo da Natureza, do planeta Terra desde sua formação até a composição da biosfera (atmosfera, hidrosfera, litosfera). A participação humana está sempre presente, mas o foco das atividades antrópicas fica para o final. No 7º ano o território brasileiro é destrinchado sob todos os aspectos, é Brasil em 200 dias letivos. No 8º ano então ampliamos o estudo do Brasil agora no conjunto do Continente Americano, aqui importante dizer que em virtude da inclusão da LEI nº 10.639/2003 e LEI nº 11.645/2008 “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, algumas coleções já trazem a África para esse período, no 9º ano, o mundo e demais continentes (Europa, Ásia, Oceania e Antártida ou regiões polares). Essa divisão ainda é majoritária no ensino de Geografia do Brasil, na verdade é bem clássica e percorre a fase chamada de ensino fundamental. No ensino médio, em

que também leciono, retornamos ao conteúdo do 6º ano e aprofundam-se os temas na 1ª série. Na 2ª e 3ª série existe uma questão a considerar porque depende muito do plano do professor, já que nos PCN+ do Ensino Médio os temas são distribuídos ao longo desse período com força na geopolítica, relações internacionais, questões de fronteiras. Na publicação dos livros os autores optam por duas frentes: Brasil e Mundo que podem vir tanto na 2ª como na 3ª série, possibilitando ser uma escolha do professor. Eu opto por deixar o estudo do Brasil para a 3ª série, por causa das demandas do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, vestibulares, seleção para cursos técnicos e demais concursos que os estudantes enfrentam quando concluem o Ensino Médio. Ressalto que esta escolha se justifica por entender que por conhecimento de vida, o Brasil é o que podemos chamar nosso LUGAR maior.

Esta descrição já conhecida me remete aos caminhos da Geografia, nos percursos do conhecimento e naturalmente em como ensinar Geografia. Sou fruto de uma geração da década de 70, portanto século XX, momento em que, nas cadeiras escolares, estudei a Geografia nacional num contexto de pátria, de descrição de território, do listar das riquezas, das capitais, atrelada ainda as disciplinas de Organização Social e Política do Brasil – OSPB e Educação Moral e Cívica. Enfim, muitos irão se identificar, entretanto os jovens professores e professoras que assumem as aulas atualmente são nascidos no século XX, com formação no século XXI e sujeitos de aprendizagem também do século XXI. A leitura passa a ser outra, não faço aqui crítica do que estudei, é importante ver o contexto histórico sempre que delineiam os currículos e os óbvios interesses políticos de regimes completamente oponentes da Ditadura e Democracia. Percebo que em nome do descarte do que foi chamado de pedagogia do tradicional, se perdeu e se perde a oportunidade de também hoje estudar o Brasil como Estado Nacional e não apenas como governo. A Constituição precisa ser um instrumento didático de aprendizagem, como história de uma nação jovem que há muito vem legalmente, ou em processos de luta, evoluindo nas conquistas de direitos e compromisso com os deveres de cidadania, entendendo que as próprias histórias das constituições expliquem a formação territorial e organização sócio-espacial do Brasil. É fato que a geografia escolar pode contribuir nas reflexões e bons debates nestes tempos de conflitos de gerações e percepção do que seja Democracia.

Retomando a leitura da seleção realizada do pensamento de Kropotkin, acredito que o trecho a seguir sintetize sua visão da ciência geográfica no campo das ciências naturais em que ele inseriu no texto de 1885.

(...) a autêntica obrigação da geografia é a de cobrir de uma vez todo esse amplo campo e combinar em um quadro vivo todos os elementos separados desse conhecimento: representá-lo como um conjunto harmonioso, cujas partes são consequência de uns poucos princípios gerais e estão unidas entre si por suas mútuas relações. (KROPOTKIN, 1885 apud Terra Livre 2014 p. 56).

Kropotkin citou a utilização do que chama de instrumentos geográficos para melhorar a metodologia de ensino e atingir os objetivos de aprendizagem. Neste sentido salientou que era preciso dar mais liberdade ao desenvolvimento intelectual da criança, para tanto esclareceu: “menos livros de texto e mais livros de viagens” (KROPOTKIN 1885 in Terra Livre, 2014 p.57), sendo comum para o período em que escreveu: o século XIX. O estudo do lugar se mostra presente quando ele exemplifica o seguinte:

Somente através das desigualdades menores que a terra apresenta ao nosso redor podemos dar as crianças uma ideia de montanhas e planaltos, picos e glaciais; e só sobre o mapa de seu próprio povoado ou cidade poderá chegar a compreender os hieróglifos convencionais de nossos mapas. (KROPOTKIN 1885 in Terra Livre 2014, p.58).

Também a articulação com as ciências exatas era preocupação do autor, para que houvesse um conhecimento mais profundo, as saídas a campo, o uso de mapas, a liberdade para o desenho, o registro das paisagens, os intercâmbios escolares se tornaram fundamentais. A reflexão maior estava em fornecer às crianças um conhecimento mais geral na educação, portanto escrevo da importância, enquanto docentes, de realizarmos leituras no campo da Filosofia e Educação, porque a Geografia está anexada nesta enciclopédia, e sua epistemologia tem como alicerce a Filosofia. Immanuel Kant (filósofo alemão – 1724-1804) que priorizava por um estudo em conjunto do planeta Terra. Penso que na Geografia escolar essa premissa deve ser nosso maior propósito – a leitura do mundo – com todas suas dimensões geográficas possíveis, e, no caso como objetivo desta tese – a partir do conceito de lugar. Como colocou Friedrich Ratzel

(1904 apud Geographia 2010, p.157) “despertar nos alunos os sentidos da grandeza e da beleza do mundo”.

Sobre desenvolvimento geral Kropotkin (1885, apud Terra Livre, 2014 p.66) define desta forma “a capacidade e o gosto por pensar sobre temas que estão muito acima das baixezas de nossa vida cotidiana, o desenvolvimento mais amplo da mente, a capacidade de perceber as causas dos fenômenos, para raciocinar sobre elas.”. O/a professor/a precisa ser honesto/a e usar da inspiração, pois gera o movimento dos estudantes em querer aprender, a saber. Isso é singular, perceptível quando a gente se empolga com o tema, sabemos e sentimos a aula, pode ser que não expussemos publicamente, todavia, quando nos apropriamos daquele conhecimento, devemos sim ter o domínio e segurança do conteúdo, para que as aulas fluam. Os estudantes percebem nossa conduta, nosso saber. É preciso estar em constante exercício intelectual, desconstruindo ou assimilando teorias, por meio da rotina de planejamento, leituras e escolhas de materiais a serem levados para as aulas. Talvez não seja tão aparente, mas a tarefa é se concentrar um pouco e se questionar sobre o lecionar, porque temos uma influência gigantesca na formação intelectual da humanidade. Uma boa reflexão é pensar sobre o que te fez escolher ser professor? O que te fez escolher a Geografia? Escolha feita, então a entrega deve ser inteira, no seu melhor possível. Problemas estruturais e conjunturais marcam a educação, no entanto essa é uma luta paralela como cidadão e profissional, já que em sala de aula é preciso ser professores de Geografia, uma vez que as crianças desejam viajar pelo conhecimento, entender os fenômenos que ocorrem no mundo, como diz Kropotkin a filosofia da Natureza. Para tanto e tanta grandeza o intercâmbio intelectual é essencial, não nos isolemos, vamos dialogar e ler sempre.

Pedagogicamente o autor é rígido e categórico no que pensa sobre a profissão professor, diz o seguinte “o professor será um autêntico professor somente quando inspirado por um autêntico amor tanto pelas crianças como pelo tema que ensina, e essa inspiração não pode manter-se durante anos se o ensino é uma mera profissão” (KROPOTKIN, 1885 apud Terra Livre, 2014, p.71). Vale destacar o discernimento de sua fala, pois dentro do contexto e abordagem que perpassa todo texto, faz sentido sua opinião que não é simplista em querer dizer trabalhar por amor, porém ter amor na relação com os estudantes e se apaixonar pelo que ensina.

Com certeza mil coisas vêm à memória do leitor ou leitora, pois vivemos num conflito de gerações na escola e com problemas de percepção da sociedade com o que é educação. Nesta perspectiva o que o autor desenvolvia à sua época e o que queria para as escolas não difere muito do que buscamos, já que para ele as escolas devem ter pessoas interessadas em despender esforços na educação,

Serão lugares onde a jovem geração assimilará o saber e a experiência dos mais velhos, e estes por sua vez tomarão dos mais jovens energias novas para desenvolver uma tarefa em comum em benefício da humanidade. (KROPOTKIN 1885 apud Terra Livre 2014, p.72)

O incentivo à pesquisa, à contação de histórias, à leitura de roteiros de viagens são metodologias implícitas nos escritos de Élisée Reclus. A ação como princípio educativo geográfico, na verdade o que move a vida, o cotidiano, o fazer, trazem a criança e o adolescente a encontrar na Geografia um ensino interessante, digamos que este componente curricular tem todos os elementos e material real para se tornar parte do entendimento das relações do ser humano com a natureza. Dessa forma podemos espacializar o lugar, dar identidade, estabelecer referências com utilização de mapas, viajar literalmente num mundo bem presente e diverso. A Geografia é nobre neste sentido das possibilidades em estratégias de ensino, transcender o texto didático, que tal a arte? (Figura 17)

Figura 17: Instituto Hampton Virginia aula de geografia 1899



Fonte: [www.google/imagens](http://www.google.com/imagens)

Reclus, quando escreve que para aprender, tratemos antes de compreender, faz um chamado à vida por meio da observação e experimentação. Entendo como aguçar e motivar a prática pedagógica do/a professor/a de maneira que torne o ensino de Geografia dinâmico, ativo e modificador como um vulcão em erupção. É certo que no exercício diário da docência temos clareza das restrições que o sistema de ensino impõe na sua burocracia e estruturas, todavia na sala sigamos no melhor possível. Faz-se necessário propor um roteiro e viajar por ele, ou seja, um traçar um planejamento real dentro das condições, porém ousado na sua perspectiva. O modo de apresentação, de início do discurso no repasse dos conteúdos, vai influenciar no despertar ou não da curiosidade do/a estudante. Rubens Alves (1933-2014) propunha que sejamos professores de espantos “a missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade”.

Quando iniciamos, e digo por experiência própria questionando sobre o que conhecem do novo assunto a ser estudado, eles/as vão falando muita coisa – saberes cotidianos – então vou anotando no quadro e sempre reafirmando como sabem, as palavras estão soltas. A partir daí fazemos o simples: sistematizar o conhecimento. Como foram eles/as que trouxeram os temas, os empodera e os fazem felizes. Surgem às histórias, no 6º ano é uma viagem pelo imaginário social,

mas muito vivido das crianças. Cansa-nos com certeza, são umas pipocas falantes, mas nos alegra ouvir, passa a ser um exercício de alteridade enlouquecedor, no entanto agregador. Nas turmas de adolescentes o ritmo é outro, muito vivo e, quando você a partir do que disseram instiga ainda mais, eles/as vão elaborando raciocínio e chegando as respostas ou elencando mais dúvidas, entretanto vão se manifestando, e isso é importante. Ser professor/a de Geografia me faz refletir todos os dias, a cada aula, sempre pensando muito na metodologia.

Reclus, no texto “O ensino da Geografia” constantemente mostra-se preocupado em como dar significado a Geografia na época 1903, já que estava atrelada a um ensino que priorizava a decoreba de nomes de lugares, em especial de elementos físicos. O impressionante texto já mencionava o que tanto prezamos hoje, um olhar para o entorno da escola, do bairro, dos fenômenos próximos à vida dos/as estudantes. Reclus (apud Terra Livre 2014, p.16) fala em “longos passeios comuns” que na verdade é o que fizemos ao sair da sala de aula com a turma e levá-los tão somente a vislumbrar o entorno. Atitude simples, possível e de grande valia, reconhecer seu lugar e a partir dele fazer a leitura do mundo. Fantástico!

Observar e enxergar as peculiaridades das paisagens locais e depois comparar com outros lugares de experiências de viagens dos/as próprios/as estudantes ou mostrar-lhes através de ilustrações ou audiovisuais outros lugares expande olhares, acrescenta informação e gera conhecimento. Questionar nossos/as estudantes de seu caminho entre a casa e a escola, tão comum nas atividades dos anos iniciais, pode continuar no fundamental II, pois dado o percurso formativo, as considerações e observações vão se ampliando ou reduzindo. Enfim, muitos que vêm pelo transporte escolar passam o caminho todo conversando com colega, sem olhar pela janela, a não ser que algo inesperado aconteça. Faltam janelas para tantos olhos esbugalhados, estudantes são curiosos por natureza, não nos permitamos enterrar essa perspicácia espontânea.

O ensino de Geografia necessita dessa agitação, é o que move a aula. Na minha trajetória como professora a cada dia me convenço de que é preciso mostrar, visualizar e espacializar a Geografia, para ter aqueles olhares atentos e curiosos da janela do ônibus escolar. Nas escolas urbanas os/as estudantes têm várias opções de deslocamento, a pé, de ônibus fretado, transporte municipal, transporte escolar, bicicleta ou condução particular com seus pais/mães ou responsáveis. No interior

90% dependem exclusivamente do transporte escolar, isso dá um diferencial na dinâmica do ano letivo que, quem é acostumado a atender apenas áreas urbanas, não tem como perceber. Em uma paisagem de campo ou florestada, de estradas sem calçamento ou de “chão” como comumente chamado, em dias de grandes temporais ou sequência de chuvas é comum os/as estudantes ficarem sem aula pela dificuldade de mobilidade do transporte. Nesta realidade os fenômenos naturais se associam ao ato de lecionar, e um rico material se apresenta porque, mesmo não sabendo ainda o nome científico dos fenômenos, as crianças e adolescentes conhecem a dinâmica da natureza local que se traduz nestes dias elemento de uma aula de Geografia pensada por Reclus já em 1903. É importante lembrar outras tantas Geografias, de alunos/as habitantes da floresta, de regiões ribeirinhas como na Amazônia onde o rio é a estrada. Reclus tinha preocupação com o método das aulas pelo caminho e passeios, o cuidado com a preparação da criança para vislumbrar a paisagem, estudar, apreciar a beleza, ver adiante e nunca mais esquecer.

Reclus demonstrava receio à época de contradições entre o uso de mapas planos e o globo escolar. É evidente que atualmente a cartografia evoluiu e os mapas são de fácil visualização e até interativos, no entanto para apresentar o mundo, o planeta ainda a melhor maneira é iniciar pelo globo terrestre, conforme Reclus (1903 in Terra Livre 2014, p. 22) “a primeira educação geográfica da criança”, visualizando no universo o planeta Terra ajuda na compreensão de que somos um ponto pequeno na galáxia com características próprias de funcionamento e existência humana”. Importante ensinar sobre o princípio caro de humanidade, a Geografia tem esse dever de mostrar o mundo na sua singularidade e diversidade dos lugares num exercício de entendimento que somos pessoas com identidades marcadas pela cultura e que as diferenças devem ser reconhecidas e valorizadas. A leitura do mundo a partir dos mapas nos fornece rara oportunidade de espacializar olhares sobre os territórios, paisagens, regiões e lugares, então o ATLAS deve ser como, ou mais que o livro didático, um companheiro assíduo nas aulas de Geografia. Para a criança e/ou adolescente perceber nossa presença no universo, a melhor maneira de visualização é com certeza levar a um planetário, conhecido romanticamente como “Torre de Estrelas” (RECLUS, 1903 apud Terra Livre, 2014, p.26).

6.2 - REALIDADES NO ENSINO DE GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEO

Na aridez da jornada de trabalho de nós professores/as, com carga horária cheia, lecionando em mais de uma escola, tudo acontece no “automático”, a rotina torna restrito o tempo de leitura científica e o repensar em novas estratégias e metodologias. O fazer didático, ainda que engessado por uma dinâmica estrutural e administrativa nada favorável, embrionariamente se apresenta uma escolha metodológica e teórica para o desenvolvimento do conteúdo e da temática de abordagem: o livro didático, o texto, o mapa, o artigo de revista e jornal, o vídeo na internet, o filme, a música, na literatura – instrumentos significativos na ampliação e sistematização da linguagem geográfica. É nesta perspectiva que quero dialogar sobre nossas escolhas teóricas e como estes autores se apresentam no mundo contemporâneo de nossa prática pedagógica.

Na trajetória de minha formação em licenciatura plena em Geografia sempre mantive a perspectiva de uma Geografia, entendendo que o físico e humano interagem na realidade da paisagem. Essa percepção eclode com as experiências e vivências periódicas com as enchentes, que compuseram meu olhar para a paisagem, os lugares e o mundo. A visão marcante e única do rio cobrindo paisagens, construções e envolvendo vidas foram significativas, reveladoras das relações entre a sociedade e a natureza.

A imagem me acompanha no ato de ensinar, porque os nossos sujeitos de aprendizagem não dividem nada, nossa abordagem geográfica é que vai ampliar ou reduzir olhares. Na prática da docência são instintivas e constantes as associações, a Geografia acontece. Lembrando sempre que fazemos escolhas, cabe ressaltar que, dependendo da leitura e formação e até mesmo de nossas intencionalidades, privilegiamos sim alguns temas em detrimento de outros, nosso domínio de conteúdo influencia na profundidade que cedemos ao tema. O/a estudante não tem a preocupação e não faz a distinção de geografia humana ou física, porque para eles/as a aula e o /a professor/a é de Geografia.

Neste contexto integro ciência à vivência. A educação geográfica leva ao estudante a consciência espacial, o entendimento dos fenômenos da natureza e a

organização territorial dos lugares, a pensar na humanidade, reconhecer a diversidade nas relações sociais e de produção no campo e na cidade, alfabetiza a partir da linguagem cartográfica e a partir dos conceitos de lugar, paisagem, região, território e natureza, compreende sua posição no espaço geográfico e as possíveis conexões com os demais componentes curriculares e áreas de conhecimento. A Geografia tem movimento, dinâmica e por que não um encantamento?

Os conceitos de: lugar, paisagem, região, território, natureza, perpassam o percurso formativo da educação básica ao trabalhar os conteúdos para ter compreensão do espaço geográfico, por meio dos temas explorados, desde a educação infantil, os anos iniciais e, especialmente, nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Talvez não percebamos que estes conceitos estão diretamente relacionados à história do pensamento geográfico que a princípio incentivaram a pesquisa, o desenvolvimento de compêndios gerais sobre a Terra, determinados territórios, mesmo com objetivos vinculados ao domínio de governos e ao poder. Conhecer em detalhes a dinâmica natural das paisagens, os fenômenos mais do que as populações, era estratégia de conquistas e também da própria evolução da ciência. Na modernidade, nas paisagens, era essencial no que se refere ao domínio dos territórios das nações. Esse início patriótico da Geografia está grifado nos currículos da formação docente, nos primeiros livros didáticos e no ensinar.

Então reitero que as correntes teóricas transitam pelo exercício da docência, concretizadas nas nossas escolhas metodológicas e didáticas, também na nossa expressão verbal expositiva na explicação dos conteúdos e ilustração dos mesmos. Na verdade penso que o ensinar Geografia é maior que seguir tendências, a aula tem que resultar em aprendizagem, claro que não convencional e padronizada no sentido de listas de nomes de lugares, por exemplo, mas em conduzir o sujeito de aprendizagem para a leitura do mundo a partir de seu lugar.

Retomando agora o período pós década 70, século XX, onde progressivamente acontece a passagem da chamada Geografia Tradicional para a Geografia Crítica, embora elementos da primeira permaneçam ainda por décadas até a passagem para o século XXI. A fragmentação dos currículos na formação

inicial do/a professor/a induz muitos/as ao “gostar”, verbo comumente utilizado para se referir a preferência pela Geografia Física ou Humana.

Sou da geração formada na década de 90 que, para além de minha já motivação ambiental e social por ter passado pelas enchentes, também o currículo já considerava a Geografia como ciência social. Certamente diante da realidade apresentada, mesmo os que “gostavam” mais da parte física não ficavam alheios à dinâmica social, o humano estava posto. Neste sentido o geógrafo Milton Santos (1926-2001) teve forte influência nesta nova perspectiva de análise do espaço geográfico.

Os geógrafos, ao lado de outros cientistas sociais, devem se preparar para colocar os fundamentos de um espaço verdadeiramente humano, um espaço que una os homens por e para seu trabalho (...) um espaço, Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos (...) (SANTOS, 1996, p.219)

Na verdade, neste ponto cabe contar uma situação feliz, um ex-aluno da rede municipal comentou com sua namorada, também ex-aluna, o seguinte *“as aulas da professora Luciana eram mais que Geografia, era para a vida, ela se importava com a gente”*, escrevo isso para ilustrar a relação direta com a mudança de paradigma da ciência no sentido de mudança de perspectiva na percepção, confirmando que nós, licenciados na década de 90, já viemos com a forte inserção social do discurso geográfico, “e a Geografia, tantas vezes ao serviço da dominação, tem de ser urgentemente reformulada para ser o que sempre quis ser: uma ciência do homem” (SANTOS, 1996, p. 213).

Na busca por uma Geografia mais contemporânea, de significado social e ambiental pensada à luz da humanidade, escolhi como exemplo a obra “Genesis” do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. A obra em questão revela um mundo de paisagens que poucos humanos conhecem fotos de lugares que se apresentam na sua origem - o ser humano no contato primeiro com a natureza. Neste trabalho majestoso de Sebastião Salgado, é possível se extasiar com fotografias significativas e tão expressivas que, como ele próprio traduz seu trabalho, é como “um hino visual à grandeza e à fragilidade da Terra” (SALGADO, 2013, p.7).

A obra é uma viagem completa de roteiros geográficos que motivam, estimulam e complementam o conhecimento porque induz à pesquisa, ao estudo e,

especialmente, à curiosidade e imaginação das crianças e jovens, premissa básica para aprendizagem. O/a professor/a de Geografia precisa de certa maneira desenvolver no/a estudante o olhar do fotógrafo, que eterniza a imagem da paisagem na nossa memória, ele/a precisa querer observar e o guardar passa a ser consequência. Conheci pela primeira vez esse trabalho em fotos em preto e branco quando estava em Porto Alegre/RS, no período do Mestrado, numa exposição intitulada “Êxodos” na Usina do Gasômetro, que revelavam naquela oportunidade populações de 40 países em retirada de sua terra de origem. Então uma foto e algumas aulas de uma Geografia palpável, complexa de interpretações, mas simples de entendimento.

As fotografias do livro Gênesis de Sebastião Salgado mostram que nada é começo e nem fim. O mundo, o planeta se apresenta, nas lentes deste fotógrafo, como na sua origem, então definitivamente nos desafia em sala de aula a fechar em certas falas ou leituras que quase sempre são de cunho ocidental, urbano, cristão e branco.

O mundo se apresenta na diversidade e complexidade, fazendo com que a escolha do lugar como conceito de referência para aprendizagem no ensino de Geografia, nos permita ousar e tornar a aprendizagem cheia de significados.

Figura 18 - Brasil: Bacia do Xingu, MT.



Fonte: (Salgado, 2013 p. 433)

Como exemplo, selecionei uma foto em território brasileiro (Figura 18), que pode ser utilizada no 7º ano quando da abordagem sobre o Brasil, tema de todo ano letivo, deixando a imaginação e curiosidade fluírem.

Além do horizonte deve ter
Algum lugar bonito pra viver em paz
Onde eu possa encontrar a natureza
Alegria e felicidade com certeza
Lá nesse lugar o amanhecer é lindo
Com flores festejando mais um dia que vem vindo
Onde a gente pode se deitar no campo
Se amar na relva escutando o canto dos pássaros
(Jota Quest., 2005, faixa 3)

Um lugar para apresentar às crianças e jovens por meio do ensino de Geografia. Nesta expedição geográfica de apenas um elemento, a foto, levamos os/as estudantes a um lugar que não lhes pertence na vivência, mas que integra um território de identidade nacional, assim o mesmo vai descobrir o seu lugar e a interação deste com o conjunto.

No ato de lecionar qual de nós não se viu embriagado ao apresentar, por exemplo, as paisagens da Terra em telas de projeção ou documentários? Se pudéssemos, embarcaríamos como nossos alunos/as numa viagem pelos lugares no início do ano letivo e voltaríamos ao final, com a certeza de ter ensinado Geografia. Porque é para além dos textos a melhor forma de ensinar, com muita exposição de imagens, estudos de campo e relatos de viagens, lembrando aqui Reclus e Kropotkin.

Fértil é também fazer uma associação do ensino de Geografia com as obras de arte, possibilitando uma forma cênica de reproduzir em sala de aula interpretações de época. Existe uma importância no procedimento de seleção das imagens, são escolhas metodológicas que podem fazer a diferença para a motivação e incitar a curiosidade que é própria de crianças e adolescentes. Lembro-me, já adulta no ano de 2015, quando fui para São Paulo/SP e tinha uma exposição intitulada “Arte da França: de Delacroix a Cézanne” eu não tive uma educação familiar ou na escola voltada para a Arte, portanto nunca entendi a importância e valores, entretanto, quando fiquei de frente para aquelas telas simplesmente entrei em êxtase e fiquei literalmente em pé parada, como se estivesse sendo transportada

para aquela pintura, admirando o quadro que mostro a seguir (Figura 19) e, quanto mais olhava, mais detalhes se revelavam. Passei a entender o fascínio das pessoas e tive a certeza de que era preciso incorporar arte no ensino de Geografia.

Figura 19 - O Verão - Diana Surpreendida por Acteão (1863) – Eugene Delacroix



Fonte: <https://masp.org.br/acervo/>

Um bom roteiro de estudo de campo sem prejuízo do acaso, marca pra sempre a vida escolar da criança ou adolescente, assim se mantém viva ou se resgatam aquelas aulas que saíram da chamada “aula normal”. De certa forma nossa tarefa consiste em fazer as crianças entenderem que na rua, nas feiras, nas exposições, nos museus, na praia, na fazenda ou no cinema podemos ter um espaço de aula, pois, se considerar a etimologia da palavra, aula é um espaço onde se reúnem pessoas, portanto não se restringe as paredes da escola. Por circunstâncias alheias a nossa vontade não foi possível o deslocamento, logo nos cabe trazer de alguma forma para o ambiente da escola, por meio de materiais, pessoas ou mídias esse mundo que se apresenta todos os dias. A aula de Geografia se expande no contemporâneo.

Constata-se que cada expedição geográfica, independente do tempo que temos, precisa ser planejada e com certeza vai gerar “uma lida”. No entanto um campo de estudo organizado para aprendizagem soma várias aulas, além de se

integrar com outros componentes, porque também sabemos que na realidade da escola pública quando conseguimos transporte, incluímos vários colegas. Em minha trajetória docente as saídas para estudo aconteceram após minha efetivação, sempre integrada com outra ciência.

Saídas para estudo são utilizadas por vários/as professores/as, embora não sejam de tempos atuais, já que no início do século XIX tratava-se de uma recomendação corrente.

Uma das condições de sucesso no estudo da geographia local é a possibilidade de lições ao ar livre, no palco da escola, nos arredores da cidade e mesmo em pontos distantes da escola, porque as coisas e os factos devem ser observados in loco. Não quer isto dizer que o estudo todo exija desenvolvimento fora da escola. Há lições formaes e há trabalho de applicação para serem realizados na sala de aula. Em certos casos, contudo, torna-se indispensável a excursão (CARDOSO, 2014 apud PROENÇA, 1928, p.51)

Seja na floresta, no campo, nas comunidades, na cidade, no sertão, nas aldeias indígenas, nos quilombos, lecionar suplanta fronteiras, desperta e revela conhecimento. No fazer geográfico, levamos a leitura do mundo aos/as estudantes com aporte teórico seja da formação inicial ou continuada, o ensinar não pode ser terceirizado, pois é de nossa responsabilidade e compromisso. Os conceitos estruturantes da ciência geográfica lugar, paisagem, região, território e natureza transitam por todo o percurso formativo com menor ou maior intensidade, além de marcar os conteúdos.

Vamos explicar de forma mais didática: somos seres espaciais, portanto localizados em um território, como exemplo usarei a temática do estudo do território brasileiro geralmente trabalhado com mais ênfase no 7º ano do ensino fundamental e no 3º ano do ensino médio. No uso dos mapas e textos didáticos estamos espacializando nosso território nacional, descrevendo características, delimitando suas fronteiras no contexto das relações internacionais, localizando o Brasil no mundo com uso do globo terrestre. No continente, por meio do atlas ou vídeos interativos como no sitio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o recurso torna-se ferramenta de excelência no desenvolvimento de um olhar espacial articulado com a paisagem e as demandas sociais que partem desta localização. Essa relação com o território é bem evidente na obra “Antropogeografia”, onde

afirma: “nossa ciência deve estudar a Terra ligada como está ao homem e, portanto, não pode separar esse estudo do da vida humana” (RATZEL, 1914 apud MORAES, 1990 p.32). Resguardando o apelo do meio sobre a ação antrópica, a ideia trazida para o contemporâneo ganha significado social.

Assim, quando, por exemplo, no 6º ano no início do ano letivo levamos as crianças a observar melhor seu lugar, sua paisagem e toda a composição do espaço vivido com simples ilustrações do antes e depois de seu próprio local de moradia, transcendemos a mera descrição necessária, mas agora historicamente e geograficamente explicada. Aqui me lembro de Paul Vidal de La Blache “a geografia compreende por definição, o conjunto da Terra” (LA BLACHE, 1913 apud CHRISTOFOLETTI, 1985, p.38) quando relata sobre a unidade terrestre. Esse conjunto derivando abrangência moderna torna-se atualidade complexa pela possibilidade que o ensino de Geografia permite em ganhar o mundo a partir do lugar.

Os conceitos também se apresentam juntos e misturados quando ensinamos sobre as cidades, o campo, os países, as regiões, comparamos para explicar diferenças e semelhanças. Ora ao trabalhar o interior e litoral, as vilas, os bairros, os Estados ou províncias, estamos constantemente criando mosaico de características comuns ou de diversidades, tanto no campo da Natureza como da Sociedade, nessa temporária e permanente relação geográfica.

A partir da análise do lugar de identidade dos sujeitos de aprendizagem, suas atividades cotidianas de trabalho, estudo e consumo se estabelecem redes de ligações que, mediadas pelo/a professor/a, trazem a leitura de mundo para além dos limites cartográficos e administrativos. Em atividades simples como observações nos rótulos dos produtos existentes em suas casas, já é possível romper barreiras e estabelecer conexões interligadas com o caráter dinâmico e mutável dos fatos. É tranquilo levar o estudante numa viagem através da cadeia produtiva e de origem de tudo que possuímos e consumimos e o que foi substituído ao longo da história da humanidade, construções e desconstruções.

Ao trabalharmos estes conceitos, seguimos uma trajetória pelas correntes do pensamento geográficos. Devemos ser considerados tradicionais? Sim, somos

tradicionais, somos modernos, somos críticos e também contemporâneos; somos professores de Geografia. E complexos também, uma vez que na trajetória da educação escolar geográfica no ato de ensinar retomamos as correntes do pensamento geográfico. O ensinar Geografia está no contexto da área de Ciências Humanas e, para além de sua unidade de estudo e especificidades da própria ciência, segue teorias, tendências e leituras fundamentadas na educação, tanto que trabalhamos como alunos/as, sujeitos de aprendizagem complexos e diversos na sua formação e identidade. Logo, nesse processo, fizemos escolhas conceituais, metodológicas e filosóficas.

Geografar na docência precisa causar um desconforto, incomodar. É preciso ser e estar no mundo, e cada geração faz isso de certa forma, de certo jeito, também com erros e acertos, pois quando desarrumamos a casa, aproveitamos pra sair da acomodação da mesmice. Ser professora de Geografia é um pouco essa ideia de desarrumar a casa. Isso me leva há uma lembrança, a curiosidade de meus alunos das 5ª séries (atual 6º ano), com uma sede de conhecimento, querendo ver o mundo revelado, entender de tudo, cheios de porquês, às vezes provocando meu riso, outras me levando a buscar auxílio com meus colegas docentes de outras áreas do conhecimento. Misturam assuntos, mas querem respostas, é maravilhoso. Por conseguinte, passa a ser um excelente momento para levá-los a compreender seu lugar no mundo.

A docência na Geografia por certo nos desafia e nos obriga a estar sempre e constantemente atualizados/as, porque como já expressamos no cotidiano a vida acontece. É tarefa nossa diária ler ou assistir algum jornal no horário que for possível, um local e outro nacional, e até ver programas que não gostamos, já que tudo vai pra sala de aula, o grande palco de discussões para o entendimento. Começar uma aula após algo que foi notícia sempre aciona o interesse, brincar com a rivalidade no futebol, por exemplo, mobiliza e agita o nosso dia e nos aproxima humanamente dos/as estudantes. Os esportes sempre são boas oportunidades de aprendizagem geográfica. Cito no presente trabalho mais uma lembrança enriquecedora, quando, na ocasião das Olimpíadas de Pequim, na China, em 2008, não havia antena na escola. Solicitei para uma família vizinha deixar puxar um fio da sua antena parabólica, porque queria mostrar para os/as alunos/as quanta cultura e

conhecimento podiam apresentar a abertura deste evento. Sim, colegas, com certeza vocês já se superaram por uma boa aula!

Ensinar Geografia é reconhecer que o nosso texto é o espaço, as primeiras linhas são os lugares, os quadros mentalmente desenhados são as paisagens, o reconhecimento dos limites e fronteiras são os territórios e suas territorialidades e as ações sobre este texto faz parte do próprio aluno. Ensinar Geografia é aprender com aluno as suas leituras, é misturar-se com suas histórias e solicitar deles as imagens que eles mesmos projetam de seus tempos e de seus espaços. (COSTELLA apud MARTINS 2014, p.193)

A Geografia é uma ciência tão dinâmica e complexa que a cada ano letivo é necessário refazer planejamentos. Por conta de tanto dinamismo penso no problema do livro didático permanecer por três anos, não que esta fala se figure em dependência do livro, mas é de fato um instrumento de trabalho cotidiano, e também traz nossas visões de mundo e linha teórica, pois somos nós efetivos que escolhemos, e os autores também são parte integrante do conjunto de abordagens, conceitos e atividades consolidadas nos textos didáticos. Nestes tempos contemporâneos os eventos são quase que instantâneos, por isso é necessário estar atento para não repassar conteúdos com prescrição desatualizada.

Ensinar Geografia com o mundo à disposição na era global, referindo-me não só às possibilidades de uso da internet, mesmo sabendo que tanto nas escolas urbanas ou em recônditos lugares há falhas estruturais e falta de aplicação de investimentos que restringem nosso potencial, mas também a própria janela da sala que pode nos fornecer elementos suficientes para alargar os saberes das crianças e jovens. Partindo do **lugar como referência de aprendizagem no ensino de Geografia** também tornamos os/as estudantes personagens de sua própria história, grafam sua existência e ampliam a leitura de mundo, visto que definitivamente a Geografia do Lugar dá sentido e sustenta o conhecimento, mesmo que avancem na imaginação, ou até mesmo façam relações improváveis. Portanto, nós professores temos que neste momento fazer valer a docência e ser presença, mediando suas colocações.

Organizar o conteúdo escolar a partir do lugar de vivência do aluno significa elaborar atividades de aprendizagem que sejam também instrumentos multidisciplinares para que o aluno amplie sua

compreensão da própria ciência geográfica e de suas interações com a experiência pessoal (CASTELLAR apud PORTUGAL, 2015, p. 286)

Admitindo-se então o lugar como espaço vivido, dá-se sentido a identidade carregada pelos/as estudantes, como sendo um processo de construção de significados. Moradores de um mesmo município estabelecem uma forte ligação afetiva, familiar e cultural com sua comunidade, maior que o território. Chega a ser possessivo este pertencimento “eu sou de ou, eu sou da”, o vir de determinadas comunidades já traz consigo características que marcam sua identidade, por vezes nas turmas ouve-se “só podia ser da... ou tinha que ser do..”. Estes apontamentos particularizam, ou melhor, identificam o indivíduo, regram de certa maneira seu comportamento social, aproximando ou distanciando. É notório e acontece no cotidiano de sua vida, intensificando-se no encontro com o coletivo escolar. É interessante considerar que não se trata de ensinar Geografia somente a partir do conceito de lugar, mas partir do lugar do estudante como intersecção com os demais conceitos. A leitura de textos onde o /a estudante caminha por mundos não experimentados, por uma história que não é sua, que não cria identidade, é cansativa e não encoraja. Fica evidente o quanto é difícil falar do que não vivenciamos. No entanto, ao mesmo tempo, os elementos destes lugares desconhecidos marcados nos livros didáticos é nossa oportunidade de praticar uma docência de relações, associações e exemplos que lhes tragam a realidade.

A relação que se estabelece com o lugar, sua identidade, sua comunidade e sua paisagem, é de harmonia, visto que estamos lidando com crianças que trazem consigo elementos de convivência, de experiência, saber local, tanto das dinâmicas naturais como das sociais que interagem no seu cotidiano. Estes elementos se revelam particularmente em sua expressão oral e na maneira de ser e agir no ambiente escolar. Os saberes e fazeres dos/as estudantes da escola Ivo Silveira do município de Paulo Lopes/SC, por exemplo, são frutos destas interações sociais cotidianas. Especialmente em sala de aula, desde os anos iniciais até os finais do ensino fundamental, este pertencimento ao lugar chama a atenção. Como docente na disciplina de Geografia, reconheço esse apego e passo a trabalhar na sua valorização tendo como referência a aprendizagem para proporcionar a leitura do mundo a partir do seu lugar.

Conforme Castells “*toda e qualquer identidade é construída*” (PERICO, 2009, p. 61), não significa aqui fazer o inverso – desconstruir – todavia dar valor com sentido de referência, não apenas no imaginário, mas expresso no cotidiano.

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vem solicitações e ordem precisas de ações condicionadas, mas é também teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2009, p.322)

É preciso cavar buracos literalmente como fazem os antropólogos, para preencher lacunas das verdades intencionalmente esquecidas pelas demasiadas generalizações, buscando referenciais de memórias nossas e dos/das estudantes para reconstruir e dar significado ao conteúdo exposto. Fora de sala de aula a gente pensa nos conteúdos trabalhados e, por vezes, se questiona em casa ou nos tantos trajetos de rotina, como poderia ter explicado melhor. Eu, particularmente, já parei, por exemplo, na BR 101 ao avistar uma paisagem ou fenômeno para fotografar e usar de material nas aulas. Essas atitudes docentes encantam nossos/as estudantes, pois se sentem valorizados/as. A investigação, a pesquisa e as saídas a campo são metodologias que, incorporadas ao planejamento de ensino, dão significado ao Ensino de Geografia.

Com certeza há quem se incomode com esse processo de revirar a terra, pois essa postura exerce uma mediação que alimenta o protagonismo e autonomia dos/as estudantes, como também no exercício de descobrir seu lugar ou mesmo fazer brotar dele signos de um tempo de vida passado no diálogo com a família e moradores mais antigos. É possível reelaborar a leitura do lugar conhecendo as estratégias de subsistência e resistência da população na produção, no trabalho, na cultura, nas relações sociais que mobilizam o espaço geográfico em escala local, regional e global.

Em escolas de centros urbanos, onde o bairro se torna o lugar de referência a partir do ensino de Geografia, é básico explicar aos estudantes que a cidade, em meio às suas grandiosas transformações espaciais, vai tendo superposições de tempos e também de coexistências entre o presente e o passado, visivelmente reconhecidas em seu patrimônio arqueológico/histórico, em cenários às vezes

preservados, muitos em apagamento ou substituídos por outras estruturas da modernidade. Escrevo aqui com lembranças em especial do município de Palhoça/SC, onde houve um boom populacional nos 19 anos em que morei lá (1987-2006). Como consequência em todo cenário territorial daquela cidade, onde havia terrenos de pastagens surgiram inúmeros loteamentos, ocorrendo o início do processo de verticalização urbana, duplicação da rodovia BR 101, ampliação do parque industrial, expansão do setor terciário e investimento do poder público nos serviços para atendimento das demandas deste crescimento. Vejam a demonstração a seguir:

Quadro 3 – Evolução populacional município de Palhoça/SC

Evolução Populacional			
Ano	Palhoça	Santa Catarina	Brasil
1991	68.430	4.541.994	146.825.475
1996	80.905	4.844.212	156.032.944
2000	102.742	5.356.360	169.799.170
2007	122.471	5.866.252	183.987.291
2010	137.334	6.248.436	190.755.799

Fonte www.ibge.gov.br

Traduzindo números absolutos em percentual, fica aparente o crescimento do município de Palhoça/SC acima da média estadual e nacional. Para citar um cálculo como exemplo, comparamos a diferença entre a contagem populacional de 1996 e 2000, que ficou assim: crescimento da população de Palhoça/SC 26,99% para o período, enquanto no Estado foi 10,57% e no Brasil 8,82%. Considerando todo o período exposto na tabela entre os censos demográficos de 1991 e 2010, a população residente no município dobrou fato que não ocorreu em âmbito estadual e nacional.

Faz-se importante este relato, uma vez que, se não tivesse vivenciado o que aconteceu no município há duas décadas, teria que fazer um esforço monumental pra acreditar. Imagina as crianças e jovens para os quais lecionamos, falar de coisas inexistentes em sua vivência. Digo isso porque, mesmo mostrando por meio de documentários, somos questionados “professora isso existe mesmo?”.

A comunicação do ensino no lugar mundo precisa ser foco do componente curricular Geografia, porque somos seres espacializados, localizados num território, que no tempo histórico revela cultura e formas que caracterizam o espaço geográfico. Estas formas têm significados, são singulares e plurais, marcam um povo, têm dinâmicas e diversidades próprias ou impulsionadas por intencionalidades e o trabalho. No lugar se condensam tensões e diferenças.

O ensino de Geografia a partir da leitura do lugar para compreender o mundo pode proporcionar ao/a estudante um mundo melhor, possível por meio do conhecimento. Nós, professores/as neste contexto, podemos visualizar práticas que levem à aprendizagem com significado, com inserção no cotidiano, porque a Geografia está em nós, na vida, na escrita, na fala, na música, nas imagens em todas as formas de expressões e linguagens da relação sociedade-natureza.

Ensinar geografia é mais que informar sobre acontecimentos. É possibilitar que os alunos os compreendam, os contextualizem espacial e temporalmente e, a partir daí, ampliem condições para inferir outras interpretações independentemente do espaço estudado. (COSTELLA; SCHAFER, 2012, p. 41)

O ser humano é incansável por sua curiosidade, e todo vestígio é elemento de observação para entender os modos como os povos passados conviviam em seu lugar, as relações sociais e o pertencer. Temos de fato uma relação de pertencimento com o lugar onde vivemos, ou seja, temos mais segurança, sentimos o pé no chão, fica mais fácil o diálogo ao inserir nas aulas de Geografia estas observações, associações e provocações para, assim como nós, inquietar nossos/as estudantes numa odisséia que pode ser induzida pelo ensino de Geografia.

As aulas de Geografia proporcionam relatos, momentos e questionamentos sobre existências e identidades humanas, desse modo há a possibilidade real de traduzir-se em qualificar e ampliar a leitura de mundo em busca de, junto com as demais áreas do conhecimento, que os estudantes possam ter respeito e reconhecer a diversidade humana e ambiental dos povos e lugares da Terra.

Ensinar Geografia está contido, pra usar um termo da matemática, num conjunto maior, que é a escola, e assim, com este entendimento que adentramos no último capítulo, pensando na docência em seu contexto.

7 O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

“Um livro, uma caneta, uma criança e um professor podem mudar o mundo”
Malala Yousafzai (Nobel da Paz em 2014)

7.1 - PROCESSO DE PLANEJAMENTO: A PRÁTICA DOCENTE

A palavra exercício tem origem no latim “exercitium”. Trata-se da ação de exercer, exercitar, estes verbos referem-se ao ato de praticar uma arte, um ofício ou uma profissão.

Com a organização do trabalho docente, desde que iniciamos neste ofício, erramos, desarrumamos, aprendemos, criamos, desconstruímos enfim, um tecer de fazeres e saberes que vão, aos poucos, nos constituindo como professoras/es. Respondo inicialmente remontando às minhas primeiras experiências enquanto docente e minha relação com o processo de planejamento. Quando iniciei em 1994, o planejamento não era por mim levado a sério, fazia as anotações de qualquer maneira, num caderno ou no próprio livro didático, também dava uma olhada nos planos já existentes na escola, todavia com pouca preocupação ou articulação. Porém, de alguma forma a inquietude e busca por alternativas pedagógicas já faziam parte das minhas propostas. Algo diferenciado era o uso de textos extras ou informações jornalísticas que explanava para turma ao iniciar a aula, embora fosse muito pouco. Remeto o início da docência ao exemplo de ser motorista, você treina na autoescola, tira a carteira e oficialmente está habilitada, entretanto é no caminho, nas estradas e cruzamentos que vai, de fato, aprender a dirigir. A docência é assim, se aprende no caminho da profissão.

Todo começo é tenso, sua-se muito, cada aula uma estreia diante da diversidade revelada. A interação com os/as demais colegas professores/as é um processo que caminha com afinidades ou não, e quando você se encontra numa posição de temporária não há muito estímulo ou motivação de continuidade, no fundo você sabe que está no mundo do talvez, porque suas ações têm prazo definido de 10 meses durante o ano letivo, depois não sabe para onde vai, fica dependendo dos próximos processos seletivos. Enfim, foram alguns anos nesta rotina. Por outro lado, essa experiência nômade traz uma carga de saberes

docentes pelas passagens em variados sistemas e modalidades de ensino. Meu percurso se deu na rede municipal, estadual, federal, programas, realidades e pessoas que agregaram conhecimento, experiências e muitas ideias pedagógicas. Comecei a descobrir que não se resumia ao ensino de Geografia, ser professora era maior. Nóvoa (2009, p.30) complementa muito bem essa reflexão:

Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão

Retomando o planejamento, foi quando me efetivei pela primeira vez na E.B Dr Ivo Silveira município de Paulo Lopes/SC no ano de 2006. Enquanto professora titular de Geografia, comecei a olhar com mais cuidado para essa tarefa tão nossa, tão questionada e, por vezes, esvaziada em apenas uma mera formalidade de execução das funções do/a professor/a. Na qualidade de efetiva entendi a necessidade de pensar naquele lugar -Paulo Lopes/SC- desconhecido ao meu olhar e caminhar, já que passaria a ser referência no exercício de docência. Estudantes, após o percurso formativo nos anos iniciais, chegariam até a mim na 5ª série, momento de pensar no percurso formativo porque iam comigo até ao término do ensino fundamental e alguns, posteriormente, no Ensino Médio. Reconhecer essa transição no tempo e no espaço do/da estudante era mais uma função de professora, qual Geografia fora dada nos Anos Iniciais? Qual Geografia ensinar, por que e como?

Neste contexto é ampliada a responsabilidade de ser professora, lembrando aqui que se seguiram três anos de estágio probatório, período em que minha conduta enquanto servidora pública municipal, bem como a prática pedagógica fora avaliada administrativamente. Posso afirmar que o planejamento foi à base da evolução didática, o que antes se resumia a lista dos conteúdos foi repensado como instrumento referência de minha prática pedagógica, associado a esse movimento as escolhas metodológicas passaram a ser selecionadas e teoricamente pensadas. Passo a ler e acessar documentos, diretrizes nacionais, propostas curriculares e livros do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, somando-se à

colaboração de minhas ex-professoras da UDESC. Sim é fato, uma vez que desde a formatura mantivemos contato tanto com as especialistas das disciplinas de Geografia Física quanto Humana. Quando eu tinha dúvida sobre as informações constantes nos textos didáticos e documentários, sempre ligava pra elas. As formações continuadas oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação também influenciaram na valorização do planejamento que, a partir daí, ganhou forma, estrutura e organização (objetivos, conteúdos, técnicas, recursos, procedimentos, métodos de avaliação e referências).

Recordando, confesso que a condição como professora efetiva sustentou sobremaneira a organização pedagógica no exercício da docência. Assumi que o não registrar ocultou bons trabalhos desenvolvidos e outras possibilidades de ensinar. A carência na visibilidade e memória do trabalho docente por nós mesmos/as faz com que oportunidades de valorização profissional sejam perdidas. Geralmente as divulgações das atividades que realizamos em sala de aula são algumas publicadas por professores/as que entram nas pós-graduações, ou nas pesquisas desenvolvidas para trabalhos de conclusão de cursos, em revistas especializadas de educação e sites de premiações ou compêndios de pesquisas e revistas da área, perpassando pelas peneiras do mundo acadêmico. Essa lista pode parecer contraditória quando escrevo sobre falta de visibilidade, mas falo da ausência de publicações locais e regionais que cheguem ao público docente não pesquisador da academia, que sobrevive numa estrutura que consome dia-a-dia o nosso saber-fazer escolar. É preciso ser autor da própria história, pois, enquanto protagonista, precisamos pensar sobre publicar assim como navegar é preciso.

Cito programas viabilizados via políticas de formação docente pelo Ministério da Educação dos quais participei como cursista ou convidada para atestar que, diante da oportunidade, o/a professor/a, ele/ela, torna-se protagonista de sua própria história. Programas como: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio – PNEM e o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC foram impulsionadores do protagonismo do trabalho docente porque permitiu, nas atividades propostas e seminários, a divulgação do exercício da docência. Sabemos, no entanto, que estes programas são de adesão espontânea e não atingem a todos/as docentes, no entanto quem participa é movido na sua prática e, no mínimo, repensa o exercício

da docência, uma vez que acaba contagiando outros/as colegas de profissão a dizer frases do tipo “na próxima edição eu vou participar”. Tem uma peculiaridade que é preciso ser dita aqui, os/as estudantes gostam e se mobilizam em atividades integradas, quando enxergam o grupo de profissionais da escola envolvidos/as no processo e, especialmente, quando lhes é dada autonomia para revelar conhecimento, ao seu modo é claro, percebi essa mobilidade juvenil na atividade desenvolvida no PNEM.

Momentos assim são oportunidades de expressão e visibilidade das práticas já consolidadas na rotina de sala de aula, também abrem caminho para novas metodologias, revisão de planejamento e avaliação do próprio trabalho docente.

Especificamente em Santa Catarina para a rede estadual não existe um programa institucional próprio para publicação ou divulgação, há apenas pequenas inserções no próprio sítio da SED ou em projetos da imprensa. O maior espaço de divulgação é nas próprias escolas nos eventos organizados como, por exemplo, a feira de ciências. Resumindo, é necessário ampliar espaços de registros ao alcance da realidade cotidiana da escola.

7.2 - FORMAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE

Revirando certificados, vi que desde 1994, fora sala de aula, me envolvi em cursos, palestras, seminários, encontros, congressos e formações tanto na Geografia como na Educação em geral, com certeza isso ampliou meu universo de atuação e foi motivo de expansão profissional. Essa imersão qualificou minha trajetória mesmo sem maturidade na docência, todavia dado o percurso na graduação de pesquisa, após formatura, escolhi continuar próxima à universidade. Assumo como obrigatória a atualização na nossa carreira, pois tenho como compromisso social, visto que na nossa profissão o que fazemos é para o/a outro/a, ou seja, gerações de crianças e jovens com sede de aprender.

Pesquisa e docência são elos da sapiência na formação docente, os/as estudantes percebem quando seu/sua professor/a tem leitura de mundo ampliada, tornando-se profissionais que estendem seus horizontes científicos buscando outras fontes de pesquisa para além de seu componente curricular. Atuar na docência está intrinsecamente relacionado à investigação científica, estudamos o tempo todo e

isso é essencial no nosso fazer pedagógico para também ampliar visão do/da estudante, ensinar a diferenciar informação de conhecimento, essa é uma de nossas responsabilidades, uma vez que fizemos uma graduação e temos compromisso com a ciência, não podemos terceirizar o que nos é nato – o conhecimento – e a partir dele devemos agregar contexto e compromisso social com a coletividade.

(...) a premissa mais fundamental do ensino de Geografia é a de que o professor é, ou deveria ser, um pesquisador de notável habilidade. (...) A pesquisa é o “cérebro” de sua profissão, sua dedicação apaixonada é o “coração” de seu fazer cotidiano. Sem “cérebro” e sem “coração”, segundo a trágica definição de ser humano feita por Fernando Pessoa, o professor não passaria de um “cadáver adiantado” em sala de aula. (CARVALHO JR, apud PORTUGAL et al 2016, p. 61)

Retomando a formação continuada, a exceção do período foi o ano de 1997, todavia logo descobri porque, foi o ano que residi e trabalhei no município de Ilhota/SC, sem certificado, embora marcado com uma atuação na história daquele lugar. Meu desejo sempre foi por muito tempo morar lá, terra de minha mãe e de minha infância, voltar foi um presente, eu idealista queria tornar meu projeto de pesquisa acessível aos estudantes e comunidade, a emoção era tanta que entreguei durante uma missa o relatório final da pesquisa desenvolvida na graduação sobre o município. Parte da pesquisa contava a história e organização do espaço geográfico de Ilhota e essa foi, com ajuda do coletivo de professores e estudantes da escola que eu trabalhava, transformada numa peça de teatro onde contamos a história de colonização num ginásio municipal, momento impar, foi uma passagem rápida, porém significativa. Transformar a pesquisa em arte acessível à comunidade tornou-se a materialização de um desejo, teoria na prática.

Essa interatividade constante com a ciência, com a universidade, escolas, professores/as, profissionais da educação, instituições de governo, agregaram ao ato de lecionar elementos, conexões que alargaram o diálogo com as turmas, crianças e adolescentes curiosos com as coisas da vida e do mundo. A diversidade de experiências na trajetória engrandece e sustenta com propriedade as aulas. Aprendi que, na Geografia, leitura e atualização são obrigatórios e não complementares apenas, lecionar na década de 90, ou seja, no século XX quando comecei é muito diferente agora na primeira década do século XXI e não só obviamente pela leitura de mundo a partir das transformações ocorridas no espaço

geográfico, mas com novos paradigmas de ser e estar no mundo, acompanhando a complexidade e velocidade como tudo acontece com as coisas, as pessoas, a ciência e a vida.

A Geografia assumiu proporções gigantescas para a explicação dos fenômenos sociais e ambientais, da trama da geopolítica mundial, dos movimentos populacionais territoriais, da identidade e pertencimento dos sujeitos ao lugar, de uma cartografia da dinâmica espacial. Ensinar Geografia é ao mesmo tempo circundar o universo e pisar num solo fértil de vivências, é a própria expressão de leitura do mundo, espacializado no olhar do docente e imaginado pelo olhar da criança e do adolescente. Percorremos o espaço geográfico a partir das leituras e conhecimento de nossa formação, das escolhas de currículo, na montagem do planejamento, nas decisões didáticas dos recursos e instrumentos pedagógicos e na atitude em sala de aula. Todos esses momentos são pensados e organizados numa dinâmica dentro da rotina do cotidiano, e depois do encontro com os/as estudantes tudo se revela ou se transforma pela troca. O ouvir, o explorar a curiosidade consolida toda uma preparação ou, como hábeis mestres, seguimos outros caminhos, porque a sala de aula, caro leitor, é questionadora e encantadora.

7.3 - AVALIAÇÃO E APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA

A Geografia escolar transita no mundo real, no espaço vivido dessas crianças e adolescentes que têm um longo caminho no seu percurso formativo. Aqui chego num momento de virada pedagógica, quando comecei a pensar no que de fato é a aprendizagem, que na sua etimologia “vem de aprender, de ad “junto” mais *prehendere*, com o sentido de “levar para junto de si”, metaforicamente “levar para junto da memória” (<http://origemdapalavra.com.br>)

O caminho para esse objetivo foi rever a avaliação, visto que eu estava num vazio profissional de correções de provas que exauriam minha docência. Não havia sentido aquela formalidade administrativa de registros, queria mais, queria APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA. Acredito que essa virada começou com a efetivação na rede estadual em 2012, quando, aos poucos, fui entendendo que era

preciso, na prática, inverter os procedimentos de avaliação. Sempre fazia ao fim do ano uma avaliação das aulas com estudantes que elogiaram as explicações, no entanto percebi que estas não refletiam nas notas, então comecei a me questionar: se utilizava diversas metodologias e instrumentos de pesquisa, se conseguia realizar a intervenção didática na explicação, por que os resultados das avaliações não correspondiam?

Tinha comigo que o processo de aprendizagem estava ligado ao estudo, à leitura, claro fazia sentido, entretanto é fato que com memorização não se aprende, mesmo os que acertavam as questões, mais tarde percebiam que não era garantia de apropriação daquele conhecimento. Registro a memória de uma conversa com meu sobrinho Gustavo no carro vindo de um lugar qualquer, onde ele disse: “Tia, a nota nem sempre representa que aprendi, eu posso ter estudado a matéria só pra tirar aquela nota, mas não ficou guardado!” Bom, concluo assim que nem sempre notas baixas refletem que não houve aprendizagem, mas essa rigidez do sistema por números pode não corresponder à realidade, portanto a avaliação não se encerra com aplicação de prova. Precisamos e é necessário retomar aquele conteúdo não com repetição, porém discretamente com exemplos e articulados à transição para o próximo, explorando os/as estudantes para de fato averiguar se houve apropriação do conhecimento.

Logo, era preciso mudar o método. Portanto, das provas sem consulta passei a permitir acesso ao material, sendo mais complexo do que posso aqui descrever. No entanto, de maneira simples foi assim: de provas descritivas ou objetivas onde o aluno transcrevia o que guardava na memória ou apenas assinalava ou preenchia as lacunas para não ficar em branco, ele/ela era instigado a pesquisar para encontrar a resposta tendo, na sua frente, tudo o que queria: o caderno, o livro, os textos complementares, os mapas. Também percebi que não podia ser uma avaliação de caça ao tesouro e nem de simples transcrição, sabia que tudo era novo, para mim e para eles/as. O fato é que trabalhar na avaliação ficou muito mais complexo, uma atividade com certeza que passou a tomar tempo significativo no processo de ensino aprendizagem. Já na forma de organizar e elaborar a avaliação houve uma inversão de uma prova com questões diretas para respostas descritivas com texto, que era

muito rápido de compor, porém a correção levava horas de uma entediante leitura de textos iguais, decorados do livro didático ou de outros materiais disponíveis.

Com as provas de consulta, a elaboração ganhou conteúdo e cuidado na construção das questões, dado que eu tinha que pesquisar e encontrar as respostas para transformar em alternativas erradas ou certas, e aí nasceu o gabarito, ou seja, levava em média duas horas para criar uma prova, porém minutos na correção. Claro que tinha preocupação com a possibilidade de “chutes”, mas isso foi raro, mais raro que as provas em branco que recebia antes. Eu vi satisfação e leveza no fazer da turma, e aquele peso de dia de prova, desapareceu. O cuidado deles/as era em ter o conteúdo e material organizado para a realização da atividade avaliativa. A utilização de mapas, uma constante nas explicações, passou de uma simples forma de visualização para um instrumento de pesquisa e investigação, a oportunidade dada para o acesso qualificado a esse material se constituiu também em alfabetização cartográfica. Entendi nesse processo todo que:

“A avaliação, (...) constitui-se em prática investigativa, instrumento de decisão sobre as atividades orientadoras de ensino que vêm sendo adotadas, de forma contínua, sistemática, expressa num movimento permanente de reflexão e ação” (SANTA CATARINA, 2014, p.46).

Filizola (2009, p.82), tece sobre as práticas avaliativas e o raciocínio geográfico, para este autor “avaliar é estabelecer objetivos e viabilizá-lo metodologicamente”. A partir de nosso planejamento de ensino podemos tornar a avaliação contextualizada, motivadora e relevante, neste sentido os critérios precisam ser bem definidos buscando a aprendizagem.

Retomando a experiência, somente percebi que a inversão estava dando certo, quando errei. Exemplifico com o episódio em que, numa turma da 8ª série da rede municipal no meio da avaliação um aluno levanta a mão, me aproximo e ele sem jeito, mas convicto disse: “professora, nesta questão não tem a resposta para eu assinalar”. Retornei à mesa, peguei o mapa e verifiquei que ele tinha razão, pois eu não havia colocado nenhuma resposta correta, sendo que pedi no enunciado da questão que assinalassem a correta. Neste momento eu sorri e fiquei muito feliz, já que havia dado certo. Se ele não encontrou é porque verificou no mapa com cuidado

e pesquisou todas as possibilidades. Isso foi para mim a ocorrência de APRENDIZAGEM.

Foi um momento único e intenso de realização, de exercício pleno da docência, porque enxerguei articulado o planejamento, as aulas, a metodologia e a avaliação. Como nos coloca Nóvoa (2009, p. 19) *“nossas propostas teóricas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão, se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho”*. A Geografia a partir dessa tomada de decisão foi além de minha paixão em ensinar, visto que isso era notável desde 1994. No entanto, descortinar a aprendizagem foi maior que qualquer sentimento, deu significado as explicações que sempre foram minha marca docente para meus/minhas estudantes. Concordando com Filizola (2009, p. 86) *“A aula de campo, o manuseio do Atlas, o trabalho com o jornal, a entrevista, podem ser colocados a serviço da viabilidade metodológica dos objetivos da disciplina e dos critérios de avaliação.”*

Não faz mais sentido na minha docência avaliações sem consulta, sei que os mais céticos podem argumentar *“professora Luciana, depois nas provas de concursos ou processos seletivos, vestibulares ENEM, enfim eles/as não terão acesso a materiais!”* Sim claro, todavia terão o conhecimento apropriado durante a Educação Básica e, suficientemente preparada responderão assertivamente as questões. Comprovei isso nos simulados que realizei com turmas de Ensino Médio, a capacidade de recordar o conteúdo, de estabelecer as conexões, de entendimento do enunciado, de interpretação de mapas, gráficos, fragmentos de matérias jornalísticas, de charges, enfim dos mais diversos gêneros textuais foi ampliada, alargada, houve desenvolvimento intelectual.

7.4 - DOCÊNCIA DE INTERAÇÕES HUMANAS

Dialogar com as diferentes formas do conhecimento exige pensar em estratégias metodológicas que permitam aos estudantes da Educação Básica desenvolver formas de pensamento que lhes possibilitem a apropriação, a compreensão e a produção de novos conhecimentos (SANTA CATARINA, 2014, p.32)

Se importar, exercer a alteridade é reconhecer a formação integral dos sujeitos de aprendizagem e a Geografia neste ciclo de democratização do acesso à educação consolida territórios de conhecimento na medida em que traz elementos culturais, sociais e ambientais da diversidade humana e da natureza em todos os conteúdos. Naturalmente ou mesmo inconscientemente um/a professor/a de Geografia revela o mundo já a partir de seu lugar, de sua vivência e trajetória, ou a partir de suas escolhas metodológicas para ensinar. De certa forma existem temas que abordamos com maior profundidade e até entusiasmo, aqueles mesmos que já nos causavam prazer em alguma disciplina da graduação ou que têm ligação com algum lugar de passagem, ou seja, temas que lecionamos com segurança e confiança. Outros conteúdos são trabalhados superficialmente ou até negligenciamos, por desconforto ou mesmo ignorância. Isso acontece, entretanto é silenciado. Confesso que aquela Geografia muito arraigada aos acontecimentos históricos como primeira e segunda guerra mundial me cansava, não pela importância e óbvia ligação com a geopolítica envolvida, mas pela forma com que era feita a abordagem nos livros didáticos, faltava o essencial – pensamento espacial – tudo muito vinculado às datas, de novo recorro há um comentário de meu sobrinho quando conversávamos sobre conteúdo de Geografia no 9º ano que tem como recorte de análise o espaço geográfico mundial, os continentes: “Tia, falar de países, suas características? Poxa, tem gente ali, tem uma população”. Aliás, isso merece uns parênteses, a organização das propostas quando listavam conteúdos sempre indicavam as regiões polares como Ártico e o continente Antártica para o final do ano letivo. Muitos de nós não chegávamos ao tema, ou apenas no máximo uma abordagem superficial com utilização de algum material audiovisual.

O ensino de Geografia também precisa pensar em humanidade, na presença humana no desenho de seu lugar, parece óbvio, entretanto não é. Na experiência de docência em duas décadas, está clara a dificuldade de perceber o que é próximo e mais ainda estabelecer relações deste com o mundo, as crianças mesmo inseridas se não estimuladas para as reais articulações possíveis de seu lugar com o mundo, não o fazem, não percebem e, conseqüentemente, não valorizam. Eis a importância da presença docente!

Descobri que ensinar é uma enorme responsabilidade diante do mundo, uma vez que se aprende a ser bom assim como se aprende a ser mau, nosso discurso engrandece o outro, mas também pode eliminar sua perspectiva. Ser professora de Geografia agrega um valor maior de relevância espacial e social, visto que ensinamos sobre lugares, os ambientes desses lugares, as pessoas desses lugares, que compõem uma engrenagem humana, social e ambiental. Ser e estar no mundo compõe a vida.

Nosso compromisso e responsabilidade com o ensino vão além do ato de lecionar, na verdade antecede o mesmo, nas leituras e pesquisas para o planejamento e na elaboração de atividades. É preciso enxergar a docência como define TARDIF (2014) como profissão de interações humanas.

Concordamos com Costella e Shaffer (2012, p.42), quando coloca que o essencial no ensino de Geografia é “a possibilidade de agir na direção do conhecimento, na formação de competências e atitudes com base nas quais os alunos se situem na complexidade do mundo com autonomia e identidade”.

Tudo o que se pensa, se escreve, as reflexões, as publicações têm no chão da escola sua conexão e materialidade, a sala de aula é um espaço privilegiado de encontro, da diversidade, pluralidade e parafraseando Humboldt para aprender a “unidade e harmonia” deve se considerar o estudo da Natureza, pois é nela que se dá o contato do ser humano.

Uma docência de interações humanas pressupõe atenção na elaboração do planejamento, nas oportunidades e possibilidades de formação continuada, no exercício de pesquisar e pensar na avaliação da aprendizagem. Essa complexidade real na carreira do magistério grifa nossa responsabilidade diante do/a outro/a, no

caso nossos/as estudantes. E na contemporaneidade acrescenta-se a aproximação das famílias ou distanciamento das mesmas, a comunidade escolar como um todo e na soma pressões externas de setores que não são da educação, mas cada vez mais querem definir currículos escolares, e ainda neste universo, homens e mulheres do legislativo que se empoderam de discursos de alguns setores que representam, como por exemplo, o religioso, e adentram pelas mídias ou em seus lócus de origem para aterrorizar famílias contra a escola. Afirmando essas condutas por própria vivência quando enquanto professora da rede municipal em Paulo Lopes/SC participei da sessão na Câmara de Vereadores (Figura 20) na aprovação do Plano Municipal de Educação, e que na ocasião os/as vereadores/as aprovaram a exclusão de qualquer palavra associada aos estudos de questões de gênero.

Figura 20 – Comunicação Câmara de Vereadores ano de 2015 – Paulo Lopes/SC



Fonte: Arquivo autora

Momentos como este aqui retratado são ímpares na trajetória docente, revelam compromisso social, exercício da cidadania e busca incessante de respeito e valorização ao trabalho de professores/as na Educação Básica.

Entrar numa sala e dar uma aula é mais que simplesmente penetrar num espaço neutro, é ser absorvido pelas estruturas práticas do trabalho escolar marcando a vida, a experiência e a identidade das gerações de professores; é fazer e refazer pessoalmente essa experiência, apropriar-se dela, prová-la e suportá-la, dando-lhe sentido para si e para os alunos. (TARDIF; LESSARD, 2014, p.277)

Neste universo do exercício da docência que abraça as interações humanas, “percorremos um longo caminho para pertencer a esse lugar” e ensinar Geografia tendo o conceito de lugar como referência de aprendizagem, nos indica que “você sempre pode voltar para casa”³

³ Trecho traduzido da música 93 Million Miles de Jason Mraz - <https://www.lettras.mus.br>

8 SÍNTESE DA TESE

Em algum lugar além do arco-íris
 Bem lá em cima
 Tem uma terra, que eu ouvi falar uma vez
 Numa canção de ninar
 Em algum lugar além do arco-íris
 O céu é azul
 E os sonhos que você ousa sonhar
 se realizam mesmo.
 Um dia eu vou pedir a uma estrela
 E acordar onde as nuvens estão distantes atrás de mim...
 Onde problemas têm gosto de bala de limão
 Acima das chaminés
 É aonde você irá me encontrar
 Em algum lugar
 Além do arco-íris
 Pássaros azuis voam
 Pássaros voam além do arco-íris
 Então por que eu não posso?
(Over the Rainbow (Em algum lugar sobre o arco-íris))

Em algum lugar do Brasil professores/as lecionam e, com certeza, trabalhando além de suas atribuições, muitos em ambientes com estruturas precárias, porém desempenhando o mais importante: ensinando. Cada um/uma com as narrativas das trajetórias que marcam sua docência, permeadas de conhecimento e uma dose generosa de coragem, dadas às demandas do cotidiano na contemporaneidade. Sempre somos mais que docentes, ampliamos por necessidade e humanidade em nossa atuação. Acolhemos, observamos, transitamos na e, pela vida de crianças, adolescentes e até adultos para além do conhecimento científico e das tantas maneiras de lecionar.

Escola e, em especial a pública, é o universo da pluralidade, do texto e contexto, das convergências e das contradições. Lidamos com a vida das pessoas, sua formação, percursos, rotinas, expectativas, memórias, angústias, relações e reações, vivências e saberes. Nossa profissão suplanta o caderno, a atividade e a escrita do planejamento.

Uma imagem e um som me vem agora - o sinal bate – sim, o sinal que ainda lembra o trabalho nas fábricas, presente ainda nas escolas e que anuncia o início das aulas, num momento primeiro quando os/as alunos/as entram em suas salas, se acomodando nas carteiras. Sempre correm quando o sinal é para ir embora. Esse movimento encanta e permanece há séculos quando naquele espaço de tempo de quatro horas estamos lá ensinando. Desbravando o mundo a partir do currículo, a

aprendizagem acontece. A cada dia, a cada aula, entretanto não somente a partir do que expomos ou da leitura de livros didáticos, muito de nosso exemplo e atitude diante das coisas e dos pequenos detalhes movem a escola.

Sejamos exemplos de referência e ética, você pode não perceber, no entanto a cada segundo, a cada movimento, fala e ação nossos/as alunos/as nos observam. Ensinar não é apenas um verbo ou uma obrigação profissional, é por em prática o conhecimento científico produzido na história da humanidade, é compromisso social para a vida e exercício de cidadania.

Apresento neste trabalho, a tese do **lugar como referência de aprendizagem no ensino de Geografia** a partir de minha própria história como aluna e professora, numa narrativa de identidade com o exercício da docência, percorrendo os caminhos da escolarização na educação básica. O conceito de lugar marcou minha vivência pessoal, social e pedagógica, e é aqui pensado como primeira categoria de análise do espaço geográfico alongando assim a possibilidade de leitura do mundo do/a aluno/a, reconhecendo o espaço vivido como cenário de partida para o estudo da Geografia Escolar.

A compreensão escalar também se manifesta nas relações, conexões e contextos envolvidos nesta trama que tem no lugar seu palco de manifestações, os acontecimentos contados pelos/as próprios/as estudantes iniciam as aulas para qualquer tema ou conteúdo. O lugar como referência para a aprendizagem permite uma introdução, seja como metáfora, questionamento, exemplo, ilustração, dado que, assim despertamos ou mantemos a tão cara curiosidade de crianças e adolescentes e ao mesmo tempo, ampliamos sua leitura do espaço geográfico para além do cotidiano, e ainda preservamos a sua identidade. Isso é reconfortante do ponto de vista do pertencimento e da experiência de vida. Como na música 93 Million Miles no trecho “You can always come home” - Você pode sempre voltar para casa. Aqui me refiro, quando a explicação estiver complexa ou muito distante da realidade do/da estudante, e sabemos pelos olhares e testas franzidas ou pela própria dispersão, quando precisamos retomar o princípio da aula, voltar ao primeiro lugar, seja por comparação, conexão, situação, alguma lembrança ou materialidade, ou apenas para voltar para casa.

A profissão docente exerce responsabilidade com a formação dos/as estudantes, em todo processo de pensar o planejamento e neste, os objetivos de

aprendizagem e a metodologia. A sala de aula é o anfiteatro de execução de tudo isso, ali tudo acontece, o conhecimento é desenvolvido, explorado e registrado. No ensino de Geografia deste ambiente – a sala de aula – exploramos territórios, revelamos a humanidade, seus elementos culturais e da natureza. Nossa formação neste sentido se dá na profissão, com diligências reais e, assim, para além do que oferecem os governos e as IES. Compartilhar e socializar experiências com colegas de trabalho contabiliza bagagem nesta função ímpar e constante que, pensada coletivamente, agrega valores solidários de trocas necessárias ao exercício pleno da docência. Pleno no sentido de se permitir nestes tempos o diálogo, a alteridade de aprender com as práticas alheias em todas as áreas da ciência e com colegas de toda a Educação Básica.

A salvaguarda da leitura da ciência de nossa graduação é o princípio. Voltar pra casa e, no caso da Geografia, fazendo alusão às correntes do pensamento geográfico, referenciais para o ensino que apuram o ato de lecionar porque privilegiam a história, preservam a epistemologia e o mais importante, nos situam no tempo e no espaço da docência. É solene dizer que associada a essa leitura pretérita incorporamos a Pedagogia e a Educação como bases sólidas para o entendimento da escola enquanto espaço social.

Ensinar Geografia torna-se plural, complexo e anexo ao contexto educacional, que não percamos essa ligação. A aproximação é substancial para a plena aprendizagem e também para o cultivo de um ambiente saudável de trabalho. Buscamos neste sentido harmonia nas relações, em virtude da carência de amor, gentileza e alteridade nos vínculos humanos que, por vezes, impõem de maneira insana padrões estéticos de convivência.

A partir da Geografia, terreno fértil de conhecimento local, regional e mundial, contexto da realidade e da diversidade de povos, culturas e paisagens, torna-se compromisso ensinar para a cultura da paz. Nesta perspectiva, tendo o conceito de lugar como referência, que valoriza o cenário de rotina da vivência e dele prospecta a leitura do mundo, o ensino de Geografia se desdobra alinhando saberes locais para a construção e sistematização do conhecimento alicerçado na história da humanidade apresentado por todas as ciências.

Na Geografia Escolar, como professores/as, é possível desenvolver tramas através do próprio conteúdo desta ciência que na sua gênese propõem olhar o

mundo articulando dinâmicas da natureza e da sociedade, ora numa concepção centrada no ambiente, ora no ser humano e, mais recentemente, na correlação entre ambos, minimizando essa dicotomia que na escola perde sentido. Geografia Física e Geografia Humana é, pelo percurso de minha experiência, uma discussão centrada na academia, uma vez que na escola o diálogo é voltado para a inserção e importância desta ciência no currículo da educação básica.

A Geografia cresceu, ficou gigante na compreensão espacial dos fenômenos naturais e sociais, mesmo com mudanças nas políticas públicas para a educação básica no Brasil, como a reforma do Ensino Médio e homologação da BNCC, a Geografia se fortaleceu no debate coletivo embora ainda muito restrito ao meio acadêmico, mas incorporou reconhecimento social. E, uma vez assumida com responsabilidade e compromisso por todos/as licenciados/as nesta ciência, adquire visibilidade, entendimento e valor no currículo.

Novamente trago à superfície o **conceito de lugar como referência de aprendizagem no ensino de Geografia** para que as aulas superem a caracterização descritiva do ambiente e paisagem do entorno, e sejam transformadas num trampolim que rasga estereótipos e amplia o olhar para que os/as estudantes possam compreender que o mundo está no seu lugar e que do seu lugar podem enxergar o mundo.

A pesquisa é recurso didático pedagógico que movimenta o exercício da docência, em tempo de explosão de informações por meio da rede mundial de computadores – a internet – o domínio dos mecanismos de pesquisa torna-se primordial na conduta do ensinar na escola, pois nossas crianças e adolescentes conectados no mundo virtual precisam de referência para diferenciar informação de conhecimento, filtrar notícias, selecionar fontes, justo porque até mesmo nós adultos/as, por vezes, somos surpreendidos. É de certo, nossa chamada hora atividade que se estende para além do horário escolar, incorpora no contemporâneo novos desafios que sugerem novas dinâmicas. Aqueles 45 minutos em sala materializam uma preparação anterior de horas de estudo, visto que as demandas educacionais requerem cuidado em função da contaminação das mídias sociais. Não se trata de certo ou errado, todavia de identificar o que é científico ou não. Professor/a pesquisador/a é uma nomenclatura fértil para a autonomia e responsabilidade ao estudar, as perguntas sempre estão presentes e até por vezes

o que não gostamos de assistir na televisão, por exemplo, temos que estar atentos/as, atualizados/as e alicerçados/as de muita leitura, pois nossa profissão assim o exige.

Neste ponto, emendando à argumentação, surge na fala outra demanda que nos é tão cara em ambos os sentidos da palavra – a leitura – para além de perceber os contextos, circunstâncias e situações do cotidiano ainda nos cabe muita leitura, e claro isso demanda tempo e dinheiro. Aquisição de livros, assinaturas de revistas, jornais, de canais fechados de televisão, dão um “plus” na profissão, tão necessário como água pra cuidar da voz. Costumo dizer que na profissão não podemos terceirizar o que é de nossa exclusiva responsabilidade, e a leitura é um ofício nosso.

A saúde do/a professor/a nesta seara de atividades externas merece atenção, tanto é que quando passamos em concurso de efetivação são exigidos laudos para exames de garganta e ouvido e outros, nossas cordas vocais merecem cuidado, uma vez que a partir, principalmente da fala, exercemos a comunicação com o outro/a.

Buscam-se nos/as estudantes a aprendizagem sempre numa abordagem inclusiva, reconhecendo a diversidade no espaço social escola temos que saber que em algum tempo e momento alunos/as com qualquer deficiência estarão na turma e, por isso, não terceirizamos o que é humano. Estudemos e dialoguemos sobre inclusão e acessibilidade como oportunidade de aprendizagem, como discorrido nesta tese, não se trata só de Geografia. Desenvolver metodologias para integrar é uma realidade e atribuição profissional no contexto contemporâneo.

Ao adentrarmos no mundo da Educação praticamos o primeiro princípio da Diversidade posto na nossa PCSC – **educar na alteridade**. Na qualidade de servidores/as públicos/as, trabalhamos todos os dias com e para os outros. Devemos, enquanto profissionais da escola pública, reconhecer no espaço social escola todas as dimensões que constituem a diversidade humana com respeito às diferenças, aos direitos humanos e dentro de uma perspectiva de formação integral dos sujeitos de aprendizagem.

Priorizamos na escola uma educação para a cultura da paz, nunca estivemos tão necessitados/as e ao mesmo tempo tão desamparados/as na materialidade de ações, porque políticas e programas existem e são consistentes na escrita, no

entanto apenas pegando minha trajetória como exemplo é fato a mudança de relacionamento da família com a escola e também o distanciamento, em especial quando os/as estudantes alcançam o Ensino Médio. Também a escola passou a ser questionada por grupos diversos, em particular por instituições religiosas, ao ponto destas se vincularem a siglas partidárias e impor sanções a determinadas temáticas abordadas nos currículos. Exemplos consistentes desta intervenção deram-se na elaboração do Plano Nacional de Educação e se estenderam para os estaduais e municipais.

Pensando em programas, há de se ter que melhorar muito o diálogo entre escola e secretarias de educação, já que o que deveriam ser complementares parecem mundos paralelos. É necessário o exercício de pensar junto, com realidade. Burocracias e distanciamento do chão da escola por vezes engessam a educação. É certo que individualmente cada profissional tenta e realiza o melhor no seu entendimento, porém com abertura à escuta de quem está em sala de aula, esforços poderiam ser poupados e contradições minimizadas, e o mais importante ideias praticáveis concebidas.

Espaços para construção de planejamentos integrados precisam ser criados, mesmo entre componentes curriculares não conversamos, quiçá entre as áreas do conhecimento. Exigências sem oportunidades funcionais alimentam frustrações e acusações. Nas minhas andanças e experiências como professora-formadora, percebi que a acolhida se realiza quando sonhamos com realidade, espaço e tempo de diálogo. Professores e professoras desempenham com alegria e excelência o melhor possível e, no exercício coletivo, produzem caminhos para dar significado à aprendizagem dos/das estudantes.

Contrário a essa perspectiva, essas questões que se repetem há anos, conduzem a classe trabalhadora do magistério a um cansaço e esgotamento profissional. No âmbito da Geografia Escolar ou quaisquer outros componentes curriculares é possível ter uma noção de como trabalham os demais colegas quando participamos de eventos organizados pelas universidades, e isso é muito pouco dado que raras são as participações de profissionais da educação básica, por falta de recursos financeiros ou porque simplesmente não conseguem dispensa do trabalho. Recupero o conjunto desses percalços já que estão presentes no nosso cotidiano e trajetória de docência, e que também voltando pra casa nestas reflexões

assentamos o discurso com a propriedade de quem vive a realidade e quer sempre melhorar, uma vez que sabemos do significado para nosso público – os/as estudantes.

A Geografia é uma ciência de integração e naturalmente percola pelas demais, caminha da leitura do lugar para a leitura do mundo, proporcionando aos estudantes uma viagem pelo conhecimento com cenários produzidos pela natureza e humanidade.

Como últimas palavras, essa tese, que acolhe o **conceito de lugar como referência de aprendizagem no ensino de Geografia**, nasceu e se conduziu pelo desejo de voltar pra casa e dela olhar o mundo.

REFERÊNCIAS

A CARTA DA TERRA. Disponível em <[www. cartadaterrabrasil.org](http://www.cartadaterrabrasil.org)> acesso em 7 de outubro de 2014.

A CARTA DA TERRA: valores e princípios para um futuro sustentável. Produção de Centro de defesa dos direitos humanos: Rio de Janeiro: CDDH [2000] DVD.

ANDREIS, Adriana Maria. **Ensino de geografia: fronteiras e horizontes**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura: Imprensa Livre, 2012.

AZEVEDO, Aroldo de. **Leituras geográficas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <basenacionalcomum.mec.gov.br>.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno III: o currículo do ensino médio, seu sujeito e o desafio da formação humana Integral**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Disponível em:< <http://www.planalto.gov.br>>

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em:< <http://www.planalto.gov.br>>

BRASIL. **Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Disponível em [http://www2.camara.leg.br/publicação original](http://www2.camara.leg.br/publicação_original)

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 2017 Disponível em:< <http://www2.senado.leg.br>>

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias Ministério da Educação. Brasília, DF, 2000. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf> Acesso em: 04 de dezembro de 2017

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: + Ensino Médio** Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências humanas e suas tecnologias. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica [2000?] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientações curriculares para o ensino médio:** Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, vol 3 2006, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>

BRASIL. **Parecer 353**, aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 12/11/71, com emendai ao projeto de Resolução. Publicado originalmente na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, n. 125, v. 57, jan/mar. 1972

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio, Etapa II - Caderno II: Ciências Humanas** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Alexandro Dantas Trindade... et al.]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014.

BRASIL.. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio** Parte IV: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>

Capra, Fritjof. **O ponto de mutação**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. Passeios e excursões escolares: os conteúdos geográficos em manuais didáticos brasileiros (1880-1930). In: MARTINS, R.E.M.W; TONINI, I. M.; GOULART, L.B. (org). **Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. Além do horizonte. IN **Jota Quest**: até onde vai. Faixa 3, 2005.

CARVALHO JR, Ilton J. A filosofia no ensino de geografia e a teoria da complexidade de Edgard Morin. In: PORTUGAL, J ET al. **Formação e docência em geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016, p 61-93

CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella. O estudo da cidade e o lugar na Geografia Escolar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga. CHAIGAR, Vânia Alves Martins (org). **Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org), CALLAI, Helena Copetti, KAERCHER, Nestor André. **Ensino de geografia**. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009

CHRISTOFOLETI, A. (org). **Perspectivas da geografia**. 2ª ed. São Paulo, 1985

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSTELLA, Roselane Zordan. Ensinar o que, pra quê, quando. Desafios da geografia na contemporaneidade. In: MARTINS, R.E.M.W; TONINI, I. M.; GOULART,

L.B. (org). **Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

COSTELLA, Roselane. SHAFFER, Neiva. **A geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011

FERREIRA, Genovan Pessoa de Moraes. O papel do lugar na reflexão de um cidadão do mundo. in: Ana Fani Alessandri Carlos (org.). **Ensaios de geografia contemporânea**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da geografia: proposições metodológicas entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

GESSINGER, Humberto . A Revolta dos dândis I. 1987, Faixa 1.

<http://carissimascatrevagens.blogspot.com.br/> acesso em 05 de janeiro de 2017

<http://educador.brasilecola.uol.com.br> (acesso em 02/01/2017)

<http://www.sed.sc.gov.br/servicos/professores-e-gestores/6585-plano-gestao-escolar>: acesso em 17/09/17

<https://www.vagalume.com.br> acesso em 24 de janeiro de 2017

IBGE. Infográficos: evolução populacional e pirâmide etária. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 15/11/2017

LOBATO, Monteiro. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MARANDOLA, Eduardo Junior. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de (orgs). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia e fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito Municipal Brasileiro**. Ed Rev dos Tribunais, 1957.

MORAES, A.C..R (org.). **Ratzel geografia**. Tradução de Fátima Murad e Denise Bottman. São Paulo: Ática, 1990.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000

NÓVOA, António. **Professores imagens do futuro presente**. Lisboa/Portugal, Educa, 2009.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido do lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs). **Qual o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 3-16

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização Cartográfica e a aprendizagem de Geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

- PERICO, Rafael Echeverri. **Identidade e território no Brasil**. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2009, 209p.
- PINHEIRO, Antônio Carlos. Vivências e práticas na formação de professores. In: PORTUGAL, Jussara Fraga. CHAIGAR, Vânia Alves Martins (org). **Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T.I. ; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- PORTUGAL, Jussara Fraga. CHAIGAR, Vânia Alves Martins (org). **Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- RATZEL, F. (1904). Sobre a interpretação da natureza. **Geographia**. Rio de Janeiro, vol. 12, nº 23, p. 157-176, 2010. Disponível em: (<http://www.uff.br/geographia>). Acesso em março de 2014.
- RECLUS, Élisée; (1903) KROPOTKIN, Piotr (1885). Escritos sobre educação e geografia. **Terra Livre**. Tradução de: Rodrigo Rosa da Silva, Guilherme Amaral e Adriano Skoda. 2014. Disponível em: <http://bibliotecaterralivre.noblogs.org> . Acesso em março de 2014.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009, 96p.
- SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. Taschen: Paris, 2013
- SANTA CATARINA. **Proposta curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998
- SANTA CATARINA. **Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica**. Secretaria de Estado da Educação- SED, 2014.
- SANTA CATARINA. **Proposta Curricular: uma contribuição para a escola pública do pré-escolar, 1º grau, 2º grau e educação de adultos**. Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Ensino. Florianópolis, 1991. Disponível em: < <http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/>>. Acessado em: 14/11/2017.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Diretrizes 3: organização da prática escolar na Educação Básica: conceitos científicos essenciais, competências e habilidades**. Diretoria de Ensino Fundamental. Diretoria de Ensino Médio. Florianópolis, 2001.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Diretrizes para a organização da prática escolar na Educação Básica: ensino fundamental e ensino médio**. Diretoria de Ensino Fundamental. Diretoria de Ensino Médio. Florianópolis, 2000.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo razão emoção**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 4ª ed. São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA Maria Laura. **O Brasil território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar a perspectiva da experiência**. Tradução por Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013

UDESC. Museu da escola catarinense <<http://www1.udesc.br/museudaescola>> acesso em 05/01/2017

VESENTINI, José Willian (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. 7ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2013.

VIEIRA, Luciana. **Microbacias do ribeirão do Baú e Braço do Baú no município de Ilhota/SC: um lugar de identidade rural**. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação) Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.UFRGS, 2003..

VIEIRA, Luciana. **O impacto das enchentes sobre a dinâmica populacional do município de Ilhota – SC: uma visão do espaço geográfico**. Trabalho de conclusão de curso (Relatório CNPQ). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina: Centro de Ciências da Educação, UDESC, 1996.

VIEIRA, Luciana. **Recursos hídricos no município de Ilhota/SC: diagnóstico do uso e qualidade**. Trabalho de conclusão de curso (Monografia). Curso de Pós Graduação em Educação e Meio Ambiente. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina: Centro de Ciências da Educação, UDESC, 1998.

APENDICE A – Semanas do Meio Ambiente



APÊNDICE B - Projeto BR 101



APÊNDICE C – Programa CAIS




APENDICE D – Planejamentos Ensino Fundamental e Médio

PLANO ANUAL - 2018 GEOGRAFIA - ENSINO FUNDAMENTAL		
Dados de identificação	Objetivo Geral da Escola	
ESCOLA BÁSICA DR IVO SILVEIRA Componente Curricular: Geografia 6º ano Profª. Luciana Vieira	Conforme PPP	
Objetivo Geral do Componente Curricular		
<p>Segundo Costella e Schaffer (2012, p.41) "O que se espera do ensino de Geografia é o estabelecimento de conexões viáveis com outras disciplinas nas abordagens de temas, unidades, conceitos, informações, bem como a formação de valores e atitudes. A interpretação de fatos geográficos e de suas interligações pauta-se por esse propósito, o que implica ensinar a buscar e a tratar informações e não mais reproduzi-las. Por isso ensinar Geografia é mais do que informar sobre acontecimentos. É possibilitar que os alunos os compreendam, os contextualizem espacial e temporalmente e, a partir daí, ampliem condições para inferir outras interpretações independentemente do espaço estudado".</p> <p>A ciência geográfica enquanto componente curricular no ensino fundamental deve dialogar com as demais áreas do conhecimento, conceber um ensino solidário de consciência socioambiental e humanitária, na perspectiva dos Direitos Humanos e da Diversidade. O conteúdo de Geografia para o 6º Ano tem o objetivo de proporcionar o olhar para a diversidade e complexidade das paisagens, para a relação sociedade e natureza na constituição dos lugares. Desta forma, ampliar reflexões cotidianas das ações e repercussões humanas do espaço vivido, despertando a responsabilidade individual, coletiva e social de todas as comunidades em coexistência na escala, local, regional e mundial.</p>		
PLANEJAMENTO BIMESTRAL-PRIMEIRO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - apropriar dos conceitos geográfico lugar e paisagem na dimensão do espaço geográfico - Caracterizar os lugares como espaço vivido, identidade e pertencimento - Observar as paisagens em campo identificando os sistemas naturais que a compõem - Entender a dinâmica de formação do Planeta Terra, como origem da paisagem natural e suas dinâmicas associadas - Reconhecer os agentes internos como modeladores do relevo e sua dinâmica de ação na composição da paisagem - Associar as dinâmicas naturais e intervenções humanas como vetor de alteração na paisagem <p>Relacionar a paisagem do território de Santa Catarina no tempo geológico de formação do planeta</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Lugar, e paisagem ✓ Lugares e paisagens do território catarinense ✓ A dinâmica da Natureza – formação Planeta Terra ✓ Relevo Continental: dinâmica de formação, construção e desconstrução pelos agentes internos e externos ✓ Hidrografia: dinâmica do clima e hidrografia em Santa Catarina: (enchentes e deslizamentos) 	
PLANEJAMENTO BIMESTRAL - SEGUNDO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar todas as formas de orientação no espaço geográfico das comunidades antigas e contemporâneas - Fazer a leitura de mundo a partir do conhecimento dos tipos de mapas e elementos da cartografia 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Orientação no espaço geográfico ✓ Coordenadas geográficas (paralelos, meridianos, rosa dos ventos, latitude e longitude) ✓ Fusos Horários ✓ Cartografia: história, projeções, tipos de mapas e elementos cartográficos 	
PLANEJAMENTO BIMESTRAL – TERCEIRO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<p>Caracterizar elementos associados de clima e vegetação nos biomas do mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Associar as dinâmicas naturais da paisagem aos movimentos de organização do espaço geográfico - Relacionar as causas e conseqüências dos eventos climáticos e desastres naturais no território catarinense - Contextualizar os problemas ambientais no mundo, Brasil e SC. - Relacionar as atividades humanas aos impactos ambientais nos ecossistemas - Perceber a dinâmica da natureza e sociedade na composição das paisagens. - pesquisar os biomas em território catarinense visualizando preservação e degradação ambiental 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Paisagem: elementos naturais: clima e vegetação, hidrografia (mundo, Brasil e Santa Catarina) ✓ Recursos minerais e energéticos ✓ Potencial ambiental Brasil e em SC ✓ Problemas ambientais Brasil e em SC 	

PLANEJAMENTO BIMESTRAL - QUARTO BIMESTRE	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS
<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer relações sociais, culturais e ambientais na configuração do espaço geográfico - Caracterizar a relação sociedade e natureza na escala mundial, regional, nacional, estadual e local - Diferenciar ambiente do campo e da cidade nas funções e características próprias de organização espacial - Espacializar no território catarinenses dos três setores da economia (primário secundário e terciário) 	<p>ESPAÇO GEOGRÁFICO: ESCALA MUNDIAL, REGIONAL, NACIONAL, ESTADUAL E LOCAL NA RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Campo e cidade (interior e litoral) ✓ Setores da economia: extrativismo e agropecuária, indústria e prestação de serviços ✓ Espaço geográfico distribuição das atividades econômicas no campo e cidade ✓ Atividades econômicas: organização do território e impactos sócio ambientais e culturais
METODOLOGIA	AValiação
<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Leitura e explicação de textos didáticos -Interpretação cartográfica -Análise de mídias visuais - Leitura e explicação de textos científicos e jornalísticos das mídias impressas e virtuais - Leitura pictórica <p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Pesquisa individual (biblioteca, laboratório de informática). -Pesquisa em grupo. (biblioteca, laboratório de informática). - Seminários - Leituras <p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atlas -Mapas políticos diversos -Mapas físicos diversos - Mapas Temáticos diversos -Literatura em geral (gêneros textuais) - Tirinhas em quadrinhos e charges -Livro didático - Músicas - multimídia (lousa digital, filmes, documentários, músicas, publicidades) -Textos de jornais e revistas - Banco de dados IBGE e demais órgãos institucionais oficiais - Computador - Pinturas artísticas 	<p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Relatórios individuais e coletivos elaborados -Textos produzidos -Exercícios cartográficos feitos -Provas com consulta -Mapas elaborados -Gráficos e tabelas analisados - Pesquisas finalizadas - Desenhos completos <p>Crítérios</p> <ul style="list-style-type: none"> -Coerência conceitual e temática -Exposição contextualizada das idéias. -Argumentação. -Clareza na exposição das idéias -Pontualidade na entrega das atividades -Transparência nas informações dos mapas - Organização das pesquisas (indicação de fontes e bibliografia) - Participação coletiva

PLANO ANUAL - 2018 GEOGRAFIA – ENSINO FUNDAMENTAL		
Dados de identificação		Objetivo Geral da Escola
ESCOLA BÁSICA DR IVO SILVEIRA Componente Curricular: Geografia 7º ano Profª. Luciana Vieira		Vinculado ao PPP
Objetivo Geral do Componente Curricular		
<p>Segundo Costella e Schaffer (2012, p.4) “O que se espera do ensino de Geografia é o estabelecimento de conexões viáveis com outras disciplinas nas abordagens de temas, unidades, conceitos, informações, bem como a formação de valores e atitudes. A interpretação de fatos geográficos e de suas interligações pauta-se por esse propósito, o que implica ensinar a buscar e a tratar informações e não mais reproduzi-las. Por isso ensinar Geografia é mais do que informar sobre acontecimentos. É possibilitar que os alunos os compreendam, os contextualizem espacial e temporalmente e, a partir daí, ampliem condições para inferir outras interpretações independentemente do espaço estudado”.</p> <p>A ciência geográfica enquanto componente curricular no ensino fundamental deve dialogar com as demais áreas do conhecimento, conceber um ensino solidário de consciência socioambiental e humanitária, na perspectiva dos Direitos Humanos e da Diversidade. O conteúdo de Geografia do 7º Ano tem o objetivo de proporcionar o olhar para a diversidade e complexidade do território brasileiro.</p>		
PLANEJAMENTO BIMESTRAL-PRIMEIRO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - localizar Brasil no território mundial, seu posicionamento físico de fronteiras geográficas e articulações regionais e internacionais -Reconhecer na organização espacial do território brasileiro as relações locais, regionais e globais que dinamizam o desenvolvimento econômico, social e ambiental. - Comparar critérios diferentes para o estabelecimento das regiões - Reconhecer a contribuição de diferentes povos e grupos sociais para a formação do território brasileiro. -Identificar as diferenças regionais do território do Brasil, para respeitar a complexidade da população brasileira. -Identificar e caracterizar as múltiplas dimensões e elementos que envolvem o espaço geográfico brasileiro - conhecer as políticas públicas sociais aplicadas no território Nacional - Coletar informações de fontes variadas, organizá-las, analisá-las e apresentá-las por meio de múltiplas linguagens. 	Brasil no mundo -regionalização - Divisão político-administrativa (IBGE), Brasil na Constituição de 1988 - Fusos Horários *Regionalização (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte) *Regionalização: os complexos regionais (Centro-Sul, Amazônia e Nordeste) *A cultura, Indígena, africana e européia: conhecendo a formação do Brasil *Questões indígenas e ambientais (patrimônio genético) População Brasileira: distribuição espacial e estrutura *Diversidade étnica, religiosa e cultural regional (comunidades tradicionais, quilombos, ribeirinhas) *Dinâmica da sociedade – políticas públicas no território nacional *mobilidade espacial das populações, movimentos migratórios internos e externos (refugiados)	
PLANEJAMENTO BIMESTRAL-SEGUNDO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
Relacionar a dinâmica demográfica ao crescimento econômico, relações sociais e de trabalho e impactos ambientais no território nacional. -Analisar os dados e a organização espacial dos setores da economia brasileira. - Caracterizar áreas rurais e urbanas brasileiras analisando uso e ocupação do solo, questão fundiária, seus conflitos e ações dos movimentos sociais -Reconhecer algumas características do processo de urbanização no Brasil. - Mapear o espaço agrário brasileiro produção, conflitos e movimentos sociais - Identificar os conflitos na questão fundiária e das fronteiras de expansão agrícolas X meio ambiente. - Identificar a rede ferroviária, portuária, aérea, rodoviária de transportes no território nacional e fluxos internacionais. - Estabelecer um panorama da condição de infraestrutura nos setores básicos de atendimento a população - Coletar informações de fontes variadas, organizá-las, analisá-las e apresentá-las por meio de múltiplas linguagens.	Dinâmicas sociais e produtivas no espaço geográfico brasileiro: regiões IBGE (Norte, Nordeste, Sudeste, Centro Oeste e Sul) - Processo de Urbanização - organização espacial dos centros urbanos (cidades e metrópoles) *distribuição econômica espacial Cartografia da produção mineral, agrícola e industrial - O espaço Agrário – organização espacial e distribuição da produção vegetal e animal (produção interna e de exportação) - Movimentos sociais urbanos, rurais e ambientais - Políticas públicas no campo e na cidade - Rede de transportes de pessoas e mercadorias (cartografia e dados estatísticos) -- Infraestrutura e dados dos setores de saúde, educação e segurança pública	

PLANEJAMENTO BIMESTRAL - TERCEIRO BIMESTRE	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS
<p>Estudar as diferentes regiões do espaço geográfico brasileiro, reconhecendo suas peculiaridades e diferenças na totalidade do território</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar as diferentes paisagens no território com sua organização espacial e diferenças socioambientais - Identificar a estrutura geológica na composição das formas de relevo - Relacionar os domínios de natureza as atividades humanas historicamente e culturalmente produzidas - Perceber o valor ambiental da fauna e flora como também o patrimônio genético - Entender a relação internacional do Brasil com o bioma Amazônia e a ações de proteção das fronteiras - Coletar informações de fontes variadas, organizá-las, analisá-las e apresentá-las por meio de múltiplas linguagens. 	<p>Dinâmicas Ambientais do território e na paisagem brasileira (regiões IBGE)</p> <p>Esboço Geológico e Relevo</p> <p>Clima</p> <p>Domínios de natureza: biomas</p> <p>Fauna e flora</p> <ul style="list-style-type: none"> - localização e características ambientais da paisagem - Unidades de conservação e Terras indígenas - Amazônia: Fronteiras internacionais, biodiversidade e conflitos sociais e ambientais-
PLANEJAMENTO BIMESTRAL - QUARTO BIMESTRE	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS
<ul style="list-style-type: none"> - Localizar as bacias hidrográficas, suas características, áreas de abrangência, importância ambiental, ligação com a produção de energia e transporte - Sumarizar os benefícios ambientais e produtivos do mar do litoral brasileiro - Descrever os resíduos das atividades humanas despejadas no mar e suas consequências no ambiente marinho - _ Analisar a importância das fontes energéticas para a sociedade e conhecer as principais matrizes energéticas da atualidade. - Descrever os principais fenômenos meteorológicos e naturais que ocorrem em território nacional - Sintetizar as funções da marinha, exército e aeronáutica na segurança do território brasileiro - Coletar informações de fontes variadas, organizá-las, analisá-las e apresentá-las por meio de múltiplas linguagens. 	<p>Dinâmicas Ambientais do território e paisagem brasileira (regiões IBGE)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bacias Hidrográficas <p>Regiões litorâneas e costeiras – produção pesca</p> <p>O mar – potencialidades e fragilidades ambientais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recursos minerais e energéticos - Ilhas oceânicas <p>Fenômenos naturais – continentes e mar (enchentes, tempestades)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Turismo litoral - Fronteiras território nacional - Marinha, exército e aeronáutica (segurança nacional)
Metodologia	Avaliação
<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Leitura e explicação de textos didáticos -Interpretação cartográfica -Análise de mídias visuais - Leitura e explicação de textos científicos e jornalísticos das mídias impressas e virtuais - Leitura pictórica <p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Pesquisa individual (biblioteca, laboratório de informática). -Pesquisa em grupo. (biblioteca, laboratório de informática). - Seminários - Leituras <p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atlas e-Mapas políticos diversos -Mapas físicos diversos - Mapas Temáticos diversos -Literatura em geral (gêneros textuais) - Tirinhas em quadrinhos e charges -Livro didático - Músicas - multimídia (lousa digital, filmes, documentários, músicas, publicidades) -Textos de jornais e revistas - Banco de dados IBGE e demais órgãos institucionais oficiais - Computador - Pinturas artísticas - Roteiros de viajantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrumentos: -Relatórios individuais e coletivos elaborados -Textos produzidos -Exercícios cartográficos feitos -Provas com consulta -Mapas elaborados -Gráficos e tabelas analisados - Pesquisas finalizadas - Desenhos completos <p>Critérios</p> <ul style="list-style-type: none"> -Coerência conceitual e temática -Exposição contextualizada das idéias. -Argumentação. -Clareza na exposição das idéias -Pontualidade na entrega das atividades -Transparência nas informações dos mapas - Organização das pesquisas (indicação de fontes e bibliografia) - Participação coletiva

PLANO ANUAL - 2018 GEOGRAFIA – ENSINO FUNDAMENTAL		
Dados de identificação		Objetivo Geral da Escola
ESCOLA BÁSICA DR IVO SILVEIRA Componente Curricular: Geografia 8º ano Profª. Luciana Vieira		Vinculado ao PPP
Objetivo Geral do Componente Curricular		
<p>Segundo Costella e Schaffer (2012, p.4) "O que se espera do ensino de Geografia é o estabelecimento de conexões viáveis com outras disciplinas nas abordagens de temas, unidades, conceitos, informações, bem como a formação de valores e atitudes. A interpretação de fatos geográficos e de suas interligações pauta-se por esse propósito, o que implica ensinar a buscar e a tratar informações e não mais reproduzi-las. Por isso ensinar Geografia é mais do que informar sobre acontecimentos. É possibilitar que os alunos os compreendam, os contextualizem espacial e temporalmente e, a partir daí, ampliem condições para inferir outras interpretações independentemente do espaço estudado".</p> <p>A ciência geográfica enquanto componente curricular no ensino fundamental deve dialogar com as demais áreas do conhecimento, conceber um ensino solidário de consciência socioambiental e humanitária, na perspectiva dos Direitos Humanos e da Diversidade. O conteúdo de Geografia no 8º Ano tem o objetivo de conhecer os cenários da América e África e integração histórico-cultural destes continentes.</p>		
PLANEJAMENTO BIMESTRAL-PRIMEIRO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a nova ordem mundial e a nova configuração espacial do território mundial - interpretar os dados estatísticos, gráficos e tabelas para leitura dos indicadores econômicos e sociais. - conhecer o espaço geográfico no contexto urbano industrial - analisar a estrutura viária de transportes no mundo e as novas tecnologias de comunicação - Absorver os conceitos de território e espaço para leitura da realidade - Perceber e interiorizar as diferenças culturais dos povos que habitam o planeta - Identificar as formas de organização econômica no espaço geográfico mundial 	UM SÓ MUNDO E MUITOS CENÁRIOS GEOGRÁFICOS AMÉRICA E AFRICA NO CONTEXTO MUNDIAL <ol style="list-style-type: none"> 1. Espaço mundial, diversidade e regionalização 2. Conceito de Estado, Nação e Território 3. Globalização: Os pólos técnico-científicos informacionais e os novos centros de decisão 4. Indicadores econômicos e sociais de desenvolvimento humano 5. Transportes e comunicação no novo paradigma da globalização ESTADOS, POVOS E NAÇÕES REDESENHANDO SUAS FRONTEIRAS – <ul style="list-style-type: none"> ➤ Formação social e territorial da América e África ➤ Espaço, poder e territórios nacionais ➤ Fronteiras físicas, culturais e históricas ➤ A formação de blocos econômicos regionais ➤ Brasil e África do Sul no contexto dos BRICS 	
PLANEJAMENTO BIMESTRAL-SEGUNDO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer e diferenciar os territórios da América e África numa perspectiva histórica e geográfica - Localizar os continentes na sua posição em relação aos demais continentes do planeta - Identificar cartograficamente as paisagens e fenômenos naturais que marcam os continentes - Identificar a distribuição e mobilidade da população dos países da América e África - Conhecer a formação histórica e cultural da América e África em relação aos processos históricos mundiais - Entender a conexão e diálogo cultural entre os povos da África e América na construção da identidade do Brasil 	AMÉRICA e AFRICA NATUREZA FORMAÇÃO E POPULAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> ➤ Território e paisagem dos continentes: distribuição das unidades naturais ➤ Localização e regionalização ➤ Formação e identidade histórica das populações dos países - matrizes indígenas, africanas e européias ➤ Dinâmica populacional - fluxo migratório, deslocamento de grupos humanos ➤ Etnias, culturas (povos indígenas) e religiões ➤ África, América e Brasil: encontros 	
PLANEJAMENTO BIMESTRAL - TERCEIRO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as semelhanças e diferenças e participação nos blocos econômicos dos países que integram a América e África no contexto socioeconômico estabelecido com a nova ordem mundial - Reconhecer o cenário geográfico de espaços como a região da América Latina e das regionalizações de diferentes economias na 	AMÉRICA e ÁFRICA NO CONTEXTO DA NOVA ORDEM MUNDIAL <ul style="list-style-type: none"> • América e África posição GEOPOLÍTICA internacional ➤ Os contrastes e conflitos no espaço geográfico e os 	

<p>Africa na formação territorial destes espaços</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mapear os conflitos existentes nos territórios americanos e africanos - Caracterizar o espaço urbano-industrial e agrícola a partir do cenário econômico contemporâneo - Analisar e interpretar os índices de desenvolvimento humano dos países da América e África e as perspectivas de cumprimento dos ODS 	<p>Direitos Humanos</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ As regionalizações de base histórica e econômica ➤ Setores da economia (indústria, agricultura e extrativismo)– importação, exportação, trocas comerciais e acordos ➤ Desenvolvimento e subdesenvolvimento : apropriação de territórios pela EUROPA – territórios dependentes ➤ Índice de Desenvolvimento Humano - IDH e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS
PLANEJAMENTO BIMESTRAL - QUARTO BIMESTRE	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS
<p>-- Perceber o conjunto do território americano e africano a necessidade e possibilidade de integração regional</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mapear e coletar informações da produção mineral nos territórios de África e America - Identificar as matrizes energéticas na relação com o crescimento econômico e sustentabilidade ambiental - Reconhecer os avanços e protagonismo científico e tecnológico de alguns países da America e Africano no cenário regional e mundial - Coletar informações de fontes variadas (institucionais e científicas) da importância estratégica do Oceano Atlântico como mar de integração entre os continentes de América e África. 	<p>AMÉRICA e ÁFRICA QUESTÕES AMBIENTAIS E INTEGRAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Exploração de base mineral: produção e conflitos ➤ Matrizes energéticas ➤ Recursos Naturais: exploração e impactos ambientais ➤ Ciência e Tecnologia ➤ Oceano Atlântico: mar de integração
Metodologia	Avaliação
<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Leitura e explicação de textos didáticos -Interpretação cartográfica -Análise de mídias visuais - Leitura e explicação de textos científicos e jornalísticos das mídias impressas e virtuais - Leitura pictórica <p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Pesquisa individual (biblioteca, laboratório de informática). -Pesquisa em grupo. (biblioteca, laboratório de informática). - Seminários - Leituras <p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atlas -Mapas políticos diversos -Mapas físicos diversos - Mapas Temáticos diversos -Literatura em geral (gêneros textuais) - Tirinhas em quadrinhos e charges -Livro didático - Músicas - multimídia (lousa digital, filmes, documentários, músicas, publicidades) -Textos de jornais e revistas - Banco de dados IBGE e demais órgãos institucionais oficiais - Computador - Pinturas artísticas - Roteiros de viajantes 	<p>- Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Relatórios individuais e coletivos elaborados -Textos produzidos -Exercícios cartográficos feitos -Provas com consulta -Mapas elaborados -Gráficos e tabelas analisados - Pesquisas finalizadas - Desenhos completos <p>Critérios</p> <ul style="list-style-type: none"> -Coerência conceitual e temática -Exposição contextualizada das ideias. -Argumentação. -Clareza na exposição das ideias -Pontualidade na entrega das atividades -Transparência nas informações dos mapas - Organização das pesquisas (indicação de fontes e bibliografia) - Participação coletiva

PLANO ANUAL - 2018 GEOGRAFIA – ENSINO FUNDAMENTAL		
Dados de identificação		Objetivo Geral da Escola
ESCOLA BÁSICA DR IVO SILVEIRA Componente Curricular: Geografia 9º ano Profª. Luciana Vieira		Vinculado ao PPP
Objetivo Geral do Componente Curricular		
<p>Segundo Costella e Schaffer (2012, p.41) "O que se espera do ensino de Geografia é o estabelecimento de conexões viáveis com outras disciplinas nas abordagens de temas, unidades, conceitos, informações, bem como a formação de valores e atitudes. A interpretação de fatos geográficos e de suas interligações pauta-se por esse propósito, o que implica ensinar a buscar e a tratar informações e não mais reproduzi-las. Por isso ensinar Geografia é mais do que informar sobre acontecimentos. É possibilitar que os alunos os compreendam, os contextualizem espacial e temporalmente e, a partir daí, ampliem condições para inferir outras interpretações independentemente do espaço estudado".</p> <p>A ciência geográfica enquanto componente curricular no ensino fundamental deve dialogar com as demais áreas do conhecimento, conceber um ensino solidário de consciência socioambiental e humanitária, na perspectiva dos Direitos Humanos e da Diversidade. O conteúdo de Geografia para o 9º Ano tem o objetivo de proporcionar o olhar para a diversidade e complexidade territórios ampliando o pensamento espacial das reflexões cotidianas para o espaço geográfico mundial</p>		
PLANEJAMENTO BIMESTRAL-PRIMEIRO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - conhecer a organização do espaço geográfico mundial e as relações econômicas e políticas entre as nações do mundo. - diferenciar o sistema capitalista e socialista na composição geopolítica dos territórios - Identificar todos os continentes no espaço geográfico mundial articulado ao processo histórico e globalizante. - Relacionar os fluxos da globalização com o as desigualdades de renda e níveis de vida entre os países. - Compreender o significado das organizações mundiais e regionais no contexto da nova ordem mundial - Entender a ética e humanidade inseridas na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Carta da Terra - Mapear as informações de instituições oficiais sobre a população mundial percebendo as diferenças no contexto econômico, político, social, cultural e ambiental de sua distribuição e composição. - Relacionar o Brasil no contexto geográfico mundial no contexto das políticas internacionais e organizações mundiais 	CONTEXTO E ORGANIZAÇÃO GEOPOLÍTICA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO MUNDIAL <ul style="list-style-type: none"> - As Guerras mundiais na configuração territorial do espaço mundial - A divisão bipolar Capitalismo e Socialismo e a Exploração Espacial na composição do poder geopolítico - Nova ordem mundial – Estados Unidos e as relações internacionais - Organizações Internacionais Mundiais e Regionais - Direitos Humanos e Carta da Terra - Globalização no mundo contemporâneo - População Mundial: distribuição, migrações, crescimento, urbanização, refugiados, políticas públicas internacionais. - o Brasil no cenário mundial (estatísticas) 	
PLANEJAMENTO BIMESTRAL-SEGUNDO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar as dinâmicas da Natureza em todos os aspectos estabelecendo as conexões ambientais nos territórios - Descrever o uso dos recursos naturais nos processos de produção de materiais e geração de energia - Fazer uma leitura crítica dos fatos e contextos que envolvem historicamente o petróleo a região do Oriente Médio e a influência na geopolítica mundial - Compreender a produção de armas relacionando ao território, seus recursos e defesa de fronteiras 	DINÂMICA DA NATUREZA, FENOMENOS NATURAIS E QUESTÕES AMBIENTAIS DOS CONTINENTES DA EUROPA E ÁSIA <ul style="list-style-type: none"> - Território, dinâmicas geológicas e geomorfológicas e fenômenos naturais - Clima, Paisagens e distribuição das unidades naturais - Recursos naturais e energéticos: - Geopolítica do Petróleo: Oriente Médio - Indústria Bélica – armas nucleares 	
PLANEJAMENTO BIMESTRAL – TERCEIRO BIMESTRE		
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Entender a origem e as implicações dos conflitos étnicos, econômicos, políticos e culturais na configuração de fronteiras na contemporaneidade - Pesquisar em processos históricos mundiais a formação socioespacial da Europa e Ásia - Analisar o papel da ciência e tecnologia na contemporaneidade e 	FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL, DIVERSIDADES CULTURAIS, ECONOMIA E CONFLITOS REGIONAIS NOS CONTINENTES: ÁSIA E EUROPA <ul style="list-style-type: none"> - Formação étnica e territorial e composição religiosa dos povos no processo histórico - Conflitos étnico-culturais e fronteiriços - Territórios autônomos 	

<p>suas implicações nos modos de vida, de produção, de trabalho e de consumo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Levantar informações desde a criação dos BRICS sobre a participação e políticas definidas dos países asiáticos envolvidos 	<ul style="list-style-type: none"> - Deslocamentos populacionais: refugiados - Produção alimentos, indústria e desenvolvimento científico e tecnológico - Rússia, Índia e China no contexto do BRICS
PLANEJAMENTO BIMESTRAL - QUARTO BIMESTRE	
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDOS
<p>--</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a estrutura física e ambiental dos territórios da Oceania e Regiões Polares - Descrever e listar as pesquisas científicas e expedições realizadas nas regiões polares do planeta - Relacionar a região do Ártico com a responsabilidade mundial de resguardar o patrimônio genético mundial de sementes dos alimentos - Compreender a interconexão do Ártico e Antártica a partir dos fenômenos geográficos em múltiplas escalas territoriais - Pesquisar a paisagem e países insulares da Oceania no contexto econômico, cultural e ambiental com o continente - Analisar o Tratado da Antártica para compreensão da dinâmica internacional específica do território - Pesquisar a presença brasileira no continente Antártico levantando as pesquisas desenvolvidas 	<p>OCEANIA E REGIÕES POLARES: ÁRTICO E ANTÁRTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - ilhas oceânicas - Paisagem, diversidade ambiental, potencialidades físicas naturais - Pesquisas científicas e expedições - “Arca de Noé” – banco genético de sementes no Ártico - População: distribuição, povos nativos - Tratado da Antártida - O Brasil na Antártica
Metodologia	Avaliação
<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Leitura e explicação de textos didáticos -Interpretação cartográfica -Análise de mídias visuais - Leitura e explicação de textos científicos e jornalísticos das mídias impressas e virtuais - Leitura pictórica <p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Pesquisa individual (biblioteca, laboratório de informática). -Pesquisa em grupo. (biblioteca, laboratório de informática). - Seminários - Leituras <p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atlas -Mapas políticos diversos -Mapas físicos diversos - Mapas Temáticos diversos -Literatura em geral (gêneros textuais) - Tirinhas em quadrinhos e charges -Livro didático - Músicas - multimídia (lousa digital, filmes, documentários, músicas, publicidades) -Textos de jornais e revistas - Banco de dados IBGE e demais órgãos institucionais oficiais - Computador - Pinturas artísticas - Roteiros de viajantes 	<p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Relatórios individuais e coletivos elaborados -Textos produzidos -Exercícios cartográficos feitos -Provas com consulta -Mapas elaborados -Gráficos e tabelas analisados - Pesquisas finalizadas - Desenhos completos <p>Critérios</p> <ul style="list-style-type: none"> -Coerência conceitual e temática -Exposição contextualizada das idéias. -Argumentação. -Clareza na exposição das idéias -Pontualidade na entrega das atividades -Transparência nas informações dos mapas - Organização das pesquisas (indicação de fontes e bibliografia) - Participação coletiva

PLANO ANUAL - 2018 GEOGRAFIA - ENSINO MÉDIO	
Dados de identificação	Objetivo Geral da Escola
Componente Curricular: Geografia Ensino Médio 1º ANO Prof: Luciana Vieira	Vinculado ao PPP
Objetivo Geral do Componente Curricular	
<p>"A Geografia que se quer ensinar para o ensino médio deve ser pensada no sentido de formar um cidadão que conheça os diferentes fenômenos geográficos da atualidade tendo em vista o processo de globalização e suas rupturas dados pela resistência dos movimentos sociais e as contradições inerentes ao sistema capitalista, além de privilegiar os diferentes cenários e atores sociais, políticos e econômicos em diferentes momentos históricos. As novas tecnologias de informação e a cartografia passam a ter também um papel importante na compreensão do mundo." (PCNEM,p.56)</p>	
Competências	
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de leitura, análise e interpretação dos códigos específicos de Geografia (mapas, gráficos, tabelas, etc.) considerando como elementos de representação de fatos e fenômenos espaciais ou espacializados • Aplicação e o uso das escalas cartográficas e geográficas como formas de organizar e conhecer a localização, a distribuição e a frequência dos fenômenos naturais e humanos. • Capacidade de compreender o espaço geográfico a partir das múltiplas interações entre sociedade e natureza. • Capacidade de compreender os fenômenos locais, regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando as dimensões de espaço e tempo. 	
EIXO TEMÁTICO A DINÂMICA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	
CONTEÚDO ANUAL	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Espaço geográfico, lugar e paisagem <ul style="list-style-type: none"> ➤ Planeta terra: coordenadas, movimentos e fusos horários ➤ Representações cartográficas, escalas e projeções ➤ Mapas temáticos ➤ Cartografia e tecnologia - A fisionomia da superfície terrestre <ul style="list-style-type: none"> ➤ Estrutura geológica ➤ Dinâmica da litosfera ➤ Atmosfera e clima ➤ Biomas, domínios naturais e hidrosfera- - Tecnologia, natureza e sociedade <ul style="list-style-type: none"> ➤ Matriz energética mundial ➤ Agricultura, natureza e tecnologia ➤ Revolução Industrial ➤ Questões ambientais mundiais ➤ Fenômenos Naturais e catástrofes ambientais ➤ Consciência ambiental: movimentos e mobilização - População Mundial: Estrutura, distribuição e dinâmica. <ul style="list-style-type: none"> ➤ Diversidades culturais ➤ Migrações ➤ Urbanização ➤ Territórios e conflitos 	
PLANEJAMENTO-PRIMEIRO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Introdução ciência geográfica – conceitos ➤ Coordenadas geográficas ➤ Movimentos da terra e estações do ano ➤ Fusos horários ➤ Formas de orientação ➤ Representações cartográficas, escalas e projeções 	<ul style="list-style-type: none"> - Entender os principais conceitos de Geografia para a leitura do mundo - Compreender o sistema de coordenadas geográficas e reconhecer sua importância para a localização de pessoas e objetos. -Saber aplicar o sistema de fusos horários de forma prática.

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Gráficos ➤ Mapas temáticos ➤ Cartografia, tecnologia e poder ➤ Sensoriamento remoto, Sistemas de posicionamento e navegação por satélites ➤ Sistemas de Informações Geográficas 	<p>-Aprender os movimentos de rotação e translação, como acontecem e suas consequências na vida das pessoas e natureza</p> <p>-Identificar a escala do mapa como redução da medida terrestre real, e reconhecer que a leitura da legenda é fundamental para a interpretação do mapa.</p> <p>-Reconhecer as principais técnicas e tipos de projeções cartográficas.</p> <p>-Identificar as principais tecnologias utilizadas pela cartografia no planejamento e nas atividades cotidianas</p>
PLANEJAMENTO--SEGUNDO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Estrutura geológica do planeta Terra ➤ Deriva continental e tectônica de placas ➤ Dinâmica da litosfera – a fisionomia da superfície da terra ➤ As estruturas e formas de relevo: agentes internos e externos ➤ Formação e conservação do solo ➤ Economia e recursos naturais renováveis e não renováveis ➤ Hidrosfera e fenômenos ambientais 	<p>- Descrever a formação geológica da Terra no tempo geológico relacionando com à tectônica de placas e a teoria da deriva continental.</p> <p>-Identificar a classificação do relevo a partir da leitura dos mapas e conhecimento da dinâmica da litosfera.</p> <p>-Reconhecer a atuação das forças endógenas e exógenas na formação da litosfera.</p> <p>- Questionar o uso, a exploração e consumo dos recursos naturais na economia global e na relação com o meio ambiente</p> <p>- Analisar as principais bacias hidrográficas no mundo e seu contexto regional de aproveitamento.</p> <p>-Entender a distribuição geográfica de água no planeta e a importância de usos adequados para o ambiente e a população</p>
PLANEJAMENTO BIMESTRAL – TERCEIRO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Biomas e domínios naturais ➤ Atmosfera e Fenômenos climáticos ➤ Teoria do aquecimento global e dinâmica climática do planeta ➤ Matriz energética mundial ➤ Indústria e uso das fontes de energia ➤ Agricultura, natureza e tecnologia ➤ Questões ambientais mundiais ➤ Segurança Alimentar e nutrição ➤ Consciência ambiental: movimentos e mobilização ➤ Desenvolvimento sustentável e políticas internacionais 	<p>-Identificar as diferentes paisagens dos domínios naturais existentes no planeta</p> <p>-Identificar os diferentes fatores determinantes do clima, naturais e de interferência humana.</p> <p>- Identificar nos mapas e ilustrações os biomas, sua localização e paisagem, bem como a importância da fauna e flora dos ambientes</p> <p>- Analisar todas as formas de geração de energia existentes no mundo e a política internacional do setor</p> <p>- Relacionar o consumo de energia mundial com o advento da Revolução Industrial</p> <p>- Compreender a relação existente entre agropecuária, economia e meio ambiente.</p> <p>-Conhecer os sistemas agrários, e a produção agrícola mundial, relacionando com a segurança alimentar e nutrição.</p>
PLANEJAMENTO BIMESTRAL - QUARTO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ População Mundial: estrutura, distribuição e dinâmica ➤ Crescimento Demográfico e dados estatísticos saúde e educação ➤ Diversidades culturais dos povos: etnias, linguagem, religiões ➤ Territórios e identidade, migrações e refugiados ➤ Urbanização mundial ➤ Conflitos territoriais ➤ Redes de transporte e comunicação 	<p>- Mapear a distribuição da população mundial nos territórios dos continentes</p> <p>- Ler e interpretar gráficos e tabelas que permitam a análise das características da população mundial</p> <p>- Analisar os conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos e ambientais no espaço geográfico mundial</p> <p>- Identificar as maiores cidades e metrópoles mundiais e sua relação e influência no fluxo de pessoas e mercadorias</p> <p>- Levantar dados estatísticos da mobilidade espacial da população entre continentes e formas de comunicação.</p>

Metodologia	Avaliação
<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Leitura e explicação de textos didáticos -Interpretação cartográfica -Análise de mídias visuais - Leitura e explicação de textos científicos e jornalísticos das mídias impressas e virtuais - Leitura pictórica <p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Pesquisa individual (biblioteca, laboratório de informática). -Pesquisa em grupo. (biblioteca, laboratório de informática). - Seminários - Leituras <p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atlas -Mapas políticos diversos -Mapas físicos diversos - Mapas Temáticos diversos -Literatura em geral (gêneros textuais) - Tirinhas em quadrinhos e charges -Livro didático - Músicas - multimídia (lousa digital, filmes, documentários, músicas, publicidades) -Textos de jornais e revistas - Banco de dados IBGE e demais órgãos institucionais oficiais - Computador - Pinturas artísticas - Roteiros de viajantes 	<p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Relatórios individuais e coletivos elaborados -Textos produzidos -Exercícios cartográficos feitos -Provas com consulta -Mapas elaborados -Gráficos e tabelas analisados - Pesquisas finalizadas - Desenhos completos <p>Crítérios</p> <ul style="list-style-type: none"> -Coerência conceitual e temática -Exposição contextualizada das idéias. -Argumentação. -Clareza na exposição das idéias -Pontualidade na entrega das atividades -Transparência nas informações dos mapas - Organização das pesquisas (indicação de fontes e bibliografia) - Participação coletiva

PLANO ANUAL - 2018 GEOGRAFIA - ENSINO MÉDIO	
Dados de identificação	Objetivo Geral da Escola
Componente Curricular: Geografia Ensino Médio 2º ANO Prof:Luciana Vieira	Vinculado ao PPP
Objetivo Geral do Componente Curricular	
<p>"A Geografia que se quer ensinar para o ensino médio deve ser pensada no sentido de formar um cidadão que conheça os diferentes fenômenos geográficos da atualidade tendo em vista o processo de globalização e suas rupturas dados pela resistência dos movimentos sociais e as contradições inerentes ao sistema capitalista, além de privilegiar os diferentes cenários e atores sociais, políticos e econômicos em diferentes momentos históricos. As novas tecnologias de informação e a cartografia passam a ter também um papel importante na compreensão do mundo." (MEC, 2006,p.56)</p>	
Competências	
<ul style="list-style-type: none"> • Assimilar os processos de mundialização dos espaços e a constituição das novas regionalizações. • Percepção dos fenômenos espaciais a partir da seleção, comparação e interpretação, identificando as singularidades ou generalidades de cada lugar, paisagem e território • Domínio em selecionar e elaborar esquemas de investigação que desenvolvam a observação dos processos de formação e transformação dos territórios, tendo em vista as relações de trabalho, a incorporação de técnicas e tecnologias e o estabelecimento de redes sociais • Capacidade de compreender os fenômenos locais, regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando as dimensões de espaço e tempo. 	
EIXO TEMÁTICO	
O MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO: AS QUESTÕES ECONÔMICAS E OS PROBLEMAS GEOPOLÍTICOS	
CONTEÚDO ANUAL	
<p>Sistema geográfico mundial</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Capitalismo: fases e inserção no mundo globalizado ➤ Capitalismo e socialismo ➤ Nova ordem mundial e globalização: pós guerras ➤ Política internacional – Organização das Nações Unidas – ONU ➤ Nacionalismos e Separatismos <ul style="list-style-type: none"> - Tensões, conflitos e guerras: ➤ Desenvolvimento e Subdesenvolvimento ➤ Índices Sociais e Econômicos, Declarações, acordos internacionais ➤ Globalização, Comércio internacional e Blocos Econômicos ➤ Brasil na economia global <p>O espaço geográfico mundial produzido/apropriado</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Organização da produção industrial <ul style="list-style-type: none"> - divisão internacional do trabalho e da produção As revoluções industriais Indústria no mundo globalizado: estudos de caso ➤ Poder global: G – 8 e G- 20 e BRICS ➤ Espaço agrário e espaço urbano contemporâneo 	
PLANEJAMENTO-PRIMEIRO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ O processo de desenvolvimento do capitalismo: comercial, industrial e financeiro ➤ Ordem geopolítica econômica do pós-guerra a nova ordem mundial ➤ Globalização e desenvolvimento humano ➤ Fluxo de informações, mercadorias e pessoas ➤ O comércio mundial- OMC ➤ Política internacional – Organização das 	<ul style="list-style-type: none"> - Entender o funcionamento da geopolítica mundial, os pólos de poder, as estratégias da política internacional na configuração do espaço mundial - Analisar o sistema capitalista no processo histórico com matrizes espaciais delineadas e materializadas no espaço econômico mundial - Identificar as principais correntes de fluxos de pessoas, mercadorias e informações no espaço geográfico mundial com o apoio de mapas temáticos.

<p>Nações Unidas – ONU</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Desenvolvimento e Subdesenvolvimento ➤ Divisão Norte e Sul- regionalização econômica e centros de poder 	<p>-Analisar os fundamentos, argumentos e intencionalidades das forças políticas e legislação mundial no acordo entre nações e territórios</p> <p>- Interpretar a partir de mapas, gráficos, tabelas e dados de pesquisa de instituições oficiais dos governos as diferenças entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos</p>
PLANEJAMENTO--SEGUNDO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Nacionalismos e Separatismos ➤ Terrorismo e guerras étnicas <ul style="list-style-type: none"> - Tensões conflitos e guerras: Oriente Médio, África, Ásia, Europa e América Latina ➤ Organização da produção industrial <ul style="list-style-type: none"> - divisão internacional do trabalho e da produção ➤ O comércio internacional e os blocos regionais ➤ Poder global: G – 8 e G- 20 e BRICS ➤ Brasil na economia global 	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar notícias e textos sobre os movimentos nacionalistas e separatistas que ocorrem no cenário geográfico mundial - Analisar a dinâmica da produção industrial no mundo, os pólos de importação e exportação e a relação com o trabalho humano na produção dos bens industrializados - Relacionar o comércio internacional com os blocos econômicos existentes no mundo, a força da fusão e as dificuldades de integração - Perceber a multipolarização do poder de grupos representativos integrantes do G-8, G-20 e BRICS, e sua inserção no Fórum Econômico Mundial e no Fórum Social Mundial - Situar o Brasil nos contextos econômico e político do espaço mundial
PLANEJAMENTO BIMESTRAL – TERCEIRO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Índices sociais e econômicos ➤ Objetivos do Desenvolvimento do Milênio - ODM e Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS ➤ As revoluções industriais na configuração do espaço geográfico mundial ➤ Indústria: localização e organização espacial ➤ Relações de trabalho contemporâneas ➤ Brasil no cenário internacional de produção e desenvolvimento de políticas públicas 	<ul style="list-style-type: none"> - Coletar dados estatísticos dos índices de desenvolvimento humano e das metas alcançadas pelos países com relação aos ODM - Compreender a importância histórica da indústria na configuração espacial e nas relações de trabalho, como também na definição das etapas do processo de industrialização. - Conhecer o processo de industrialização nos países que iniciaram a revolução industrial e nos territórios de maior produção industrial. - Perceber a inserção da indústria brasileira no cenário de produção mundial
PLANEJAMENTO BIMESTRAL - QUARTO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Espaço urbano e rural no mundo contemporâneo: o campo e a cidade ➤ Produção agrícola e tecnologia ➤ Transportes e telecomunicações: redes de informação ➤ Fontes de energia e recursos minerais no mundo industrializado ➤ Organismos financeiros internacionais, transnacionais e Organizações não governamentais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entender o desenho atual do mundo em paisagem urbana e rural, com suas funções específicas na prestação de serviços para a população mundial, e os impactos ambientais a partir das atividades agrícolas e industriais desenvolvidas no campo e na cidade - Identificar no espaço geográfico mundial cenários de urbanização e metropolização, reconhecendo as cidades globais e metrópoles como vetores na organização do território e distribuição da população. - Refletir sobre as relações entre processos de globalização, padronização de valores, ampliação e homogeneização de consumo. - Mapear a utilização e a exploração dos recursos naturais, a matriz energética e modelo de produção econômica vigente em relação aos ambientes naturais e condições de vida e trabalho das populações.

Metodologia	Avaliação
<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Leitura e explicação de textos didáticos -Interpretação cartográfica -Análise de mídias visuais - Leitura e explicação de textos científicos e jornalísticos das mídias impressas e virtuais - Leitura pictórica <p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Pesquisa individual (biblioteca, laboratório de informática). -Pesquisa em grupo. (biblioteca, laboratório de informática). - Seminários - Leituras <p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atlas -Mapas políticos diversos -Mapas físicos diversos - Mapas Temáticos diversos -Literatura em geral (gêneros textuais) - Tirinhas em quadrinhos e charges -Livro didático - Músicas - multimídia (lousa digital, filmes, documentários, músicas, publicidades) -Textos de jornais e revistas - Banco de dados IBGE e demais órgãos institucionais oficiais - Computador - Pinturas artísticas - Roteiros de viajantes 	<p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Relatórios individuais e coletivos elaborados -Textos produzidos -Exercícios cartográficos feitos -Provas com consulta -Mapas elaborados -Gráficos e tabelas analisados - Pesquisas finalizadas - Desenhos completos <p>Crítérios</p> <ul style="list-style-type: none"> -Coerência conceitual e temática -Exposição contextualizada das idéias. -Argumentação. -Clareza na exposição das idéias -Pontualidade na entrega das atividades -Transparência nas informações dos mapas - Organização das pesquisas (indicação de fontes e bibliografia) - Participação coletiva

PLANO ANUAL - 2018 GEOGRAFIA - ENSINO MÉDIO	
Dados de identificação	Objetivo Geral da Escola
Componente Curricular: Geografia Ensino Médio 3º ANO Prof: Luciana Vieira	Vinculado ao PPP
Objetivo Geral do Componente Curricular	
<p>"A Geografia que se quer ensinar para o ensino médio deve ser pensada no sentido de formar um cidadão que conheça os diferentes fenômenos geográficos da atualidade tendo em vista o processo de globalização e suas rupturas dados pela resistência dos movimentos sociais e as contradições inerentes ao sistema capitalista, além de privilegiar os diferentes cenários e atores sociais, políticos e econômicos em diferentes momentos históricos. As novas tecnologias de informação e a cartografia passam a ter também um papel importante na compreensão do mundo." (PCNEM, p.56)</p>	
Competências	
<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação de informações das diferentes formas de apresentação de dados como tabelas e gráficos, como instrumentos de análise de fatos, fenômenos e processos de espacialidades • Capacidade de compreender o espaço geográfico brasileiro a partir das múltiplas interações entre sociedade e natureza. 	
EIXO TEMÁTICO	
TERRITÓRIO BRASILEIRO	
CONTEÚDO ANUAL	
<p>Brasil: Estado, Território e Regionalização</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ A formação e a diversidade cultural da população brasileira ➤ Organização territorial do Brasil (IBGE e complexos regionais) ➤ Demografia e estrutura da população brasileira ➤ A natureza do território <p>- A ocupação produtiva do território</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ As cidades e a Urbanização brasileira ➤ Industrialização brasileira ➤ Produção de energia <ul style="list-style-type: none"> ➤ A agricultura e a questão agrária ➤ Transportes, comunicações e integração nacional <p>- A questão ambiental no Brasil</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Unidades de Conservação ➤ A política ambiental no Brasil ➤ O Brasil e os acordos ambientais internacionais 	
PLANEJAMENTO-PRIMEIRO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<p>Brasil: Estado, Território, Regionalização e População</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Organização territorial do Brasil (IBGE e complexos regionais) ➤ A formação e a diversidade cultural da população brasileira ➤ Migração população e refugiados ➤ Demografia e estrutura da população brasileira ➤ O PEA e a distribuição de renda no Brasil ➤ População e o IDH, dados estatísticos sociais, de saúde e educação 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as divisões administrativas oficiais do território brasileiro e demais regionalizações utilizadas nos estudos sobre o Brasil - Valorizar a diferença e diversidade na formação étnica da população brasileira reconhecendo espaços de vivências e culturas - Entender a miscigenação de povos e culturas que caracterizam o mosaico populacional brasileiro na formação e ocupação histórica do território brasileiro - Mapear a distribuição da população brasileira e sua inserção no mercado de trabalho

PLANEJAMENTO--SEGUNDO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<p>A natureza do território</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ As bases físicas do Brasil (geologia, relevo) ➤ Recursos minerais ➤ Diversidade climática: fenômenos naturais na atmosfera ➤ Domínios naturais e os recursos hídricos ➤ Biomas e bacias hidrográficas ➤ Enchentes, deslizamentos e áreas de risco ➤ Biodiversidade e patrimônio genético ➤ Ecossistema costeiro – ilhas oceânicas ➤ Atividades extrativistas – floresta e mar 	<ul style="list-style-type: none"> - Relacionar a dinâmica e composição das paisagens no território nacional com os fenômenos naturais e atividades econômicas no espaço. - Mapear a natureza do território nacional integrando geologia, relevo, clima, vegetação e hidrografia na composição dos domínios naturais - Caracterizar a riqueza mineral e de patrimônio genético do território nacional no continente e ambiente costeiro . – Comparar a diversidade de fauna e flora em território brasileiro com seu valor ambiental e econômico
PLANEJAMENTO BIMESTRAL – TERCEIRO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<p>A ocupação produtiva do território</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ As cidades e a urbanização brasileira ➤ Organização territorial, tecnologia e dinâmica da indústria ➤ Indústria e Energia no Brasil ➤ Fontes e formas de energia ➤ Sistemas de transporte e comunicação no território nacional ➤ A agricultura, a questão agrária e a sustentabilidade ➤ O agronegócio no Brasil ➤ - produção agropecuária 	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar o processo de urbanização no Brasil, as funções das cidades e as consequências da segregação sócio espacial no território Diferenciar as diversas fontes de energia utilizadas para fazer funcionar os mecanismos dos três setores da economia (primário, secundário e terciário), bem como atender a demanda de consumo da população brasileira - Levantar dados das fontes de energia utilizadas no Brasil e os impactos da escolha no meio ambiente - Entender a concepção das redes urbanas na articulação dos fluxos de pessoas, mercadorias, informações e capitais - Analisar as políticas públicas territoriais aplicadas para integração nacional das regiões brasileiras a partir do desenho das redes de transportes e comunicações implantadas -- Relacionar a configuração territorial do Brasil com o processo industrial, de urbanização e estrutura fundiária estabelecidos com o desenvolvimento de atividades industriais e agrárias distribuídas em todo território nacional
PLANEJAMENTO BIMESTRAL - QUARTO BIMESTRE	
CONTEÚDOS	HABILIDADES
<p>A questão ambiental no Brasil</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Unidades de Conservação Brasileira ➤ A política ambiental no Brasil ➤ O Brasil e os acordos ambientais internacionais ➤ Agenda ambiental 2030 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a grandeza do patrimônio ambiental brasileiro, sua importância para a população brasileira e mundial - Identificar todas as Unidades de Conservação existentes no território brasileiro, suas características, importância ambiental e social e função que exercem. - Estudar e analisar a legislação ambiental brasileira e os acordos internacionais firmados pelo Brasil. - Pesquisar a relação sociedade natureza, aspectos da sustentabilidade nacional e planetária como resultantes dos processos de ocupação/formação territorial e social
Metodologia	Avaliação
<p>Estratégias:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Leitura e explicação de textos didáticos -Interpretação cartográfica -Análise de mídias visuais - Leitura e explicação de textos científicos e jornalísticos das 	<p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Relatórios individuais e coletivos elaborados -Textos produzidos -Exercícios cartográficos feitos -Provas com consulta

<p>mídias impressas e virtuais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura pictórica <p>Técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Pesquisa individual (biblioteca, laboratório de informática). -Pesquisa em grupo. (biblioteca, laboratório de informática). - Seminários - Leituras <p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atlas -Mapas políticos diversos -Mapas físicos diversos - Mapas Temáticos diversos -Literatura em geral (gêneros textuais) - Tirinhas em quadrinhos e charges -Livro didático - Músicas - multimídia (lousa digital, filmes, documentários, músicas, publicidades) -Textos de jornais e revistas - Banco de dados IBGE e demais órgãos institucionais oficiais - Computador - Pinturas artísticas - Roteiros de viajantes 	<ul style="list-style-type: none"> -Mapas elaborados -Gráficos e tabelas analisados - Pesquisas finalizadas - Desenhos completos <p>Crítérios</p> <ul style="list-style-type: none"> -Coerência conceitual e temática -Exposição contextualizada das idéias. -Argumentação. -Clareza na exposição das idéias -Pontualidade na entrega das atividades -Transparência nas informações dos mapas - Organização das pesquisas (indicação de fontes e bibliografia) - Participação coletiva
--	---

APENDICE E – Planejamento Anos Iniciais



PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULO LOPES SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Desde que a criança nasce os seus contatos com o mundo, seja por intermédio da mãe, seja pelo esforço da própria criança, buscam a conquista de um espaço. Um espaço que não é mais o ventre materno onde ela está protegida, mas um espaço amplo, cheio de desafios e variados obstáculos, e que, para ser conquistado, precisa ser conhecido e compreendido. E isso a criança vai fazendo, superando os desafios e ampliando cada vez mais a sua visão linear do mundo. Quer dizer, em termos absolutos, ela consegue ir avançando a sua capacidade de reconhecimento e de percepção. Ao caminhar, correr, brincar, ela está interagindo com um espaço que é social, está ampliando o seu mundo e reconhecendo a complexidade dele. (CALLAI, 2005, 232-233)

PROPOSTA DE PLANO DE GEOGRAFIA ANOS INICIAIS

ELABORAÇÃO - Prof. Me Luciana Vieira

1º ano

OBJETIVO GERAL DA DISCIPLINA – Estimular o olhar espacial da criança para seu espaço vivido, desenvolvendo a leitura do seu lugar e paisagem e das relações de convivência com os diversos grupos sociais.

Objetivos de aprendizagem	Conteúdos
TEMA: LUGAR E PAISAGEM	
Reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inseridos, os diferentes fenômenos da natureza e o conjunto de seus elementos formadores	Natureza do lugar – composição natural da paisagem (base física - relevo, hidrografia, clima, flora, fauna)
Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais, nos espaços de moradias que constroem	Paisagem local – moradia, genealogia familiar ontem (origem) e o hoje – identidade com o lugar
Saber se localizar no lugar de moradia e vivencia, reconhecendo espaços de vizinhança.	-moradias diferentes grupos humanos e culturas e seres vivos (habitat)
Perceber as construções humanas que fazem parte de seu cotidiano e rotina diária	Espaço vivido – grupos sociais e setores da economia local
Diferenciar espaços públicos de convivência social e uso da comunidade Passear pelo seu lugar de moradia e visualizar os locais de convivência social	Serviços públicos de atendimento na comunidade, praças, parques, serviços privados de atendimento coletivo (salão de beleza, barbearia, bares, restaurantes) Igrejas, templos, terreiros, centros de convivência social, quadras de esporte
Ilustrar e desenhar a paisagem local representando com traços simples seu caminho casa-escola	Espaço vivido- trajetos cotidianos
Conhecer as profissões de sua família e no espaço escolar	Espaço vivido-tipos de profissões de convivência
Desenhar espaço da escola, sala de aula numa visão vertical	Alfabetização cartográfica Espaço vivido – orientação espacial (direita, esquerda, frente e atrás) – noções de lateralidade.

2º ANO

OBJETIVO GERAL DA DISCIPLINA – Desenvolver a leitura do seu lugar e paisagem das relações de convivência com os diversos grupos sociais.

Objetivos de aprendizagem	Conteúdos
TEMA: LUGAR E PAISAGEM	
Conhecer e começar a utilizar fontes de informação escritas no reconhecimento de sua identidade e seu lugar	Relações sociais no espaço– regras de convivência, documentos civis (certidão nascimentos, identidade, matricula escola, cartão de saúde)
Resgatar sua história no lugar, descobrindo seu local de origem e descendência	Gênese social – formação cultural – identidade afro –brasileira, indígena e européia
Descrever e registrar elementos da paisagem de seu espaço vivido	Lugar e Paisagem
Conhecer as primeiras noções cartográficas de localização	Orientação espacial – caminho escola, espaço escolar e sala de aula (norte, sul, leste e oeste)
Identificar no lugar todas as estruturas humanizadas que organizam seu lugar de moradia	Espaço vivido – organização espacial (funções dos elementos da paisagem) – estrutura das vias públicas - sinais trânsito - serviços públicos (iluminação, abastecimento de água, saneamento básico, coleta lixo) - meios de transporte - meios de comunicação
Desenhar e escrever com legenda simples seu lugar de convivência e relações sociais	Espaço vivido: lugar de convivência e relações sociais Alfabetização cartográfica, caminhos do cotidiano (casa-escola) Espaço vivido – orientação espacial (direita, esquerda, frente e atrás) – noções de lateralidade

3º ANO

OBJETIVO GERAL DA DISCIPLINA – Compreender a diversidade da paisagem rural e urbana no município, ampliando o olhar espacial na relação entre natureza e comunidade.

Objetivos de aprendizagem	Conteúdos
PAISAGEM URBANA E PAISAGEM RURAL - MUNICÍPIO	
Entender com clareza as diferenças entre a paisagem rural e urbana, reconhecendo seus limites e funções	Conceito de rural (campo) e cidade (urbano) - perímetro urbano - território: limites município
Estudar os pontos cardeais e colaterais para entendimento de sua posição geográfica no território municipal	- orientação espacial – rosa dos ventos - mapa do município (estratégia e recursos)
Reconhecer o território do município a partir da leitura de mapas simples, identificando seu lugar	Paisagem rural e urbana- caracterização - elementos naturais e humanizados -diferentes funções - população rural e urbana do município (IBGE) - os bairros e comunidades do município
Reconhecer no lugar no qual se encontram inseridos as relações sociais e de trabalho	- modos de vida no município: tradicional e moderno (técnicas e tecnologias do campo e

construídas ao longo do tempo	cidade) - meios de comunicação e transportes
Visualizar as atividades desenvolvidas pelos habitantes do município na área urbana e rural	-- Organização espacial do município Área rural – propriedades rurais produções agrícolas e pecuárias e áreas de preservação -área urbana – serviços públicos (instituições do legislativo, executivo e judiciário) e setores econômicos.
Compreender algumas das consequências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local na área urbana e rural	- Paisagem transformada – questões ambientais no município - mapa do município com a paisagem rural e urbana (estratégia e recurso)

4º ANO

OBJETIVO GERAL DA DISCIPLINA – Compreender a diversidade e construção da paisagem rural e urbana no Estado de Santa Catarina articulado com estudo do território brasileiro.

Objetivos de aprendizagem	CONTEÚDO
PAISAGEM URBANA E PAISAGEM RURAL – SANTA CATARINA E INTRODUÇÃO AO TERRITÓRIO BRASILEIRO	
Utilizar a linguagem cartográfica para representar e interpretar informações como indicações de distância, orientação e proporção na localização das paisagens	- Formação das paisagens no planeta - formas de orientação e movimentos do planeta -localização espacial: Brasil e Santa Catarina
Relacionar todos os elementos naturais no conjunto da dinâmica da natureza e ação da sociedade	- Aspectos da natureza de Santa Catarina: relevo, clima, hidrografia e vegetação – características físicas e ação da sociedade
Conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais, como se relacioname interagem na ocupação das paisagens rurais e urbanas	- Formação inicial, ocupação e povoamento da população de Santa Catarina articulada ao Brasil
Identificar e interpretar gráficos, tabelas e mapas com a distribuição da população	- distribuição e mobilidade espacial da população urbana e rural atual de Santa Catarina e Brasil (IBGE, 2010)
Reconhecer os setores da economia primário, secundário e terciário no espaço geográfico catarinense	- Atividades econômicas no espaço geográfico de Santa Catarina na área urbana e rural
Identificar os espaços de circulação de pessoas e mercadorias no território de Santa Catarina	- Transportes em Santa Catarina – rodovias, ferrovias, portos e aeroportos

5º ANO

OBJETIVO GERAL DA DISCIPLINA –Estudar o território catarinense e brasileiro na sua diversidade e complexidade regionais.

Objetivos de Aprendizagem	Conteúdos
TERRITÓRIO SANTA CATARINA e BRASIL	
Ampliar seus conhecimentos sobre as paisagens rurais e urbanas de Santa Catarina e Brasil, através da compreensão das divisões políticas-administrativas e regionais do território	- regionalização do espaço catarinense e brasileiro - divisão político – administrativa do Brasil e SC (IBGE)
Caracterizar todas as regiões brasileiras, suas paisagens naturais e humanizadas, população, economia, cultura e modos de vida	- Regiões do Brasil: Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste - características gerais sociedade e natureza na paisagem rural e urbana
Detalhar e aprofundar o conhecimento do espaço catarinense identificando a ocupação e povoamento e organização diferenciada das atividades desenvolvidas no contexto das regiões do espaço catarinense	- Mesorregiões de Santa Catarina – norte catarinense, sul catarinense, serrana, grande Florianópolis, oeste catarinense e Vale do Itajaí
Adotar uma atitude responsável em relação ao meio ambiente para se ter uma vida com qualidade ambiental	- Questão ambiental em Santa Catarina articulada Brasil - Fenômenos climáticos no território catarinense (enchentes, tempestades, deslizamentos)

APENDICE F - Experiência didática: meu lugar



Comunidade Penha – Paulo Lopes/SC



Comunidade Tijela – Paulo Lopes/SC



Comunidade Penha – Paulo Lopes/SC



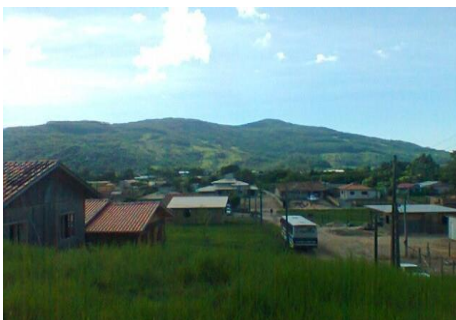
Comunidade Ribeirão – Paulo Lopes/SC



Comunidade Tigela – Paulo Lopes/S



Comunidade Ribeirão – Paulo Lopes/SC



Comunidade Penha – Paulo Lopes/SC

APENDICE G – Experiência didática PNEM



Trabalho em grupos – recorte e montagem das frases



Elaboração do mapa do mundo



Colagem dos princípios da Carta da Terra no mapa



Inserção de elementos e símbolos universais



Pintura dos oceanos



Socialização na escola



APENDICE H – Experiências didáticas: Paulo Lopes/SC



Na praia – Gamboa – Garopaba/SC



Desenhando meu lugar



Porto de Imbituba/SC



Apoio Geografia Anos Iniciais



Apoio Geografia – Educação Infantil



Aula integrada Geografia, Matemática, História e Língua Portuguesa – Fortes Ilha de SC



Apoio Geografia Educação Infantil



Aula integrada Geografia e Matemática – Planetário UFSC

APENDICE I – Formações

EEB Tania Mara – Biguaçu/SC



Gestores rede estadual – Polo Palhoça/SC



Ensino Médio Inovador



Gestores rede estadual – Polo Biguaçu/SC



UDESC/EAD – Treze Tílias



Gestores – Florianópolis/SC



Campos Novos/SC



UDESC – CEAD – Webconferência-
Florianópolis/SC



Laguna/SC



Tutores Rede Estadual/SC- 35 gerências - Florianópolis/SC



Caçador/SC



EEB Ursulina de Senna Castro – Palhoça/SC – Professores/as



Itajaí/SC



Secretaria de Estado da Educação/SC – BNCC- Geografia



Tubarão/SC



Gestores/as Grande Florianópolis/SC



PNAIC – Laguna/SC



FAED/UEDESC – Curso de Pedagogia



Faculdade Municipal de Palhoça/SC
Curso Pedagogia



EEB Frederico Santos – Paulo Lopes/SC
Reunião Comunidade



Coordenação PPP EEB Frederico Santos –
Paulo Lopes/SC



BNCC e questões étnico-raciais –
FEDERER/SC



Santo Amaro da Imperatriz/SC



EEB Tereza Ramos - Corupá/SC



Laguna/SC – Formação professores/as –
Ciências Humanas



São Paulo/SP – representando a SED/SC



EEB Irineu Bornhausen– Florianópolis/SC



EEB Laurita Dutra de Souza– São José/SC



Atualização da PCSC 2014
Balneário Camboriú/SC



EEB Francisco Tolentino – São José/SC



Sangão/SC

EEB Prof Julieta Pavan Simões – Imbituba/SC



